



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

**A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES MÊMICAS DE INTERNET NO  
PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA INTERFACE DA GRAMÁTICA  
SISTÊMICO-FUNCIONAL E DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL**

Wilquer Quadros dos Santos

SÃO CARLOS  
2020



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES MÊMICAS DE INTERNET NO PORTUGUÊS  
DO BRASIL: UMA INTERFACE DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E DA  
GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

WILQUER QUADROS DOS SANTOS  
Capes/Brasil

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

São Carlos – São Paulo – Brasil  
2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

---

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Wilquer Quadros dos Santos, realizada em 25/08/2020.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Flavia Bezerra de Menezes Hirata Vale (UFSCar)

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio (UEM)

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira (UFMS)

Prof. Dr. Luiz Andre Neves de Brito (UFSCar)

Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli (UFSCar)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Ao Trino Deus,  
Dono de toda a ciência, Digno de honra, Verbo encarnado, Inspiração minha,  
Fonte primária de todas as línguas e a quem todas confessarão.

À minha família,  
Abraços do meu pai, colo da minha mãe, cumplicidade do sorriso do meu irmão.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por todo amor, cuidado e provisão, por toda inspiração; em Cristo, insuportável graça; no Espírito, perfeita consolação. Sou devedor desse amor.

A minha família, meus preciosos pais e irmão, por toda palavra de bênção vertida, por toda oração aos céus elevada, pelas renúncias e pelo constate amor na caminhada. Sou devedor desse amor.

Aos meus pastores, Mauro e Aline Silva, por todo cuidado, proteção, sustento e orientação que têm dispensado a mim. Sou devedor desse amor.

Aos amados pastores Mário Borges Silva e Nazir Ferreira Silva, aqueles que primeiro acreditaram, que tanto investiram e amaram. Que saudades!! Sou devedor desse amor e confiança.

A minha orientadora, pelo generoso acolhimento, pelo direcionar no trato linguístico, pela paciência e constante cuidado, pela proteção e por lutar por mim, por me permitir crescer à sombra de seu trabalho. Sou, desse amparo, também devedor.

Aos professores Caroline Carnielli Biazolli, Juliano Desiderato Antônio, Luiz André Neves de Brito, Taisa Peres de Oliveira pela leitura atenta e contribuições para o desenvolvimento, maturação e êxito deste trabalho de pesquisa.

A meus amigos, Vinny Correa, Línive Correa, Deliony Magalhães, Cristhian Gonçalves e Rainne Quadros (virtuosa cunhada), pelo companheirismo e pelo cuidado, pelas passagens e caronas, pelos choros e pelos risos. Sou completa e satisfatoriamente PRA SEMPRE devedor desse amor.

Ao Intituto Federal de Mato Grosso do Sul, em especial aos professores do Campus Coxim, pelo apoio à realização desta Tese

A Capes, pelo apoio financeiro à realização deste trabalho de pesquisa.

A maior riqueza  
do homem  
é sua incompletude.  
Nesse ponto  
sou abastado.  
Palavras que me aceitam  
como sou  
— eu não aceito.  
Não aguento ser apenas  
um sujeito que abre  
portas, que puxa  
válvulas, que olha o  
relógio, que compra pão  
às 6 da tarde, que vai  
lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai. Mas eu  
preciso ser Outros.

**Retrato do artista quando coisa – Manoel de Barros**

*Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas. Dizia que seu avesso era mais visível do que um poste. Com ela as coisas tinham que mudar de comportamento. Aliás, a moça me contou uma vez que tinha encontros diários com suas contradições. Acho que essa frequência nos desencontros ajudava o seu ver oblíquo. Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a contemplavam. Chegou de ir no oculista. Não era um defeito físico falou o diagnóstico. Induziu que poderia ser uma disfunção da alma. Mas ela falou que a ciência não tem lógica. Porque viver não tem lógica – como diria nossa Lispector.[...] Veja isto: Rimbaud botou a beleza nos olhos e viu que a beleza é amarga. Tem Lógica? - Também ela quis trocar por duas andorinhas os urubus que avoavam no Ocaso de seu avô. O Ocaso do seu avô tinha virado uma praga de urubu. Ela queria trocar porque as andorinhas eram amoráveis e os urubus eram carniceiros. Ela não tinha certeza se essa troca podia ser feita. O pai falou que verbalmente podia. Que era só despraticar as normas. Achei certo.*

**Um olhar – Manoel de Barros**

## RESUMO

Este trabalho objetiva investigar, mapear, analisar e descrever as características linguísticas e visuais tipificadoras, a saber, a construção gramatical do gênero digital Meme de internet no português do Brasil, na interface da Gramática Sistêmico-Funcional e da Gramática do Design Visual. Com o advento da Internet e, especialmente, das redes sociais, o Meme emerge como um amálgama de semioses, um gênero digital multimodal de tom humorístico e crítico. Contudo, originalmente, o termo meme, distanciando-se do sentido que lhe é atribuído hodiernamente na Internet, foi cunhado pelo zoólogo Richard Dawkins, em 1976, no livro *O Gene Egoísta*. Esse neologismo (meme) foi criado a partir da raiz da palavra grega *Mimema* (imitação) e transposto à sonoridade similar à do termo *gene*, uma vez que, para Dawkins, o meme é o gene da cultura, uma unidade de transmissão e de imitação cultural (DAWKINS, 2017). A partir do levantamento das ocorrências mêmicas nas redes sociais, nos sites e nos repositórios online, a pesquisa, metodologicamente, focalizou a análise e a descrição da construção gramatical verbo-visual dos Memes de Internet, mapeando as funções léxico-gramaticais e visuais que possam ser tipificadoras do gênero em análise. Levando-se em conta o aspecto multissemiótico do Meme de internet, este estudo tem como aporte teórico, em linhas gerais, Blackmore (1999, 2000), Cabral e Fuzer (2014), Dawkins (2017), Gouveia (2009), Halliday (1985, 1994), Halliday e Matthiessen (2004, 2014), Heylighen (1994, 1997, 2009), Kress e van Leeuwen (1996, 2006), Lima-Lopes (2012), Marcuschi (2001, 2009), Neves (1994, 2001, 2012) e Recuero (2007). Por fim, entende-se que os Memes tipicamente podem ser compostos, no âmbito verbal, de processos materiais, orações declarativas e tema tópico. Na esfera visual, avultam os processos narrativos verbais e os conceituais simbólicos, assim como uma gramática do tipo Demanda, em plano médio e com ponto de vista frontal. Embora de maneira menos regular, a sintaxe visual é segmentada, dividindo a informação dada e a nova, predominando a cor, fonte e a colagem como fatores de saliência. Além disso, podem ser compostos de grupos nominais, de orações simples ou de complexos oracionais, sofrendo supressões e mudanças construcionais, sendo essas lacunas e variações recuperáveis no contexto de situação e na interface com o elemento visual.

**Palavras-chave:** Meme de internet. Gramática Sistêmico-Funcional. Gramática do Design Visual. Gêneros digitais. Multimodalidade.

## ABSTRACT

This work aims to investigate, analyze, map and systematize the linguistic and visual characteristics of Memes: a schematic structure of the digital genre known as Meme, particularly taken from the Internet in Brazilian Portuguese, in the interface of the Systemic-Functional Grammar and the Grammar of Visual Design. Since the advent of the Internet and especially of social sharing networks, Meme emerges as a multi-semiotic combination, a multimodal digital expression with a humorous and critical bias. Originally, the zoologist Richard Dawkins created the term meme in 1976 in the book *The Selfish Gene*. However, the meaning attributed to it on the Internet has distanced itself from the original meaning. This neologism (meme) was created from the root of the Greek word *Mimema* (imitation) and transposed to the sonority similar to the term gene, taking into consideration the fact that, for Dawkins, the meme is the gene of the culture. Dawkins conceives memes as behavioral replicators, transmission units and cultural imitation. For the author, memes are responsible for the propagation of facts, reproduction of thought and behavior (DAWKINS, 2017). Methodologically, this research focuses on the analysis and on the description of the verb-visual syntactic configuration of Internet Memes. Taking into consideration the survey of the memic occurrences between the years of 2014 and 2018 in social networks, sites, online repositories and classic models of this digital genre in the Brazilian Portuguese, a mapping of the lexical-grammatical and visual functions that can be typifiers of the genre under analysis is done, as well as the systematizing of the schematic structure of the genre from its linguistic and visual aspects, that is, from the textual completeness. In this paper, we analyze the multisemiotic aspect of the Meme from the internet, which has as its main theoretical contribution the authors Blackmore (1999, 2000), Cabral and Fuzer (2014), Dawkins (2017), Gouveia (2009), Halliday (1994, 2001, 2009), Kress and van Leeuwen (1996, 2006), Lima-Lopes (2012), Marcuschi (2001, 2009), Neves (1994, 2001, 2012), Recuero (2007). Finally, it is understood that Memes can typically be verbally composed of material processes, declarative sentences and topical themes. In the visual sphere, verbal narrative and symbolic conceptual processes increase, as well as a Demand type grammar, in the middle plane and from a frontal point of view. Although in a less regular way, the visual syntax is segmented, dividing the given and new information, predominating the color, font and collage as factors of salience. In addition, they can be composed of nominal groups, simple sentences or complex sentences, experiencing suppression and constructional changes. These gaps and variations are recoverable in the context of the situation and in the interface with the visual element.

**Key-words:** Systemic-Functional Grammar. Meme from the internet. Grammar of Visual Design. Digital genres. Multimodality.

## Lista de Figuras

<b>Figura 1:</b> Meme com legenda sobreposta/ <i>image macro</i> .....	53
<b>Figura 2:</b> Montagem de Memes no <i>Twitter</i> .....	54
<b>Figura 3:</b> Divulgação do áudio da JBS.....	57
<b>Figura 4:</b> Greve dos caminhoneiros e aumento da gasolina.....	57
<b>Figura 5:</b> Copa do Mundo 2018.....	58
<b>Figura 6:</b> Variáveis do contexto de situação, Metafunções e sistema léxico-gramatical.....	67
<b>Figura 7:</b> Meme da Copa do Mundo.....	69
<b>Figura 8:</b> Exemplificação e descrição de oração material.....	75
<b>Figura 9:</b> Exemplificação de processo relacional.....	79
<b>Figura 10:</b> Estrutura temática em Meme de internet.....	93
<b>Figura 11:</b> Representação da descrição visual dos processos narrativos.....	100
<b>Figura 12:</b> Descrição visual dos processos de ação transacional unidirecional.....	101
<b>Figura 13:</b> Descrição visual dos processos de ação transacional bidirecional simultâneo.....	102
<b>Figura 14:</b> Descrição visual dos processos reacionais.....	103
<b>Figura 15:</b> Exemplo de processo reacional não-transacional.....	104
<b>Figura 16:</b> Processo verbal em Meme de internet.....	105
<b>Figura 17:</b> Processo mental em Meme de internet.....	106
<b>Figura 18:</b> Meme da Eleição de 2014.....	108
<b>Figura 19:</b> Processo representacional conceitual analítico.....	109
<b>Figura 20:</b> Processo representacional conceitual simbólico atributivo.....	110
<b>Figura 21:</b> Processo representacional conceitual simbólico sugestivo.....	111
<b>Figura 22:</b> Oferta e Demanda no discurso visual.....	113
<b>Figura 23:</b> Show dos atrasados do ENEM.....	114
<b>Figura 24:</b> Exemplo de ponto de vista no discurso visual.....	115
<b>Figura 25:</b> Descrição interativa visual do Meme de Internet.....	116
<b>Figura 26:</b> Análise de elemento Dado e Novo.....	119
<b>Figura 27:</b> Descrição Dado e Novo em Meme de internet.....	120
<b>Figura 28:</b> Composição Central e Marginal no Meme de internet.....	121
<b>Figura 29:</b> Dimensões do espaço visual.....	122
<b>Figura 30:</b> Interface descritiva da GSF e da GDV.....	130
<b>Figura 31:</b> Exemplos do Memeplexo <i>Show dos atrasados/ENEM</i> .....	135
<b>Figura 32:</b> Exemplos do Memeplexo <i>É verdade esse bilete</i> .....	136

<b>Figura 33:</b> Memes verbo-visuais e verbais.....	137
<b>Figura 34:</b> Exemplos do memplexo <i>Cristiano Ronaldo e o filho</i> .....	138
<b>Figura 35:</b> Ocorrências de processos materiais e relacionais.....	141
<b>Figura 36:</b> Exemplo de modo oracional declarativo em Meme de internet.....	145
<b>Figura 37:</b> Exemplos dos tipos de tema em Meme de internet.....	148
<b>Figura 38:</b> Processos visuais narrativos e conceituais em Meme de internet.....	152
<b>Figura 39:</b> Composição interacional do Meme de internet.....	155
<b>Figura 40:</b> Valor e Enquadre no Meme de internet.....	159
<b>Figura 41:</b> Recursos de Saliência no Meme de internet.....	160
<b>Figura 42:</b> O Meme de internet em perspectiva: interface da GSF e da GDV.....	165
<b>Figura 43:</b> Exemplo da linguagem de Internet no Meme de internet.....	169
<b>Figura 44:</b> Singularidades de registro no Meme de internet.....	170
<b>Figura 45:</b> Meme e Contexto de Cultura.....	173
<b>Figura 46:</b> Meme, publicidade e comunicação.....	173
<b>Figura 47:</b> Meme, intertextualidade e consciência memética.....	174

## Lista de Quadros

<b>Quadro 1:</b> Perspectivas teóricas sobre Gêneros Textuais.....	31
<b>Quadro 2:</b> Taxonomia dos memes.....	46
<b>Quadro 3:</b> Levantamento do conceito de Meme nas Ciências Humanas e Sociais.....	49
<b>Quadro 4:</b> Descrição da integração multifuncional da oração.....	69
<b>Quadro 5:</b> Componentes da oração.....	71
<b>Quadro 6:</b> Tipos de circunstâncias.....	72
<b>Quadro 7:</b> Verbos que realizam processos materiais.....	74
<b>Quadro 8:</b> Participantes das orações materiais.....	76
<b>Quadro 9:</b> Tipos de orações mentais.....	78
<b>Quadro 10:</b> Descrição dos componentes do processo comportamental.....	81
<b>Quadro 11:</b> Verbos que realizam processos verbais.....	81
<b>Quadro 12:</b> Descrição dos componentes do processo verbal.....	82
<b>Quadro 13:</b> Descrição das orações existenciais.....	83
<b>Quadro 14:</b> Modelo descritivo da Metafunção Ideacional.....	84
<b>Quadro 15:</b> Papéis e funções de fala, valores trocados e funções semânticas.....	86
<b>Quadro 16:</b> Funções de fala e Reações do interlocutor.....	87
<b>Quadro 17:</b> Integração das funções de fala, dos valores trocados e dos modos oracionais.....	88
<b>Quadro 18:</b> Descrição dos componentes interpessoais da oração.....	89
<b>Quadro 19:</b> Recursos linguísticos de interpessoalidade .....	90
<b>Quadro 20:</b> Tipos de Tema.....	94

## Lista de Tabelas

<b>Tabela 1:</b> Relação dos Memeplexos entre 2014 -2018.....	127
<b>Tabela 2:</b> Descrição sintática e semiótica dos Memeplexos entre 2014-2018.....	133
<b>Tabela 3:</b> Mapeamento e quantificação dos processos ideacionais.....	139
<b>Tabela 4:</b> Mapeamento e quantificação dos modos oracionais.....	143
<b>Tabela 5:</b> Mapeamento e quantificação dos tipos de Tema.....	146
<b>Tabela 6:</b> Mapeamento e quantificação dos processos representacionais.....	150
<b>Tabela 7:</b> Mapeamento e quantificação dos elementos interacionais.....	153
<b>Tabela 8:</b> Mapeamento e quantificação dos elementos composicionais.....	157
<b>Tabela 9:</b> Memeplexos 2014-2018 e codificação.....	161
<b>Tabela 10:</b> O estatuto gramatical verbal do gênero digital Meme de internet.....	163
<b>Tabela 11:</b> O estatuto gramatical visual do gênero digital Meme de internet.....	164

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>1. Linguagem, escrita e comunicação na era digital.....</b>	<b>22</b>
1.1 Linguagem(ns) e Internet: peculiaridades e o estado natural de produção.....	24
1.2 Gêneros digitais e Multimodalidade: a construção conjunta do significado.....	28
<b>2. Memética, meme de Dawkins e Meme de Internet: concepções gerais.....</b>	<b>35</b>
2.1. Quanto ao gene de Dawkins: a unidade básica de seleção natural.....	35
2.2. Quanto ao meme de Dawkins: a unidade básica de transmissão cultural.....	38
2.3. Quanto ao meme da Memética: conceito, classificação e validação.....	42
2.4. Meme de internet: uma terminologia sequestrada.....	46
2.5. Meme de internet: humor e outras singularidades.....	55
<b>3. A Gramática Sistêmico-Funcional em perspectiva.....</b>	<b>61</b>
3.1 A concepção funcional e sistêmica da linguagem.....	62
3.2 Fundamentos basilares da GSF: texto, contextos e Metafunções.....	64
3.3 Metafunção Ideacional: oração como representação da experiência.....	70
3.3.1 Orações materiais (primárias).....	73
3.3.2 Orações mentais (primárias).....	77
3.3.3 Orações relacionais (primárias).....	78
3.3.4 Orações comportamentais (secundárias).....	80
3.3.5 Orações verbais (secundárias).....	81
3.3.6 Orações existenciais (secundárias).....	83
3.4 Metafunção Interpessoal: oração como codificação da interação.....	84
3.4.1 Preceitos fundamentais: papéis, valores, funções e modos oracionais.....	85
3.4.2 Componentes interpessoais da oração e recursos de interpessoalidade.....	88
3.5 Metafunção Textual: oração como composição da mensagem.....	91
3.5.1 Estrutura da informação: dado e novo.....	92
3.5.2 Estrutura temática: tema e rema.....	92
3.5.2.1 Tipos de Tema: tópico, interpessoal e textual.....	94
<b>4. A Gramática do Design Visual em perspectiva .....</b>	<b>96</b>
4.1 Metafunção Representacional.....	98
4.1.1 Representações narrativas.....	98
4.1.1.1 Processos de ação.....	99
4.1.1.2 Processo Reacional.....	102
4.1.1.3 Processos Verbal e Mental.....	104
4.1.1.4 Processo de Conversão.....	106
4.1.2 Representações conceituais.....	107
4.1.2.1 Processo Classificacional.....	107
4.1.2.2 Processo analítico.....	108
4.1.2.3 Processo simbólico.....	109
4.2 Metafunção Interativa.....	112
4.2.1 Olhar.....	112
4.2.2 Distância.....	114
4.2.3 Ponto de vista.....	115
4.3 Metafunção Composicional .....	117

4.3.1 Valor da informação.....	117
4.3.1.1 Dado e Novo.....	118
4.3.1.2 Ideal e Real.....	120
4.3.1.3 Central e Marginal.....	121
4.3.2 Enquadre.....	122
4.3.3 Saliência.....	123
<b>5. Princípios e procedimentos metodológicos.....</b>	<b>125</b>
5.1 Interface da Gramática Sistêmico-funcional e da Gramática do Design Visual.....	130
5.2 Meme de internet, contexto e uso: singularidades e metodologia descritiva.....	131
<b>6. Levantamento e análise dos dados.....</b>	<b>133</b>
6.1 Quanto à composição sintática e semiótica.....	133
6.2 Metafunção Ideacional (GSF): processos de transitividade verbal.....	139
6.3 Metafunção Interpessoal (GSF): modos oracionais.....	142
6.4 Metafunção Textual (GSF): tipos de Tema.....	145
6.5 Metafunção Representacional (GDV): processos narrativos e conceituais.....	149
6.6 Metafunção Interacional (GDV): olhar, distância e ponto de vista.....	153
6.7 Metafunção Composicional (GDV): valor, enquadre e saliência .....	156
6.8 O estatuto do gênero digital Meme de internet: a interface da GSF e da GDV .....	161
<b>Conclusões.....</b>	<b>168</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>176</b>

## INTRODUÇÃO

Após duas décadas do advento, expansão e massificação da Internet, em suas práticas comunicativas online, as pessoas produzem, consomem, compartilham e repercutem um grande número de informações, ideias, pensamentos e comportamentos, situando-se nos dois polos de circulação do texto, como bem apontara Crystal:

As pessoas têm mais poder de influenciar a linguagem da Web do que em qualquer outro meio, porque operam nos dois lados da divisão da comunicação, recepção e produção. Elas não apenas leem um texto, elas podem adicionar a ele. A distinção entre criador e receptor, portanto, fica borrada. O mais próximo que poderíamos chegar disso, na escrita tradicional, seria acrescentar nossas opiniões à margem de um livro ou sublinhar ou destacar passagens (2004, p. 208, tradução nossa)<sup>1</sup>.

Nas plataformas de acesso à Web 2.0, tal interação se materializa em múltiplos textos, por meio de imagens, vídeos, montagens e inúmeros gêneros emergentes da cultura virtual. Cabe pontuar que, conforme explicitado por Fontanella (2011), a Internet<sup>2</sup>, bem como seus processos constitutivos, pode ser compreendida em, pelo menos, dois momentos: o primeiro, na década de 90, quando deixa de ser restrita aos ambientes acadêmicos, expandindo-se para além de seus domínios; e o segundo, denominado de *Web 2.0*, em que a Internet começa a fazer parte do cotidiano, passando a estar presente nos diversos grupos e camadas sociais. É justamente nesse segundo momento que emergem as redes sociais e as mais variadas expressões semióticas, entre elas o gênero digital Meme de internet, discussão a ser desenvolvida posteriormente.

É neste cenário que se pretende, nesta tese, investigar, mapear, analisar e descrever as propriedades construcionais tipificadoras do gênero digital do Meme de internet<sup>3</sup>, fenômeno virtual intensificado na última década na Cibercultura. Compreendendo-lhe como uma

---

<sup>1</sup> No original: People have more power to influence the language of the Web than in any other medium, because they operate on both sides of the communication divide, reception and production. They not only read a text, they can add to it. The distinction between creator and receiver thus becomes blurred. The nearest we could get to this, in traditional writing, was to add our opinions to the margin of a book or to underline or highlight passages.

<sup>2</sup> Neste trabalho, concebe-se a Internet como uma “rede informática utilizada para interligar computadores a nível mundial, à qual pode aceder qualquer tipo de usuário, e que possibilita o acesso a toda a espécie de informação”, conforme aceção do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/internet>. Acesso em: 30 de julho de 2018. Além disso, a inicial maiúscula para o vocábulo Internet, neste estudo, será reservada para fazer referência à rede virtual, conforme definido pelo Dicionário Priberam; a minúscula, como vocábulo qualificador do termo Meme.

<sup>3</sup> Usaremos o termo Meme ou Meme de internet (indistintamente e com inicial maiúscula) para aludir ao gênero digital que emerge da Internet e que é alvo deste estudo. Quanto ao vocábulo meme (com inicial minúscula), será usado como referência ao termo pertencente à teoria Memética, num sentido amplo, conforme postulado por Richard Dawkins.

expressão textual, quer verbal ou visual, ou seja, constituída de um hibridismo semiótico significativo, intenta-se, à luz da Gramática Sistêmico-Funcional<sup>4</sup> (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), doravante GSF e GDV, respectivamente, descrever a gramática verbo-visual tipificadora desse modelo de texto, construto entendido, neste trabalho, como um gênero textual digital.

Contudo, no intuito de situar a evolução conceitual e o deslocamento de sentido da expressão mêmica, é válido destacar que, antes mesmo de o vocábulo Meme emergir e se popularizar na Internet, ele ganhou forma e contorno distintos na teoria biossocial postulada por Richard Dawkins. O autor britânico cunhou o termo meme no ano de 1976, quando da publicação de sua obra o *Gene Egoísta*. Declaradamente adepto do neodarwinismo, laureador e propalador da teoria evolucionista de Charles Darwin, Dawkins concebe o gene como a unidade básica de seleção natural, uma entidade biológica com capacidade de autorreplicação, isto é, com a possibilidade de fazer cópias de si mesma e se perpetuar pelas gerações através dos seres vivos em geral (DAWKINS, 2017). Semelhantemente ao que acontece na evolução biológica, o mesmo processo poderia se constatar também na esfera cultural.

Dessa forma, assim como existiria uma unidade replicadora biológica, para Dawkins (2017), haveria uma entidade responsável pela transmissão e evolução cultural que saltaria de cérebro a cérebro, uma unidade mínima que também teria a capacidade de desenvolver cópias fiéis a si mesma, em grande profusão e durante longo período de tempo, a saber, o meme.

Ao nos atentarmos para o ambiente da Internet, no entanto, o uso do termo meme parece ganhar significado distinto daquele proposto por Dawkins em 1976. Consoante Dawkins (2017) e Blackmore (1999), a definição a respeito do meme abarca uma gama de realizações ideológicas e linguísticas que podem ser vistas como expressões mêmicas. Partindo da nomenclatura criada por Dawkins, os usuários da Internet, especialmente os participantes das redes sociais, começaram a utilizar a palavra Meme para aludir a tudo que se propaga ou mesmo se espalha aleatoriamente na Grande Rede (SOUZA, 2013).

Afigura-se importante registrar que a primeira ocorrência do termo Meme na Internet é datada do ano de 1998, quando da criação, por Joshua Schachter, do site *Memepool*, espaço dedicado ao armazenamento e compartilhamento de conteúdos virais (HORTA, 2015, p. 13-

---

<sup>4</sup> Na obra *Introduction to Functional Grammar* (2014, p. viii), Halliday e Matthiessen estabelecem uma distinção entre Linguística Sistêmico-Funcional, como uma concepção e abordagem funcional de linguagem em amplo aspecto, e Gramática Sistêmico-Funcional, como uma parte integrante da LSF que trata dos aspectos léxico-gramaticais e descritivos no escopo desse modelo. Nos estudos do português brasileiro, por vezes, os termos são usados indistintamente. No que se refere a este trabalho, usaremos a terminologia GSF, uma vez que esta análise, em diálogo com aspectos extralinguísticos, tem como um dos enfoques a descrição dos sistemas de transitividade, de MODO e de estrutura temática do estrato léxico-gramatical.

14). Já no início dos anos 2000, Jonah Peretti, contando com a participação de diversas personalidades e influenciadores de opinião, promove o festival de virais. Então, a partir desse momento, o termo Meme passa a ser usado para aludir a todo artefato cultural ou informação que se propagava e difundia em profusão pela Internet (HORTA, 2015, p. 14).

De fato, a profusão desses replicadores é tão grande e tão acelerada que cresce, com rapidez, o número de sites destinados à produção e armazenamento de Memes de internet relacionados aos mais diversos assuntos. Como exemplo, é válido apontar: *Como eu me sinto quando*<sup>5</sup>, *Dicionário popular*<sup>6</sup>, *Jornal do Meme*<sup>7</sup>, *Memetizando*<sup>8</sup>, *South America Memes*<sup>9</sup>, entre outros.

Ainda assim, mesmo diante dessa presença maciça na cultura digital, parece persistir, até certa altura, uma imprecisão conceitual, dificultando definir-se claramente em que realmente consistiria o Meme de internet. Para Fontanella (2009), materializando-se por meio de frases, vídeos e *hashtags* em contexto virtual, os Memes poderiam ser associados a brincadeiras, trocadilhos, comportamentos, jogos e piadas que se espalham e replicam como um vírus pela rede. Entretanto, tais considerações ainda não sanam ou preenchem as lacunas interrogativas acerca do conceito de Meme de internet. Como único ponto de consenso, afirma Horta (2015, p. 13), entende-se que os Memes, de modo geral, são produzidos em “baixa qualidade técnica, possuindo, em alguns casos, um aspecto grosseiro e intencionalmente descuidado, além de serem realizados de forma lúdica e com uma aparente pretensão de provocar um efeito risível”. A autora acrescenta ainda que essa concepção se coaduna com a estética do *digital trash*, a saber,

(...) o *digital trash*, vocábulo adotado a partir da gíria dos usuários da internet, consiste, para a cibercultura, em um fenômeno que abriga a produção, a reprodução e o compartilhamento de criações textuais (imagéticas, audiovisuais, verbais), fundamentadas em uma estética propositalmente descuidada e difundidas de maneira viral nas redes sociais (HORTA, 2015, p. 14).

Dessa forma, contextualizada a temática referente à Cibercultura, bem como as dinâmicas de interação na Web, e intentando sanar as lacunas teóricas apontadas, avancemos para ponderações referentes ao nosso objeto de pesquisa, o Meme de internet. Primeiramente,

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://comoeumesintoquando.net/>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/playlist?list=PL2QGdIBrV3J6\\_ucDQHKIUFHM31Tvim1I9](https://www.youtube.com/playlist?list=PL2QGdIBrV3J6_ucDQHKIUFHM31Tvim1I9). Acesso em: 22 de novembro de 2018

<sup>8</sup> Disponível em: <https://memetizando.com.br/>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/southamericamemes/?hl=pt-br>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

nossa reflexão, apesar de partir das considerações propostas por Dawkins e seus discípulos quanto ao meme como unidade de transmissão cultural, não se encaminha nessa esteira de pensamento, tampouco se detém no meme conforme o entendimento da Memética. Antes, este trabalho visa a investigar o fenômeno mêmico como um gênero digital multimodal de uso corrente entre usuários da Internet, uma expressão textual em plena ascensão e solidificação na Cibercultura.

Quando Dawkins (2017) formula a palavra meme, lançando os fundamentos da sua teoria da evolução cultural, a Memética, não definiu com clareza em que realmente tal termo consistiria, como uma unidade replicadora. Em relação ao replicador biológico, unidade de seleção natural, e ressalvadas as controvérsias de tal teoria, Dawkins consegue demonstrar com maior precisão sua tese a respeito do gene e do processo de replicação e perpetuação dos seres.

Quanto ao meme, em contrapartida, tal vagueza parece persistir. Maior êxito não lograram outros adeptos no campo da Memética. Já na área dos estudos da Comunicação e dos Estudos Linguísticos (em menor número), muitos foram aqueles que se lançaram sobre a temática, ora pelo viés adotado por Dawkins, ora pela compreensão presente nas redes sociais. Contudo, mesmo que a bibliografia referente ao assunto tenha crescido na última década, ainda persiste a mixórdia, um certo grau de embaraço conceitual, pois um sem número de expressões textuais são apontadas como Meme de internet, como vídeos virais, frases engraçadas, *image-macro*, gifs animados. Dessa forma, como tudo pode ser memetizado, ou seja, ser transformado em um Meme, o que tipificaria o gênero textual digital Meme de internet? Em termos construcionais, qual sua composição? Podemos apontar alguma regularidade de uso linguístico nesse fenômeno virtual? Há algum aspecto distintivo e tipificador que norteia a produção dessa expressão textual?

Para tentar responder a tais questionamentos e considerações, e avançando na formulação do problema de pesquisa, buscou-se respaldo na Gramática Sistêmico-Funcional, que entende a linguagem como um construto para fazer e trocar significados em um contexto social de cultura e situação (CABRAL; FUZER, 2014), bem como na Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006), um modelo teórico de análise funcional da imagem com bases nas propostas da GSF. Desse modo, ancora-se esta tese na GSF e na GDV, teorias funcionais de compreensão da linguagem verbal e imagética, como uma forma plausível de investigar e mapear o estatuto gramatical do Meme de internet.

Delineada a temática, levantadas as perguntas da pesquisa e definidos os contornos teóricos que servirão de bases a este trabalho, passemos, portanto, à apresentação dos capítulos desta tese, bem como às considerações metodológicas da pesquisa.

A linguística funcional toma como ponto de análise a língua em uso, não apenas a oração ou texto em solitude, mas leva em consideração aspectos ligados ao contexto e às questões pragmáticas. Parte-se, portanto, neste trabalho, de considerações a respeito das especificidades do ambiente da Internet e da dinâmica de interação online, perpassando pelas teorias textuais e da produção e circulação de textos nas redes sociais para somente, então, feita a contextualização e entendidos os princípios de produção reguladores nesse contexto, passarmos propriamente ao objeto de estudo: o Meme de internet e suas singularidades composicionais e gramaticais.

Assim sendo, o primeiro capítulo é dedicado às questões relacionadas aos usos da linguagem na Internet, às questões relacionadas às características dos gêneros digitais e à multimodalidade, em especial, aos aspectos do contexto de produção e circulação dos Memes de internet. Destaca-se que, como um conjunto harmoniosamente adaptado ao seu contexto (GOUVEIA, 2009), os textos que emergem da Web 2.0 não escapam às peculiaridades próprias da interação online e das redes sociais: menor monitoração da escrita, informalidade, rapidez de interação, abreviações, integração de recursos semióticos, sintaxe fragmentada, termos elípticos, construções socialmente cristalizadas e semântica construída a partir da abstração do contexto de origem.

No segundo capítulo, já delimitados o ambiente e as especificidades sintáticas e semânticas de produção na Cibercultura, adentra-se, primeiramente, com maior segurança e familiaridade, no campo da Teoria Memética, precisando os conceitos e características do meme, e esboçando uma taxionomia mêmica, conforme postulado por Dawkins (2017), Blackmore (1999, 2000), Heylighen (1997), Castelfranchi (2001), Recuero (2007) e Shiffman (2013, 2014). No segundo momento, já nos termos do Meme de internet, conforme uso sagrado pelos usuários das redes sociais, avança-se tentando delimitar, no escopo deste trabalho, o conceito desse gênero textual digital consoante Duarte (2014), Oliveira Neta (2016, 2017), Santos (2018), Souza (2013), entre outros.

Como mencionado anteriormente, este estudo se encaminha com o objetivo de analisar a constituinte gramatical e semântica dos Memes de internet do português brasileiro a partir da observação e descrição dos componentes da dimensão verbo-visual desse gênero digital. Nesse propósito, no terceiro capítulo, delineiam-se considerações concernentes aos pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Sistêmico-funcional, bases funcionais de observação do fenômeno mêmico em uso, tentando mapear e analisar aspectos da constituinte verbal no escopo da multiplicidade funcional da expressão mêmica brasileira.

Fundamentados na concepção e no aporte teórico-metodológico da GSF, os autores Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2006) elaboram uma proposta de análise do discurso visual, um outro meio particular de significação semiótica. A GSF, em seu modelo de descrição teórico-metodológico, organiza a linguagem na realização de três Metafunções (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), e, da mesma maneira, Kress e van Leeuwen (2006) organizam a leitura de imagens à similitude das três Metafunções da GSF, só que aplicadas à leitura e à descrição da sintaxe visual, são elas: Metafunções representacional, interativa e composicional, respectivamente, ideacional, interpessoal e textual do modelo da LSF, pontos explicitados no quarto capítulo desta tese.

O quinto capítulo destina-se, exclusivamente, ao detalhamento e à pormenorização dos critérios de pesquisa e dos aspectos metodológicos deste estudo. Quando se trata da natureza dos gêneros emergentes no contexto online, assim como de suas linguagens constitutivas, um dos cuidados ao se abordar tais tipos de texto é justamente o limite entre o que seja a plataforma ou o programa de aporte do texto (redes sociais, sites, *software*, por exemplo) do que sejam propriamente as especificidades dos usos linguísticos na Cibercultura. Do mesmo modo, há de se ter cautela com as generalizações e descrições dos gêneros, pois, como pondera Marcuschi (2004), a forma como se usava linguagem na Internet nas décadas de 70-80 já não era mais a mesma como se usava no início dos anos 90.

Assim sendo, numa perspectiva qualitativa, delimitamos o quadriênio 2014-2018 para o levantamento dos principais Memplexos<sup>10</sup> do português brasileiro neste período. Tal levantamento foi realizado em sites e repositórios de Memes de internet do Brasil, que registram e catalogam os Memes brasileiros, levando-se em consideração apenas os Memes em Língua Portuguesa, ou predominantemente na língua materna, e constituídos apenas das modalidades verbais e/ou visuais, intentando, com isso, mapear as características construcionais verbo-visuais de uso que se sustentaram nesse período de tempo e que podem ser concebidas como tipificadoras do gênero em questão, o que reforça as bases funcionais dessa pesquisa.

No que concerne ao capítulo 6, por fim, nos detivemos no mapeamento, análise e descrição dos dados levantados, apresentando-se os resultados deste trabalho, traçando considerações, a partir dos dados encontrados, das características tipificadoras genológicas do Meme de internet, precisamente no que diz respeito às propriedades léxico-gramaticais e visuais dessa expressão multissemiótica.

---

<sup>10</sup> Neste trabalho, entende-se Memplexo como um conjunto (ou complexo) de textos mêmicos ligados a uma única temática ou fato, conforme compreendido por Santos (2018).

Ainda em tempo, e no propósito de sustentar a discussão a ser empreendida e o ordenamento dos capítulos desta tese, destaca-se que a análise das configurações sintáticas, funcionalmente, deve levar em conta as condições de produção dos textos mêmicos, uma vez que, adotando a perspectiva de Neves (1994, p. 111, grifo nosso):

Assim como a sentença é uma unidade sintática, o texto é a unidade operacional, e a função textual não se limita simplesmente ao estabelecimento de relações entre as frases, referindo-se, antes, à organização interna da frase, ao seu significado como mensagem, tanto em si mesma como na sua **relação com o contexto**.

Acrescenta ainda Maria de Helena de Moura Neves, em suas considerações a respeito dos parâmetros funcionais para os estudos linguísticos, que

Na perspectiva funcionalista, porém, não se considera que uma descrição da estrutura da sentença seja suficiente para determinar o som e o significado da expressão linguística, entendendo-se que a descrição completa precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e **estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente** (1994, p. 113).

Logo, tentando elaborar o estatuto da expressão mêmica de internet, é preciso pensar sua composição sintática a partir de um contexto em que a escrita, de alguma forma, divida seu espaço com a dinamicidade, informalidade e oralidade próprias da Internet, especificamente, das redes de relacionamento e compartilhamento, afinal:

(..) todo processo comunicativo está sujeito a especificidades que variam, entre outros fatores, de acordo com a modalidade (escrita ou oral), o contexto, a mídia, o suporte, o nível de formalidade/informalidade, os propósitos e, conseqüentemente, com os gêneros discursivos que viabilizam as práticas discursivas. Em síntese, isto significa que precisamos estar atentos às características das práticas discursivas em contextos online. (ARAÚJO; VILAÇA, 2012, p. 63)

Nesse ambiente, os Memes não escapam à velocidade e às características inerentes da interação, bem como às marcas de informalidade e oralidade presentes nos textos produzidos pela cultura virtual. A composição dos textos ou fragmentos de textos dos Memes de Internet, devido ao ambiente de rede e aos fenômenos ligados à oralidade (NEVES, 2012), na perspectiva que orientará este estudo, pode ser elaborada a partir de constituintes mais complexos, de realizações mais perfiladas à forma de uso da gramática tradicional.

No entanto, os Memes também são compostos de frases e orações subtendidas, sintaxe fragmentada e elíptica, redundâncias, repetição de termos e estruturas, e da supressão de conectores e da pontuação, todos pragmaticamente recuperáveis. Ainda sobre a ocorrência da oralidade em textos produzidos e veiculados pela Internet, as autoras Lajolo e Zilberman (2009

*apud* ARAÚJO; VILAÇA, 2012) explicam que transplantada para a tela, a escrita, que sempre procurou acompanhar a fala, oferece novas possibilidades de reproduzir a oralidade, infringindo normas cristalizadas dessa representação.

Tais considerações são necessárias, pois pavimentam o caminho para que passemos à observação das questões relacionadas aos usos de linguagem no contexto da Internet, especialmente das redes sociais, na perspectiva desta pesquisa, ambiente de emersão do texto mêmico.

## CAPÍTULO 1 - LINGUAGEM, ESCRITA E COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL

*Se a Internet é uma revolução, é provavelmente uma revolução linguística (CRYSTAL, 2004, p. viii, tradução nossa)<sup>11</sup>*

Remonta à Grécia, no período helenístico, como aponta Paiva (2004), a primeira menção à transmissão de mensagens de que se tem notícia, em 190 a.C. No conflito entre Persas e Gregos, em que o povo heleno fora exitoso, um general ateniense enviou um mensageiro para comunicar a vitória a seus compatriotas. Exausto do caminho, sem auxílio de qualquer tecnologia, morre, mas não sem antes balbuciar: “vitória”. Historicamente, além da veiculação de mensagens por meio de entidades humanas, como no caso citado, a comunicação também foi mediada de diversas outras maneiras e com o auxílio de inúmeras tecnologias. Contudo, foi com o advento da escrita, e sob o aporte dessa nova tecnologia, que o desenvolvimento da comunicação, e dos gêneros textuais, alça um enorme avanço. A partir de então, a tecnologia, e outros artefatos culturais de transmissão de mensagens e interação, a linguagem e os gêneros textuais percorrem caminhos praticamente indissociáveis, como, por exemplo, o Código Morse, o telefone, e, por fim, indubitavelmente, o computador. Em linhas gerais, como bem sintetiza Vera Lúcia Menezes de Paiva:

[...] a transmissão de mensagens iniciou-se de forma oral, com mediação humana, depois vieram os textos escritos (tijolos de argila, tábuas de cera, papiros, e documentos em papel – cartas, bilhetes, memorandos, ofícios, requerimentos). Uma revolução na transmissão de mensagens acontece com o advento do computador e a criação do correio eletrônico (2004, p. 68).

Tais considerações afiguram-se relevantes na medida em que, como os gêneros são históricos e, em muitos casos, estabelecem relação com a tecnologia, essas transformações desencadeiam novidades no campo da linguagem e da produção dos gêneros. Como exemplo da relação entre gêneros textuais e tecnologias, pode-se observar o telegrama, o telefonema, a entrevista televisiva ou radiofônica, o roteiro cinematográfico e muitos outros decorrentes de tecnologias específicas (MARCUSCHI, 2004, p. 18). Em relação à assunção das comunicações mediadas pelo computador e do chamado discurso eletrônico, Marcuschi acrescenta que “a tecnologia da computação, por oferecer uma nova perspectiva de uso da escrita num **meio eletrônico muito maleável**, traz mais possibilidades de inovação” (*Op. cit.*, grifo nosso). De fato, a introdução do computador parece que tem levado a uma nova economia da escrita, bem

---

<sup>11</sup> No original: If the Internet is a revolution, therefore, it is likely to be a linguistic revolution.

como a um novo patamar de produção e recepção de gêneros textuais no contexto da cibercultura.

Não obstante, se por um lado o avanço das tecnologias propiciou profundas transformações sociointerativas e linguísticas, garantindo maior plasticidade às formas textuais que são condicionadas e abrigadas no ambiente virtual, em outro compasso, o estranhamento e a rejeição para com a forma de escrita na Internet tiveram seu momento, ocuparam um espaço determinado de tempo. Tal descontentamento se manifestou nas escolas, em revistas e jornais, na televisão e mesmo em artigos acadêmicos. A esse respeito, com muita clareza, Komesu e Tenani ponderam que:

Consideramos que é a partir de um critério de pureza projetado como ideal da modalidade escrita que muitos fazem a crítica aos **usos que emergem da internet**. A imagem de degradação da escrita e, por extensão, a da língua, pelo uso da tecnologia digital, advém do pressuposto de que haveria uma modalidade escrita pura, associada seja à norma culta padrão, seja à gramática, seja à imagem de seu uso por autores literários consagrados; enfim, um tipo de escrita sem “influências” ou “interferências” da fala, que deveria ser seguido por todos em quaisquer circunstâncias. **Há, portanto, a presunção de um sistema abstrato de formas linguísticas destituído da expressão dos modos de interação e de sua relação com a sociedade, com a história, com a cultura** (2009b, p. 626-27, grifo nosso).

No entanto, passado, ou pelos menos tendo se atenuado, o estarecimento, e ante a ascensão das redes sociais, os usuários, e outros interessados na temática da área, começam a entender que não se usa a língua do mesmo modo em todas as situações, e mesmo a escrita e os textos estão sujeitos às condições de produção da qual emergem, não se excetuando a linguagem no contexto digital. Assim sendo, tal escrita não deveria ser entendida como uma corruptela da chamada boa Língua Portuguesa ou manifestação da baixa escolaridade dos interactantes, como alegado pelos mais puristas.

Nesse contexto, ao contrário, precisa-se pensar o texto a partir de um lugar de uso em que a escrita divida seu espaço com a oralidade, a informalidade, a velocidade e com o diálogo com as tecnologias da informação, tão caras à interação das redes sociais. De igual modo, os gêneros textuais emergentes do contexto digital também não escapam a essa dinâmica. Aos familiarizados com tais condições de produção, muitos dos quais nativos digitais (PALFREY; GASSER, 2011), é inerente a compreensão das estratégias discursivas, muitas vezes construídas para burlar algumas limitações tecnológicas, para acelerar a comunicação ou mesmo para desenvolver os turnos de comunicação e interação com maior propriedade. Dessa forma, a linguagem nas redes sociais, registre-se novamente, não pode ser compreendida como uma afronta à norma padrão, mas como apropriada ao contexto de produção e interação. Na sua

despretensão de linguagem, em que o uso não pede licença para sê-lo, manifesta-se o cálculo fônico, a manutenção das propriedades linguísticas ao mínimo possível para compreensão da mensagem e as estratégias discursivas para driblar as limitações de espaço e tempo nas redes sociais. Além disso, não se pode deixar de lado a própria multiforme rede de semioses que permeiam esse contexto, o que, obviamente, também produzirá significativas mudanças na materialidade verbal, como bem apontou Marcuschi (2004), aquilo que Crystal (2004) denominara de festa linguística (*linguistic party*).

Antes de chegar-se às ponderações sobre a natureza e a substância do gênero digital Meme de internet, objeto de estudo desta pesquisa, e entendendo que, para uma análise de bases funcionais, a mera descrição das propriedades sintáticas de um objeto não são o suficiente para determinar “o som e o significado de uma expressão linguística”, e ainda que uma “descrição completa precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente” (NEVES, 1994, p. 113), nos dedicaremos à análise do contexto e das condições de produção da qual emerge o Meme de internet, encapsulador, nos termos de Oliveira Neta (2017), da dinâmica de interação do ambiente virtual.

Portanto, nas seções seguintes, traçaremos considerações, em linhas gerais, no concernente à linguagem e à comunicação na era digital, à dinâmica de interação online, à estruturação do discurso, à relação dos gêneros digitais e da multimodalidade, e à construção compartilhada do significado. O delineamento de tais questões, ao arrolar as características da linguagem e do contexto dos gêneros que afloram na cultura digital, intenta precisar com contornos mais nítidos a observação do fenômeno mêmico de Internet no português do Brasil, conforme será explicitado no capítulo 2.

### 1.1 Linguagem(ns) e Internet: peculiaridades e o estado natural de produção

No curso atual das práticas comunicativas e mediante a evolução da interação online, não se pode negar que as transformações tecnológicas afetam diretamente os diferentes suportes e, desse modo, a forma como nos comunicamos (LIMA-LOPES, 2018). Como mencionado, com a invenção da escrita, o uso propulsou a criação da placa de barro, do papiro, do pergaminho, do papel, até culminar na invenção da imprensa, que afetou, em definitivo, o modo de produção, circulação e leitura de textos. De fato, as novas tecnologias comunicacionais geram novos ambientes, meios e novos usos, não se excetuando o telefone, rádio, televisão e,

sem dúvida, o computador, por conseguinte, a Internet, que se tornou um gigantesco ambiente para todos os formatos e semioses (MARCUSCHI, 2004).

É fato incontestado que a Internet assoma como um espaço em que surgem e se aportam uma miríade de expressões textuais resultantes dos processos de interação online. Como assevera Marcuschi (2004, p. 27), “a internet não é um ambiente virtual homogêneo, mas apresenta uma grande heterogeneidade de formatos e permite muitas maneiras de operação relativas à participação e aos processos interativos”. Nesse contexto, a comunicação e a construção do significado se manifestam por múltiplas semioses, obrigando a escrita (e a leitura<sup>12</sup>, de modo decorrente) a dividir espaço com várias formas de expressão, como a imagem, o som, vídeo, entre outras, ou seja, “computadores encorajaram os escritores a integrarem mais e mais materiais não-verbais em sua escrita” (HALLIDAY, 1996, p. 358 *apud* MARCUSCHI, 2004, p. 64).

Ainda assim, mesmo que de modo compartilhado, afirma Marcuschi (2004, p. 18), “um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia virtual depende totalmente da escrita”. Desse modo, a Internet não é o algar da linguagem escrita ou mesmo um empobrecimento do idioma (KOMESU, 2007), como propuseram alguns, mas a celebração da riqueza e da multiplicidade funcional da língua em uso. Acrescenta ainda Marcuschi (2004, p. 18, grifo nosso) que:

(...) a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na **escrita**. Na Internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e som. Por outro lado, a ideia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um **hibridismo mais acentuado**, algo nunca visto antes, inclusive com o **acúmulo de representações semióticas**.

Se não é verdade que não se pode afirmar que exista um tipo de fala por escrito, de igual modo não se pode olvidar a presença marcante de traços de oralidade e informalidade nos usos linguísticos em rede, como bem apontara Crystal (2004). Além disso, para além da relação fala-escrita, a linguagem da Internet tende a uma certa informalidade, menor monitoração e cobrança, sintaxe elíptica e fragmentada, supressão de termos e palavras, todas características geradas “pela fluidez do meio e rapidez do tempo” (MARCUSCHI, 2004, p. 29).

---

<sup>12</sup> Para Lévy (1996), conforme citado por GALLI (2004, p. 123), “um texto digitalizado permite novos tipos de leitura: uns textos se conectam com outros por meio de ligações hipertextuais, possibilitando o exame rápido de conteúdo, acesso não linear e seletivo do texto, segmentação do saber em módulos, conexões múltiplas, processo bem diferente da leitura em papel impresso. O autor chama este processo de *continuum* variado, que se desenrola entre a leitura individual de um determinado texto e a navegação em vastas redes digitais, que pode ser realizada por um grande número de pessoas”.

Quanto a David Crystal (2004), ao tratar do papel da linguagem na Internet e o efeito da Internet na linguagem, o autor postula algumas propriedades a respeito do modo que se encaminhariam os usos de linguagem, a integração multimodal (não propriamente nesse termo) e o uso dos gêneros textuais no ambiente virtual. Quanto aos usos da linguagem, sinaliza a predominância de siglas e abreviações, pontuação reduzida, desvios ortográficos. Em relação à natureza da linguagem, integram-se uma multiplicidade de semioses, já apontando para a multimodalidade que dominaria o estatuto dos gêneros digitais. Em relação a esses gêneros digitais, a Internet promove uma transformação dos gêneros antigos, amálgama outros e, certamente, desenvolve novos (CRYSTAL, 2001 apud MARCUSCHI, 2004, p. 19).

Komesu e Tenani (2009a) registram a presença de abreviações, omissão de acentuação gráfica, modificações no registro gráfico, repetição de vogais e uso exacerbado de pontuação como forma de marcar entoações e ritmos, todas peculiaridades constitutivas da heterogeneidade da linguagem, e não da degradação da Língua Portuguesa no ambiente da Internet. Em outro estudo, também sobre as práticas discursivas virtuais, sinalizam que

A prática de abreviação, o banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou a repetição de vogais, as modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras, são alguns dos traços que podem ser observados [...]. É esse quadro que, apresentado ao não-iniciado [no contexto digital], é quase sempre tomado como “simplificação da escrita”, com consequente “morte da língua” (KOMESU; TENANI, 2009b, p. 624).

Nessa perspectiva, o *Internetês*, “conhecido como o português digitado na Internet, caracterizado por simplificações de palavras que levariam em conta, principalmente, a interferência da fala na escrita” (KOMESU, 2007, p. 102), se difundiu em gêneros digitais e se manifestou nas práticas de escrita no ambiente online, com abreviações, abandono da acentuação, representação na escrita da fala prosódica, modificações ortográficas, supressão de vogais e elipse de termos oracionais, todos plenamente compreensíveis aos letrados da esfera digital e no contexto de produção e circulação. Komesu (2007, p. 102) ainda ressalta que é justamente esse uso de linguagem (*Internetês*) que o usuário da rede classifica, muitas vezes, como degradação da língua em sua modalidade escrita.

Valero, Vázquez Calvo e Cassany (2015) destacam as principais características da leitura e, por conseguinte, da escrita no contexto digital, a saber: Multimodalidade (na Internet, ocorre a integração de múltiplos meios semióticos); Heterogeneidade e Intertextualidade textual (na rede, há grande inconsistência de formas, variação de registros e estilo, bem como uma multiplicidade de vozes que permeiam o discurso); Hipertextualidade (a organização na tela é fluida, aberta, interconectada e não-linear).

No que se refere à questão da Multimodalidade e da Hipertextualidade como constituintes e modeladores da linguagem na Internet e dos gêneros emergentes desse contexto, Bonfim e Nascimento (2014) acrescentam que:

É indubitável que, mediante a internet, diferentemente do papel impresso, o texto apresenta-se com certa **aparência de movimento** e simultaneidade, no qual se sobressaem integrados, além do discurso, o elemento essencial, a sonoridade, a plasticidade, a imagem, os *links* de buscas e outros recursos, que **suplantam o texto comum**, caracterizando-se em hipertexto porque proporciona ao internauta a compreensão dos significados, com o propósito precípua de fomentar e deleitar-se com a leitura interativa (2014, p. 214, grifo nosso).

Além disso, tomando os enunciados verbais como sustentadores dos discursos online, a Internet, como suporte dessas práticas sociodiscursivas, exerce restrições, modificações e coerções sobre o discurso produzido, bem como sobre os gêneros, delimitando o tamanho dos textos, a quantidade de parágrafos e outros elementos constitutivos (BONFIM; NASCIMENTO, 2014). Dessa forma, na rede, a linguagem parece ser reduzida ao mínimo possível para garantir a inteligibilidade do texto, isto é, “só o necessário e relevante é escrito” (FERREIRA; SHEPHERD, 2011, p. 217). Quanto à relação das redes sociais e o condensamento linguístico, Bonfim e Nascimento exemplificam dizendo que:

É curioso observar as mensagens enviadas ou deixadas pelos usuários nas redes sociais como o *Orkut* [rede social existente quando da publicação do estudo], o *Facebook* e o *Twitter*, por exemplo, **que caracterizam a linguagem escrita, individual do sujeito, sem monitoramento, destituída de revisões e correções**. Essas mensagens peculiarmente são breves, e correspondem, frequentemente, aos recados curtos no *SMS* e *Twitter*, que apresentam, no máximo, 140 caracteres, por isso são abreviadas, instantâneas e, simultaneamente, dá-se sua recepção. Elas também apresentam novos caracteres como os *emoticons* - símbolos utilizados pelos internautas ao expressar seu estado de ânimo no momento em que se relacionam com outros interlocutores -, as abreviaturas, as reduções das palavras e outros códigos (2014, p. 217, grifo nosso).

Vilaça e Araújo (2012) arrolam algumas características da linguagem em contexto, destacando o uso de abreviações, registro escrito com mais proximidade com a pronúncia, estrangeirismos e siglas a partir da língua inglesa. Tal construção simplificada e abreviada levaria em conta a dinâmica de interação, promovendo uma escrita mais rápida e uma economia de tempo adaptada ao contexto interativo (ARAÚJO; VILAÇA, 2012, p. 65, 66), contribuem os autores.

Nesse sentido, para além do preconceito demonstrado à escritura em rede, é necessário adequar a linguagem ao contexto da Internet, saber como usar os variados textos que daí emergem, ou seja, como em qualquer outro ambiente, o indivíduo carece de uma competência para o uso e adequação da linguagem. Dessa maneira, além de dominar a linguagem própria

para o contexto, o usuário carece de compreensão das características dos gêneros digitais, sua formatação, condições de navegabilidade, formas de circulação do discurso, bem como o conjunto semiótico que constitui o texto (ARAÚJO; VILAÇA, 2012, p. 66-68). Em síntese, destacam os autores:

Se as práticas ciberculturais e os dispositivos tecnológicos influenciam as práticas comunicativas, não podemos deixar de reconhecer também que a comunicação influencia desenvolvimentos tecnológicos e a cibercultura. Apresenta-se, assim, uma tríade envolvendo tecnologia, cibercultura e linguagem, nas quais os impactos de uma sobre as outras entram em um jogo sofisticado e multifacetado, na qual cada uma recebe influências de naturezas e fontes diversas (ARAÚJO; VILAÇA, 2012, p. 69).

Por fim, salienta Melo (2004, p. 99), o importante, de fato, não é apenas entender a linguagem da Internet, seja a escrita ou a fala corrente, ou mesmo o hibridismo linguístico, “mas como os textos circulam em cada tipo de uso de um determinado recurso”.

Assim, como explicitado nesta subseção, os desenvolvimentos da Internet, bem como os usos linguísticos estabelecidos pelos participantes, acabaram produzindo uma linguagem própria, marcada por especificidades, com formas e expressões típicas, contextualmente sustentadas, em outras palavras, “todo usuário, de uma maneira ou de outra, acaba compreendendo o conjunto da rede e os termos que determinaram seu conteúdo e funcionamento” (GALLI, 2004, p. 122). Por conseguinte, em termos linguísticos, nas redes sócias, o que se constata é uma linguagem escrita não-monitorada, não submetida a revisões ou correções, também norteadas pela norma padrão, uma predominância de informalidade, marcas da dinâmica de interação e da velocidade de produção e circulação de conteúdo, a saber, “uma linguagem em seu estado natural de produção” (MARCUSCHI, 2004, p. 63).

Porém, a título de fechamento da discussão desenvolvida nesta seção e no intuito de estabelecer um escopo de validade a respeito dos aspectos precípuos nos usos de linguagem na Internet, em especial nas redes sociais de compartilhamento, é importante registrar que tais características podem ser mais salientes em determinadas produções do que em outras. Por exemplo, um comentário na página do facebook de um amigo é diferente de um comentário na página de uma empresa jornalística; ou seja, fatores do contexto de situação acabam refinando ainda mais essas características linguísticas em determinados gêneros textuais digitais, como no caso do Meme de internet, como será discutido a seguir.

## 1.2 Gêneros digitais e Multimodalidade: a construção conjunta do significado

As características da linguagem no contexto online, que tanto suscitaram celeumas entre leigos e estudiosos de diversas áreas, alcançaram não apenas as redes sociais, mas também se difundiram entre as mais variadas expressões textuais (KOSEMU, 2007, p. 102). Assim sendo, desse contexto de linguagem em seu estado natural de produção, conforme descrito na seção anterior, emergem os gêneros digitais no ambiente virtual. Como Marcuschi salienta, em relação à linguagem e à produção textual na Internet:

Seguramente, os novos meios eletrônicos não estão atingindo a estrutura da língua, daí que sua interface com a linguística não se dá precisamente no que toca aos aspectos nucleares do sistema, como a fonologia, a morfologia e a sintaxe. **Mas estão atingindo o aspecto nuclear do uso pela manifestação mais importante que é o texto.** São as novas formas de textualização que surgem e devem ser **analisadas com cuidado**, em especial quanto aos processos de condução tópica, produção de sentido e relações interpessoais. (MARCUSCHI, 2004, p. 67, grifo nosso).

Nessa perspectiva, ao se abordar a questão dos gêneros emergentes no ambiente online, identificando suas características e postulando concepções, corre-se um grande risco, haja vista a fluidez do contexto e a realidade da própria natureza mutável da tecnologia que os aporta (MARCUSCHI, 2004, p. 25). Portanto, ao se analisar e descrever tais tipos textuais, é preciso parcimônia, devido à grande velocidade com que os programas e plataformas de suporte avançam ou são atualizados e às fronteiras imprecisas do que seja o gênero e do que seja propriedade do software.

Dessa maneira, compreendendo-se os textos como expressões linguísticas resultantes de complexas relações do meio, do uso e da linguagem, e à similitude de contextos de produção mais institucionalizados e concretos, os chamados “não virtuais”, a Cibercultura produziu uma gama de realizações textuais, uma multiforme manifestação de gêneros digitais que trataram de construir a significação conforme as demandas próprias das condições de interação, uso e produção online.

Além disso, na atual sociedade da informação, em que a Internet assoma como um espaço de interação, produção e circulação de conteúdo, a demanda de textos emergentes do contexto da tecnologia digital persiste crescente, ainda que tais realizações sejam efêmeras, mutáveis, criativamente imprecisas ou mesmo não cheguem a se consolidar numa forma estável. Assim sendo, levando-se em conta justamente o aspecto contextual, tais expressões linguísticas desafiam teorias clássicas de observação dos gêneros textuais, escapando, por vezes, à observação, à análise e à descrição preditiva teórico-metodológicas tradicionais, demandando maior labor do pesquisador que se lança à observação de questões ligadas ao texto no espaço das redes sociais, logo, da Internet. Lima-Lopes, no trabalho que faz para caracterizar

os textos das Mídias sociais e dos Mensageiros Eletrônicos, já suscita tais considerações referentes ao contexto e ao texto digital:

Na verdade, estou preocupado com uma liquidez de certas comunidades e discursos (Bauman, 2000) que não se caracterizam por serem hierarquizadas e estáveis na mesma medida em que o são as tradicionalmente pesquisadas pela análise do gênero. O Contexto de cultura é fluido, volátil e disperso, ao passo que a comunidade é instável e organizada, visando objetivos específicos a curto prazo. Elas são mutáveis e se renovam a cada vez que uma comunidade nasce ou um novo objetivo é traçado. **Seus textos se dispersam antes mesmo de nossa capacidade de mapeá-los, uma vez que seu meio de produção e circulação – diferentemente do tradicional material impresso – pode se redefinir a cada momento** (2018, p. 19, grifo nosso).

Contudo, mesmo diante dessa volatilidade, alguns textos encontram semelhanças a gêneros anteriores de outras esferas, como, por exemplo, o e-mail, conforme estudo de Marcuschi (2004); outros, porém, encerram em si, no que se refere à composição, ao conteúdo, ao estilo, à função e à modalidade, certa originalidade e tomam uma funcionalidade e uma forma características. Marcuschi, na primeira década do século XXI, em seu texto sobre a produção no espaço da Internet e os gêneros digitais emergentes, já assinalava, dentro do escopo pertinente a seu trabalho, considerações valiosas:

Qual a originalidade desses gêneros [e-mail, chat, blog, etc.] em relação ao que existe? De onde vem o fascínio que exercem? Qual a **função** de um bate-papo pelo computador, por exemplo? Passar o tempo, propiciar divertimento, veicular informação, permitir participações interativas, criar novas amizades? Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de **reunir** num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá **maleabilidade** para a incorporação simultânea de **múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos** utilizados (MARCUSCHI, 2004, p. 13, grifo nosso).

Ao que se pode ver, o autor, mesmo antes da profusão e consolidação das redes sociais, já propunha questionamentos sobre os quais pesquisadores de diversas áreas do conhecimento se debruçariam nos anos subsequentes, por exemplo, a originalidade dos gêneros no contexto digital, o fascínio da interação e da produção online, bem como a funcionalidade desses textos no diálogo com a tecnologia da informação. Além disso, levanta arrazoamentos pertinentes, ao indicar a singularidade das práticas discursivas no contexto da Internet, isto é, a **maleabilidade** do estatuto dos gêneros digitais emergentes, em que múltiplas semioses concorrem para a construção conjunta do significado.

Marcuschi (2004, p. 14), mediante o avolumar dessas expressões textuais, destaca alguns aspectos que tornam relevante o estudo desses gêneros digitais (aliás, seguindo os ditames do uso e das práticas discursivas do ambiente virtual, as redes sociais parecem um espaço de contínua emersão de textos), a saber, o crescimento e uso generalizado desses

gêneros, **suas peculiaridades funcionais e formais**, bem como a possibilidade de rever conceitos tradicionais e a relação fala e escrita. Nessa mesma esteira de pensamento, se encaminha esta análise.

O estudo dos gêneros textuais, pode-se afirmar, certamente, não é novo e muitos foram os autores que se dedicaram a essa temática, talvez em menor escala aos gêneros digitais. Devido à grande fertilidade interdisciplinar dentro da temática, muitas são as perspectivas tradicionais no estudo dos gêneros textuais, ocasionando, por vezes, até mesmo um desnorteamento teórico quando da abordagem do objeto em estudo. Como não é finalidade deste trabalho desenvolver uma detalhada revisão teórica sobre o assunto, tampouco há condição de fazê-lo satisfatoriamente nestas páginas, por conta da abundância de conceitos, posições teóricas, terminologias e metodologias nesse campo, abaixo situamos as principais linhas teóricas, seus principais representantes e características predominantes:

**Quadro 1: Perspectivas teóricas sobre Gêneros Textuais**

<b>Perspectivas</b>	<b>Teóricos</b>	<b>Características</b>
<b>Sócio-histórica e dialógica</b>	Bakhtin	Os gêneros do discurso são concebidos como um conjunto de enunciados relativamente estáveis
<b>Sistêmico-funcional</b>	Halliday, Hasan, Martin, Eggins, Hoey, Dudley-Evans	Análise da relação texto e contexto, estrutura esquemática em estágios, relação situacional e cultural e gênero como realização do registro.
<b>Sociorretórica</b>	Swales, Bhatia	Analisa e identifica estágios na estrutura dos gêneros. Há também preocupação com o aspecto socioinstitucional dos gêneros. Visão marcada pela perspectiva etnográfica com os conceitos de comunidade, propósito de atores sociais.
<b>Interacionista e sociodiscursivista</b>	Bronckart, Dolz, Schnewly,	Com vinculação psicolinguística, estão preocupados com o ensino dos gêneros na língua materna. Preocupação maior com o ensino fundamental e tanto com a oralidade quanto com a escrita.
<b>Análise crítica</b>	N. Fairclough, G. Kress	Para a qual o discurso é uma prática social e o gênero é uma maneira socialmente ratificada de usar a língua como um tipo particular de atividade social
<b>Sociorretórica/ sócio-histórica e cultural</b>	C. Miller, Bazerman, Freedman	Preocupa-se com a organização social e as relações de poder que os gêneros encapsulam. Tem uma visão histórica dos gêneros e os toma como altamente vinculados a instituições que os produzem. A atenção não se volta para o ensino e sim para a compreensão do

		funcionamento social e histórico, bem como sua relação com o poder.
--	--	---

**Fonte:** Marcuschi (2004. p. 152, 153)

Em um momento histórico anterior, tendo se iniciado em Platão (tradição poética) e Aristóteles (tradição retórica), o estudo dos gêneros estava restrito ao campo da Literatura. Na segunda metade do século XX, rompe as barreiras dessas fronteiras e alcança a Linguística de maneira geral, tornando-se interesse interdisciplinar e tema de estudo recorrente nacional e internacionalmente (MARCUSCHI, 2009, p. 152). Ao ser abrigado na Linguística, especialmente, o estudo dos gêneros, como indicado no Quadro 1, tomou diversos contornos teórico-metodológicos, espalhou-se em livros, teses, dissertações, artigos, trabalhos de conclusão de curso. Contudo, diante do contingente produtivo que aborda os gêneros tradicionais no *continuum* fala e escrita, o estudo dos gêneros digitais ganha ares de novidade e aponta enorme desafios.

Como salientam Araújo e Lima Neto (2009), tais concepções tradicionais, pelo menos não só a partir de uma única corrente, parecem não abarcar a multiplicidade dos gêneros emergentes do contexto online e das redes sociais. Por exemplo, se tomarmos como base a concepção de Bakhtin, que vê o gênero como um enunciado relativamente estável, ao analisar os gêneros digitais, precisaremos admitir que estes se alinham muito mais à noção de *relativamente* do que de *estável*. E mais ainda, se fará necessário, metodologicamente, dar atenção àquilo que é regular e estável no meio da fluidez e da maleabilidade das expressões linguísticas oriundas do contexto da Internet.

Nesse sentido, ressalta-se aqui, concebemos o gênero como um fenômeno histórico-social, ou seja, que estabelece relações com a sociedade, com o contexto de cultura e de situação e com os propósitos comunicativos da comunidade. Dessa forma, os gêneros podem ser concebidos como “formas sociais de organização e expressões típicas da **vida cultural**. Entretanto, não são categorias taxionômicas para **identificar realidades estanques**” (MARCUSCHI, 2004, p. 16, grifos nossos). Nessa perspectiva, então, entendemos o gênero digital a partir do diálogo com o uso que o usuário (nesse ponto, o eco uso/usuário parece muito apropriado) estabelece com a cultura, com o espaço da Internet e com os propósitos funcionais e interativos determinados socioculturalmente.

Embora cada gênero textual, virtual ou não, tenha um propósito funcional, uma esfera de circulação, um plano composicional, um estilo, um conteúdo temático, “sua determinação se dá basicamente pela **função e não pela forma**” (MARCUSCHI, 2009. p. 150, grifo nosso).

Tal afirmação se torna ainda mais evidente na observação dos gêneros digitais, em que muitas vezes o plano composicional se realiza a partir de características poucos ortodoxas, preservando a função e a regularidade de concepção do gênero, mas não uma maneira unívoca de o expressar formalmente, como se constata no caso dos Memes de internet, conforme será delineado no capítulo seguinte.

Portanto, ao abordamos os gêneros digitais, não se pode concebê-los a partir de um determinismo tecnológico ou como mero produto de um contexto, tampouco como realidades estanques ou modelos rígidos e definitivos de composição. Antes, porém, no contexto online, como “entidades dinâmicas, cujos limites e demarcação se tornam fluidos” (MARCUSCHI, 2009, p. 150), uma forma de ação social, culturalmente situado, emergente do ambiente virtual e corporificado na linguagem pelos usos.

Acompanhando o entendimento de Araújo e Vilaça (2012, p. 67), é preciso levar-se em conta que a mensagem, o texto em si, carece de adequação contextual, o que leva em consideração aspectos como linguagem, conteúdo, extensão, plano composicional, registro, entre outros. Desse modo, quanto aos textos aportados pela Cibercultura, os denominados gêneros digitais, precisa-se considerar:

[...] a forma de transmissão (influenciada pela velocidade da conexão à internet, por exemplo), a forma de tela (celulares, *tablets*, computadores...), as características dos dispositivos, limitações de softwares, sem apresentar uma lista extensiva. Se pode não causar estranhamento uma carta longa, o mesmo não pode ser dito de um *e-mail*. A mensagem de celular SMS, assim como o Twitter, é geralmente limitada por quantidade de caracteres. Um *post* de um *blog*, por exemplo, não pode ser confundido com um *artigo acadêmico* (ARAÚJO; VILAÇA, 2012, p. 67).

Compreendidas tais especificidades contextuais e absorvidas as singularidades do uso da linguagem virtual, fica evidente que os textos emergentes da Internet podem apresentar características distintas do texto impresso, uma vez que, no ambiente virtual, um conjunto de fatores multissemióticos concorrem para a construção dos sentidos (ARAÚJO; VILAÇA, 2012).

Em linhas gerais, no que diz respeito às propriedades dos textos eletrônicos, para Marcuschi (2004, 2009), mesmo que não se realizem igualmente em todos os textos, as características fundamentais dos gêneros digitais, ou seja, aqueles que emergem do ambiente online e das redes sociais, é a alta interatividade (de modo síncrono ou assíncrono), inovação na relação fala e escrita, a integração de recursos semiológicos, indicação de posturas e sentimentos (com *emoticons* ou imagens), descontração (viés humorístico), menor monitoração, maleabilidade composicional, hipertextualidade e informalidade. Em relação à

interatividade e à dinâmica de alta velocidade estabelecida online, Magnabosco (2009, p. 50, grifo nosso) pondera que tal realidade se manifesta na composição da estrutura léxico-gramatical do texto, ou seja, na elaboração de enunciados curtos e concisos, “que valorizam a informação em si mesma, expressos através de uma escrita abreviada, cujo **aspecto normativo passa a ser de segunda ordem**”. Quanto à hipertextualidade, Leão (2017, p. 90) destaca que:

É pela flexibilidade desse tipo de gênero que se faz dele um construto estável e vulnerável a incorporar diversas características, estas capazes de satisfazer os objetivos dos usuários, tendo em vista serem eles os responsáveis pela emissão de julgamento de valor. [...]. É por conta da hipertextualidade que a construção de um gênero é afetada, já que os recursos tecnológicos modificam, rapidamente, as construções textuais desses gêneros, em um dinamismo descomunal em comparação com outros suportes presentes no meio não digital.

Ressalta-se que tal percurso não encerra em si toda a discussão empreendida a respeito dos gêneros textuais digitais, nem explora todas as possibilidades teóricas ou hermenêuticas sobre o assunto. Intenta-se, contudo, desvelar um panorama dos usos da linguagem e do contexto de produção, circulação e reverberação do texto online, em especial nas redes sociais, como forma de estruturar o caminho teórico e assegurar melhor enquadre do Meme de internet, compreendendo as peculiaridades contextuais de produção, recepção e uso.

Assentado o caminho pelas questões relacionadas à multiplicidade funcional da linguagem e dos gêneros no ambiente virtual, o capítulo seguinte se debruça sobre o conceito de meme na perspectiva da teoria memética e na expressão mêmica de Internet no português do Brasil.

## CAPÍTULO 2. MEMÉTICA, MEME DE DAWKINS E MEME DE INTERNET: CONCEPÇÕES GERAIS

*Quando morremos, há duas coisas que podemos deixar para trás: os genes e os memes.*  
(DAWKINS, 2017, p. 340)

Este trabalho, numa perspectiva linguística, e a partir da coleta de dados em sites, repositórios e redes sociais, intenta analisar as regularidades construcionais de uso e padronizações tipificadoras do gênero digital Meme de internet a partir da descrição de suas funções léxico-gramaticais e visuais predominantes. Desse modo, com o objetivo de fundamentar o percurso dessa pesquisa, no primeiro capítulo, nos dedicamos à análise do contexto de produção (Internet), às questões relacionadas aos gêneros digitais e, em especial, aos aspectos de uso da linguagem no contexto de emergência, produção e circulação do Meme de internet.

Neste segundo capítulo, primeiramente, adentra-se no campo da Teoria Memética, precisamente nos conceitos e características, bem como nos processos de produção e circulação do meme, conforme postulado por Dawkins (2017), Blackmore (1999, 2000), Heylighen (1997), Castelfranchi (2001), Recuero (2007), Shiffman (2013, 2014, 2016), etc. No segundo momento, já nos termos do Meme de internet, conforme uso sagrado pelos usuários das redes sociais, avança-se tentando aclarar o conceito desse gênero textual digital, consoante Duarte (2014), Oliveira Neta (2016, 2017), Santos (2018) e Souza (2013), entre outros.

### 2.1. Quanto ao gene de Dawkins: a unidade básica de seleção natural

Em sua obra *O Gene Egoísta*, Richard Dawkins lança mão da empreitada de explicitar sua perspectiva a respeito de pontos da teoria evolucionista, ou seja, da seleção natural, à luz dos conceitos de Charles Darwin, considerado o pai da teoria da evolução<sup>13</sup>. Nessa finalidade,

---

<sup>13</sup> Vale salientar que não é intenção deste trabalho, tampouco teríamos condições de fazê-lo, pormenorizar todas as propriedades da teoria biossocial de Richard Dawkins, detalhando toda a gama de justificativas apresentadas pelo autor que poderiam sustentar sua tese. Interessa-nos, antes, demonstrar o nascedouro do termo meme, conforme entendido por Dawkins e seus discípulos, para então traçar aproximações e distanciamentos com o termo Meme de internet, conforme uso corrente nas redes sociais. Outrossim, não é nosso intuito validar ou ratificar os conceitos postulados pela teoria da evolução, uma vez que, no âmbito das ciências biológicas, mesmo que muito creditada por alguns autores, ainda é tratada, de fato, como teoria, carente de comprovações e, em alguns casos, de profunda crença por parte de seus adeptos, o que também fica evidenciado nas constantes encruzilhadas que Dawkins não consegue resolver ao longo de sua obra, mesmo que faça um esforço considerável para tal.

seu propósito maior não é a explicação geral do darwinismo, e sim examinar a biologia do egoísmo e do altruísmo (DAWKINS, 2017, p. 38), isto é, demonstrar, de modo didático e simplificado, qual seria a unidade básica de seleção natural. Portanto, em sua obra, o autor argumenta, como ponto fundamental, que somos, os seres em geral, máquinas criadas pelos genes, a unidade básica de seleção natural, conforme explicitado a seguir:

O argumento deste livro é que nós, e todos os outros animais, somos máquinas criadas pelos nossos genes. Como os bem-sucedidos gângsteres de Chicago, nossos genes sobreviveram - em alguns casos por milhões de anos - num mundo altamente competitivo. Isso nos permite esperar deles algumas **qualidades**. Sustentarei a ideia de que uma qualidade predominante que se pode esperar em um gene bem-sucedido é o **egoísmo implacável**. Em geral o egoísmo do gene originará um comportamento individual egoísta (DAWKINS, 2017, p. 38, grifos nossos).

Segundo o autor, a unidade fundamental de seleção seria o gene, contrapondo-se, portanto, a muitos de seus pares, que veem na preservação da espécie ou do grupo o motor primordial da evolução. Para Dawkins, a teoria da evolução por seleção natural, conforme proposta por Darwin, é satisfatória para a maioria dos biólogos, pois poderia mostrar como a “simplicidade poderia ter se transformado em complexidade, como átomos desordenados poderiam se agrupar em estruturas cada vez mais complexas até que acabassem produzindo pessoas” (DAWKINS, 2017, p. 54).

Ainda lançando as bases do seu argumento, Dawkins (2017) considera a possibilidade da existência de matérias químicas como água, dióxido de carbono, metano e amônia na Terra, antes mesmo do surgimento de qualquer tipo de vida humana, vegetal ou mineral. Sob determinadas circunstâncias e certa presença de energia, tais substâncias teriam se misturado e se transformado naquilo que Dawkins denomina de caldo primitivo (ou sopa primordial, variável conforme o tradutor), entre outras palavras, um composto de moléculas, o qual “biólogos e químicos acreditam ter constituído os mares de 3 a 4 bilhões de anos atrás” (DAWKINS, 2017, p. 58).

Tais misturas, transformações e recombinações moleculares no caldo primitivo se mantiveram de modo constante e progressivo, o que, em um determinado momento da história humana, ocasionou, acidentalmente, a formação do *Replicador original*, de uma molécula orgânica replicadora (DAWKINS, 2017, p. 59), que, apesar de poder não ter sido a mais complexa das moléculas existentes, tinha a propriedade de fazer **cópia de si mesma**, de **replicar-se**.

Dawkins avança e define esse replicador original como um molde ou modelo: “imagine-o como uma molécula grande, constituída por uma cadeia complexa de vários tipos

de blocos moleculares” (DAWKINS, 2017, p. 59). Dessa forma, ressalta Dawkins, um novo tipo de estabilidade surgiu no mundo e começou a replicar-se pelo caldo primitivo. Obviamente, esse processo de replicação ou de fazer cópia de si mesmo não era perfeito, logo havia falhas ou mutações, uma vez que todo processo de cópia não é perfeito (DAWKINS, 2017, p. 60).

Nessa esteira de entendimento, Dawkins (2017) pondera que tais variedades de replicadores (ou genes), após virem à existência e se multiplicarem, começam a competir (não conscientemente) pela própria sobrevivência. Como visto, nessa disputa, não consciente, mas que seria inerente ao processo evolutivo, três características teriam sido fundamentais: longevidade, fecundidade e fidelidade de cópias. Em síntese, Dawkins (2017) concebe tais características como: moléculas que eram mais estáveis do que outras e que, por isso, tinham mais capacidade de sobrevivência e tempo disponível para se replicar (**longevidade**); moléculas com mais velocidade de replicação, o que poderia resultar em maior presença de uma determinada espécie no caldo primitivo (**fecundidade**); moléculas que conseguiam produzir o maior número de outras moléculas fiéis à original, ou seja, com menor taxa de erro e variação (**fidelidade de cópias**). Obviamente, tais fatores não são excludentes, mas concorrem para a perpetuação de determinado tipo de molécula replicadora (Dawkins, 2017). Assim sendo, lograriam êxito aqueles tipos que tivessem um grande tempo de “vida” no caldo primitivo e que produzissem o maior número de descendentes à similitude da molécula original replicadora.

Por fim, entendidos tais conceitos e voltando ao argumento anterior, como salientara Dawkins (2017), tiveram vitória aqueles replicadores que construíram para si mesmos as chamadas **máquinas de sobrevivência**, um revestimento protetor e de preservação das entidades mais estáveis. Ainda no que concerne a esse aspecto, Dawkins levanta alguns questionamentos e propõe os seguintes arazoamentos:

Haveria um ponto final para o aperfeiçoamento gradual das técnicas e dos artifícios usados pelos **replicadores** para assegurarem sua própria continuação no mundo? Eles contavam com muito, muito tempo para esses aperfeiçoamentos. Que estranhas máquinas de autopreservação trariam consigo os milênios seguintes? Qual seria o destino dos primeiros replicadores 4 bilhões de anos depois? Eles não se extinguíram, pois são mestres antigos na arte de sobreviver. Mas não espere encontrá-los no mar, flutuando à deriva; há muito que desistiram dessa liberdade altiva. Hoje em dia, eles se agrupam em colônia imensas, seguros no interior de gigantescos e desajeitados robôs, guardados do mundo exterior, e com ele se comunicam por caminhos indiretos e tortuosos, manipulando-o por controle remoto. Eles estão dentro do leitor e de mim. Eles nos criaram, o nosso corpo e a nossa mente, e a preservação deles é a razão última da nossa existência. Percorreram um longo caminho, esses replicadores. Agora, respondem pelo nome de **genes**, e nós somos suas **máquinas de sobrevivência** (2017, p. 66, grifo nosso).

Desvelando e ampliando esse conceito de máquinas de sobrevivência dos replicadores, ou melhor, dos genes, Richard Dawkins (2017) afirma que o ser humano é uma das máquinas

de sobrevivência dos genes, podendo ser incluídos, nesta lista, animais, plantas, bactérias e vírus, ou seja, há um número desconhecido de revestimentos protetores dos genes no planeta Terra.

Em suma, Richard Dawkins, nos dez primeiros capítulos de sua obra, constrói uma série de argumentos que sustentariam a sua tese e o objetivo principal de seu livro: delinear a teoria de que todo o universo evoluiu a partir de seleção natural, não de grupos ou mesmo do indivíduo, mas a partir de uma unidade automática básica autorreplicadora, o gene, que, por sua vez, especializou-se na construção de máquinas de proteção e sobrevivência, os seres vivos em geral, fiadores de sua perpetuação pelas gerações vindouras.

## 2.2. Quanto ao meme de Dawkins: a unidade básica de transmissão cultural

Nesta altura, contudo, ainda no intuito de mostrar que a evolução se daria sempre a partir de entidades replicadoras, o autor estende seu pensamento para além dos domínios da biologia, lançando vista às relações do homem e da cultura. Dawkins, desse modo, amplia suas fronteiras teóricas e estende o conceito de evolução por seleção natural ao âmbito da transmissão cultural. Para o autor, da mesma forma que existe um processo evolutivo que transmite, de geração a geração, as informações genéticas contidas nas moléculas de DNA por meio de uma unidade replicadora (o gene), no campo sociocultural, tal realidade se realiza de modo semelhante. Resguardadas as peculiaridades de cada sistema evolutivo, para Dawkins, há um ente replicador que lega às gerações ulteriores toda a cultura<sup>14</sup> de uma geração anterior. Dessa forma, Richard Dawkins traça paralelos entre os conceitos de evolução cultural e evolução genética:

A maior parte daquilo que o homem tem de pouco usual pode ser resumido numa palavra: “**cultura**”. A **transmissão cultural** é análoga à transmissão genética, no sentido de que, apesar de ser essencialmente conservadora, pode dar origem a uma **forma de evolução**. (...). A linguagem parece “evoluir” por meios não genéticos, a uma velocidade que é várias ordens de grandeza superior à velocidade da evolução genética (DAWKINS, 2017, p. 325-326, grifo nosso).

---

<sup>14</sup> Richard Dawkins não prolonga a discussão ou pormenoriza sua compreensão sobre o que seria cultura no âmbito de seu livro, entendendo-a de modo amplo. É importante ainda salientar que Dawkins não tinha interesse algum em desenvolver uma teoria da transmissão cultural ou discutir sobre a cultura humana, antes pretendia, quase que unicamente, atestar a existência de unidades autorreplicadoras responsáveis por formas de evolução, seja no campo da biologia ou fora dele, como no aspecto sociocultural (DAWKINS, 2017).

Ao defender a existência de formas replicadoras genéticas e culturais, Dawkins se fundamenta em uma lei primordial, segundo a qual “toda a vida [e tudo que a circunda] evolui pela sobrevivência diferencial das entidades replicadoras. O gene, a molécula de DNA, é por acaso a entidade replicadora [na Biologia] mais comum no nosso planeta” (DAWKINS, 2017, p. 329). Se pensarmos, por exemplo, na cultura e na sua evolução, bem como nas diferenças culturais em cada tempo e sociedade (DAWKINS, 2017), podemos constatar que estamos diante de um novo tipo de replicador, sob novo nome, e uma nova forma de evolução, e que, à similitude das moléculas replicadoras biológicas originais, vaga num caldo primordial de outra ordem:

O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um nome que transmita a ideia de uma **unidade de transmissão cultural**, ou uma unidade de *imitação*. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como “gene”. Espero que meus amigos classicistas me perdoem se abreviar mimeme para **meme**. Se isso servir de consolo, podemos pensar, alternativamente, que a palavra “meme” guarda relação com “memória”, ou com a palavra francesa *même* (DAWKINS, 2017, p. 330, grifo nosso).

É nesse ponto de sua obra, publicada pela primeira vez em 1976, que Richard Dawkins cunha a palavra meme. Sem precisá-lo de modo aprofundado, o autor (DAWKINS, 2017) concebe o termo, numa teoria de amplo espectro, como canções, melodias, tendências de roupas ou mesmo aprendizados passíveis, por imitação, de transmissão ou replicação. Por meio de um processo emulativo, e do mesmo modo que os genes se perpetuam pelos corpos através dos óvulos e espermatozoides, os memes pulam de cérebro a cérebro ou, em outros termos, “se a ideia pegar, pode-se dizer que ela propaga a si mesma, espalhando-se de cérebro para cérebro” (DAWKINS, 2017, p. 330).

Humphrey (1986), ao comentar tal conceito postulado pelo biólogo britânico, e conforme citado por Dawkins (2017, p. 330), faz as seguintes considerações:

Os memes devem ser considerados estruturas vivas, não apenas metaforicamente, como também tecnicamente. Quando planta um meme fértil na minha mente, você literalmente parasita o meu cérebro, transformando-o num veículo de propagação do meme, da mesma maneira que um vírus pode parasitar o mecanismo genético de uma célula hospedeira.

Como pode ser percebido, a priori, Dawkins e seus pares situam o conceito de meme no campo das ideias. Embora haja uma flutuação na conceituação do termo, o que, por vezes, pode embaralhar sua compreensão, nota-se um esforço para estabelecer um paralelo entre a ideia de gene, unidade de evolução biológica, e meme, unidade de evolução cultural. O gene, a partir das características de longevidade, fecundidade e fidelidade de cópias, se propaga pelos corpos

por meio da autorreplicação, sendo preservado pelas máquinas de sobrevivência por ele mesmo criadas, os seres em geral; os memes, fundados nas mesmas características, se multiplicam, como ideias inoculadas, de cérebro em cérebro, a partir da palavra escrita e falada, pela música e pela arte, ou seja, ganha estabilidade pelo ambiente da cultura humana (DAWKINS, 2017). Em suma, o meme, conforme postulado pelo autor (DAWKINS, 2017, p. 335), “pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro”.

Como unidade de transmissão cultural, num sentido amplo, a imitação é o processo básico pelo qual os memes podem se replicar. Em tal replicação, à semelhança ao que acontece com os genes, uns memes são mais bem-sucedidos que outros, uma espécie de seleção cultural. Esse processo se constitui a partir de características e qualidades particulares, como já mencionado, que garantiriam um alto grau de sobrevivência de determinados tipos de memes, em detrimento de outros, a saber, longevidade, fecundidade e fidelidade de cópias (DAWKINS, 2017).

Ao tratar da questão da longevidade do gene, Dawkins (2017) a entendera como a capacidade de sobrevivência e tempo disponível para se replicar; quanto à fecundidade, relaciona-se à maior velocidade de replicação, o que determinaria a maior presença e predominância de determinado tipo de replicador; por fim, em relação à fidelidade de cópias, produção de replicadores fiéis à original, ou seja, com menor taxa de erro e variação. Tais características aplicadas ao gene e, por analogia, estendidas ao meme, possuiriam similaridades. Como alguns memes atingem um grande sucesso e espalham-se rapidamente (fecundidade), mas não tem grande duração (longevidade), Dawkins ressalta que mais importante que a longevidade, seria a fecundidade dos memes, o grau de difusão, aceitação e penetração das ideias nos cérebros humanos e no ambiente cultural, seja uma ideia, uma canção ou mesmo um tipo de peça do vestuário.

Cabe notar que a discussão empreendida por Dawkins continua no campo dos pensamentos, tentando, nem sempre com muita clareza, precisar o conceito de meme como uma unidade básica de evolução cultural. Em determinados pontos, as noções de ideia, hábito e suporte se misturam, por exemplo, quando fala de ideias científicas transmitidas por meio de artigos científicos, de canções populares replicadas e ou uma tendência de vestuário. Cabe, então, indagar: O que seria o meme de Dawkins? É a ideia (conteúdo) contida nos artigos científicos? É a melodia da canção popular? É a própria forma do artigo, da canção ou da poesia? Ou poderia ser o estilo de moda que pode ser transmitido de pessoa para outra? De toda a maneira, nota-se uma plurissignificação no postulado de Dawkins, pois, para o autor, nesse ponto, o meme está contido no campo das ideias, mas também se materializa, se corporifica,

possui concretude na forma da canção. Mesmo que não seja claro em sua obra, vale menção de como a relação entre meme e palavra, escrita ou falada, ganha importância na conceituação do autor. Então, meme passa aqui a ir além da circulação de cérebros humanos, mas se realiza também a partir da materialidade da palavra. Ainda sobre esse aspecto, Dawkins acrescenta:

A cópia da canção “Auld Lang Syne” que existe em meu cérebro durará apenas até o final da minha vida. É improvável que a cópia da mesma canção **impresa** na minha edição de *The Scottish student’s song book* dure muito mais o que isso. É de esperar, todavia, que continuem a existir cópias da mesma canção no **papel** e nos **cérebros** das pessoas durante muitos séculos futuros. Alguns memes, como ocorre com alguns genes, atingem um sucesso brilhante num prazo muito curto, espalhando-se rapidamente, mas não tem longa duração [longevidade] no pool [caldo cultural] dos memes. (...). Outros, as leis religiosas judaicas, por exemplo, podem continuar a propagar-se durante milhares de anos, em geral devido à grande duração potencial dos **registros escritos** (DAWKINS, 2017, p. 333, grifo nosso).

Assim sendo, repetimos: os memes são as ideias que são veiculadas através dos cérebros e das canções (formas estáveis) perpassando gerações ou são as próprias canções (ou qualquer outra forma de estabilidade cultural) que são repetidas? Embora Dawkins não se esmere nesta definição, nosso entendimento caminha na percepção de que o meme é multiforme em suas manifestações, ganhando matizes distintos nas esferas sociais e ao longo da história da sociedade humana. O legado humanista do pensamento da cultura greco-romana, por exemplo, foi transmitido, antes mesmo de Homero (deixamos aqui em aberto a *Questão homérica*) compilar a *Iliada e a Odisseia*, por intermédio das histórias transmitidas de geração em geração, de cérebro a cérebro, mais tarde materializada em duas obras grandiosas. Tais ideias, palavras e epopeia obtiveram grande duração (longevidade) e produção (fecundidade) no decorrer dos séculos, chegando até a atualidade em grande preservação de ideias e formas (fidelidade de cópias).

Além disso, quanto à terceira característica, a saber, fidelidade de cópia, Dawkins salienta que:

Aqui, tenho de admitir que me encontro num terreno pouco firme. À primeira vista, os memes não são, de forma alguma, replicadores de alta-fidelidade. Cada vez que um cientista ouve uma ideia e a transmite a outra pessoa, provavelmente a modifica em algum grau. Neste livro, não fiz segredo da minha dívida em relação às ideias de R. L. Trivers. Porém, não as repeti segundo suas palavras. Reformulei-as para os meus propósitos, enfatizando uma coisa aqui e outra coisa ali e misturando-as com minhas ideias e com as ideias de outras pessoas. Os memes foram transmitidos ao leitor sob uma forma modificada. Isso parece estar muito distante da qualidade particulada, “tudo ou nada”, da transmissão genética. A transmissão do meme parece estar sujeita à **mutação** e à **mistura** contínuas (DAWKINS, 2017, p. 334, grifo nosso).

Dessa forma, entendidos como unidades de transmissão cultural, podendo estar isolados (memes unitários) ou associados a outros (memplexos/ complexos de textos mêmicos), de curta ou longa duração, fecundos ou não, miméticos ou mutáveis, os memes habitam o cérebro, local de sobrevivência natural desses replicadores. No entanto, conforme aponta Dawkins (2017), já podemos pensar em outros locais ou veículos que são habitados pelos memes:

Os computadores onde os memes vivem são os cérebros humanos. O tempo é, possivelmente, um fator limitante mais importante do que espaço de armazenamento e é objeto de forte competição. O cérebro humano e o corpo por ele controlado não podem fazer mais do que uma ou duas coisas ao mesmo tempo. **Outras mercadorias pelas quais os memes competem são o tempo no rádio e na televisão, os espaços publicitários, o número de linhas nos jornais e espaço de estantes de bibliotecas.** (...). Vamos imaginar que o sucesso de um meme depende crucialmente da quantidade de tempo que algumas pessoas dedicam a transmiti-lo ativamente para outras pessoas. (DAWKINS, 2017, p. 337-339, grifo nosso).

Assim, embora não desenvolva amplamente tais ideias, e ainda estabelecendo relações entre evolução genética e cultural, Dawkins já aponta a existência mêmica fora do cérebro humano, como uma presença concreta, calculável, passível de ser manipulada e replicada, não apenas um conceito etéreo ou uma ideia a ser reproduzida.

### 2.3. Quanto ao meme da Memética: conceito, classificação e validação

Como descrito na seção anterior, Richard Dawkins desenvolveu, de modo introdutório, os fundamentos de uma teoria de evolução cultural, à semelhança da teoria evolutiva por seleção natural, conforme as premissas de Charles Darwin. Como não tinha intenções de desenvolver uma teoria sociocultural aprofundada, o darwinista britânico, embora tenha formulado a nomenclatura meme, não detalhou em que, propriamente, consistiria a unidade básica mêmica ou de que forma se replicaria esse transmissor cultural (meme), deixando tais contornos teóricos sem precisão conceitual.

Tentando precisar o termo meme e ampliando os conceitos postulados por Dawkins, muitos foram os autores que, dentro da teoria Memética<sup>15</sup>, se debruçaram sobre essa temática. Susan Blackmore, escritora britânica, psicóloga, radialista e uma das principais defensoras da teoria dos memes, desenvolve as bases de sua teoria a partir das ideias de Dawkins. Blackmore (1999) revisita a definição de meme e, como Dawkins, entende que a humanidade se perpetua por meio de dois tipos de evolução, a genética e a memética. A autora concebe o meme como

---

<sup>15</sup> A Memética é a ciência teórica e empírica que estuda a replicação, disseminação e evolução dos memes (HEYLIGHEN; CHIELENS, 2009)

histórias, hábitos, palavras, jogos que aprendemos, enfim, tudo que podemos aprender por imitação e pela mediação de outrem. Nas palavras da autora:

Quando você imita alguém, algo é passado adiante. Este "algo" pode, então, ser passado adiante novamente, e novamente, e assim assume vida própria. Nós podemos chamar isso de uma ideia, uma instrução, um comportamento, uma informação... mas, se formos estudar, precisaremos dar um nome. Felizmente, existe um nome. E este é "meme" (BLACKMORE, 1999, p. 04, tradução nossa)<sup>16</sup>.

Blackmore (1999) expande de maneira mais radical e contundente os princípios aplicados à área da evolução genética ao campo da teoria dos memes, a Memética. Para a autora, assim como os genes, os memes estão sujeitos aos princípios de variação, seleção e hereditariedade, consoante elaborado por Darwin. Em outros termos, quando algo é passado adiante, o processo de cópia nunca é perfeito, ou seja, está sujeito à variação. Os memes que habitam nossos cérebros estão constantemente sujeitos a mudanças e variações. Além disso, os memes também competem entre si, disputam a atenção dos cérebros, de suas máquinas de sobrevivência. Nessa seleção cultural, uns saem vencedores, outros não conseguem se replicar. Por fim, se algo varia e, num processo natural, é selecionado em detrimento de outros, habitando vários cérebros e se perpetuando pelas gerações, podemos dizer que estamos diante de um padrão, de um modelo, de uma forma hereditária (BLACKMORE, 1999). Vale salientar que a autora centra seu pensamento na informação, aglutinando-a ao conceito de meme. Contudo, mesmo que tenha tentado produzir uma teoria de evolução cultural de maior consistência, ainda não preenche, com grande profundidade, as lacunas conceituais deixadas por Dawkins, a saber, em que unidade mínima de evolução consistiria o meme, de que forma se replicam e como são conservados.

Blackmore, ainda no final da década de 90, já sinalizava a importância da relação entre meme e Internet, mesmo quando a epidemia de gêneros digitais instantâneos ainda era embrionária:

Em 1989, a World Wide Web foi inventada. A Internet já estava se expandindo há muitos anos, e o que começou como um pequeno esquema ligando alguns cientistas do governo rapidamente se tornou um sistema mundial através do qual qualquer pessoa com um computador e um modem poderia buscar informações armazenadas ao redor de todo o mundo. **Este foi um grande passo**

---

<sup>16</sup> No original: When you imitate someone else, something is passed on. This 'something' can then be passed on again, and again, and so take on a life of its own. We might call this thing an idea, an instruction, a behaviour, a piece of information... but if we are going to study it we shall need to give it a name. Fortunately, there is a name. It is the 'meme'.

**para os memes.** Agora os memes podem ser armazenados no disco rígido de um computador, digamos em Melbourne, e, a qualquer hora do dia ou da noite, serem copiados quase sem erros por linhas telefônicas ou conexões via satélite para outro computador em Londres, Florença, Chicago ou Tóquio, usando os recursos energéticos de inúmeros seres humanos ao longo do caminho (BLACKMORE, 1999, p. 216, grifo nosso, tradução nossa).<sup>17</sup>

Para além dos fundadores e propagadores iniciais da teoria Memética, Dawkins e Blackmore, outros autores se dedicaram ao estudo do meme, seja para se perfilarem e ampliarem os postulados até então erigidos, seja para refutar essa teoria evolucionista da cultura. Daniel Dennett (1990, 1998) afirmara que a evolução biológica poderia ser representada em termos matemáticos, por meio de um processo algoritmo, mensurando os elementos essenciais, como a seleção, variação e hereditariedade. Para o estudioso estadunidense, como já ponderaram Dawkins (2017) e Blackmore (1999, 2000), os genes são unidades replicantes que habitam a terra há milhares de anos, garantindo a sua sobrevivência e a integridade do código de suas mensagens através de suas máquinas de sobrevivência (os seres vivos compostos de proteínas). Outrossim, os memes, como unidades de transmissão cultural, não apenas seriam responsáveis pelo crescimento e manutenção da cultura na sociedade, mas também pela expansão das funções e do tamanho do cérebro humano (numa perspectiva biológica) (DENNETT, 1998).

Da mesma forma, tentando elaborar uma teoria que fosse empiricamente testável e um modelo estável e preditivo, Heylighen e Chielens (2009), em *Evolução cultural e Memética*, também ampliam as concepções de Dawkins, detendo-se não apenas na definição do que seja meme, como também apresentam critérios gerais de seleção, em que os contornos do que seja cultura, evolução cultural, meios de propagação dos memes, com ênfase nos aspectos sociais, psicológicos, linguísticos e culturais, são mais bem descritos. Em princípio, sobre os conceitos de meme e Memética, afirmam os autores:

Traços culturais são transmitidos de pessoa para pessoa da mesma forma que genes ou vírus. A evolução cultural, portanto, pode ser entendida por meio dos mesmos mecanismos básicos de reprodução, disseminação, variação e seleção natural que fundamentam a evolução biológica. Isso implica um deslocamento dos genes como unidades de informação biológica para um novo tipo de unidade de informação cultural: os memes. O conceito de **meme** pode ser definido como um padrão de informação, mantido na memória de um indivíduo, e que é capaz de ser copiado para a memória de outro indivíduo. A **memética** pode então ser definida como a ciência teórica

---

<sup>17</sup> No original: In 1989, the World Wide Web was invented. The Internet had already been expanding for many years, and what had begun as a small scheme linking a few government scientists, rapidly became a worldwide system through which anyone with a computer and modem could fetch stored information from all around the world. This was a great step for the memes. Memes can now be stored on the hard disk of a computer in, say, Melbourne, and at any time of day or night be copied almost without errors over phone lines or satellite connections to another computer in London, Florence, Chicago, or Tokyo, using the energy resources of countless human beings along the way.

e empírica que estuda a replicação, disseminação e evolução dos memes (HEYLIGHEN; CHIELENS, 2009, p. 02, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Heylighen e Chielens ressaltam que o meme teria uma essência (ideia) e poderia ser expressado por meio de uma forma (artefato ou tipo textual, por exemplo):

Outra diferença fundamental entre memes e genes é que, para os memes, não há equivalente para a distinção tradicional entre genótipo (a informação transportada pelos genes e passada para a geração seguinte) e fenótipo (a aparência específica de um organismo, determinada por genes e influências ambientais). Na evolução biológica, o genótipo é o local da variação evolutiva (desde que as variações no fenótipo não são transmitidas durante a reprodução) e o fenótipo o local de seleção (uma vez que é o organismo como um todo que sobrevive e reproduz, ou é eliminado). Na Memética, podemos distinguir três níveis: 1) o memótipo denota as informações armazenadas na memória de um indivíduo; 2) o mediótipo denota aquela informação expressa em um meio externo, tal como um **texto**, um artefato, uma música ou um comportamento; 3) o sociótipo denota o grupo ou comunidade de indivíduos que sustentam essa informação em sua memória (...) (2009, p. 7-8, grifo nosso, tradução nossa).<sup>19</sup>

Como pode ser percebido em Heylighen e Chielens (2009), a discussão sobre evolução cultural, meme e Memética avança para além dos postulados de Dawkins e ganha mais consistência. Embora, ao tratarem do assunto, ainda se restrinjam um pouco aos aspectos cognitivos e ao campo das ideias, os autores sinalizam uma dicotomia entre meme (ideia) e meme (forma). E, ainda que não estivessem fazendo referência à manifestação mêmica de Internet, na sua concepção atual, como visto, os autores já indicavam a existência do meme, ou melhor, a materialização da expressão mêmica por meio de diversas linguagens, como, por exemplo, uma forma textual.

Além disso, Raquel Recuero (2007), adotando a perspectiva teórica de Dawkins, no estudo realizado sobre a circulação de memes em *Weblogs*, propõe uma taxonomia dos textos mêmicos. Nessa classificação, leva em consideração os três critérios fundamentais adotados por

---

<sup>18</sup> No original: Cultural traits are transmitted from person to person, similarly to genes or viruses. Cultural evolution therefore can be understood through the same basic mechanisms of reproduction, spread, variation, and natural selection that underlie biological evolution. This implies a shift from genes as units of biological information to a new type of units of cultural information: *memes*. The concept of meme can be defined as an information pattern, held in an individual's memory, which is capable of being copied to another individual's memory. Memetics can then be defined as the theoretical and empirical science that studies the replication, spread and evolution of memes.

<sup>19</sup> No original: Another fundamental difference between memes and genes is that for memes there is no equivalent for the traditional distinction between *genotype* (the information carried by the genes and passed on to the next generation) and *phenotype* (the specific appearance of an organism as determined by genes and environmental influences). In biological evolution, the genotype is the site of evolutionary variation (since variations in the phenotype are not passed on during reproduction) and the phenotype the site of selection (since it is the organism as a whole that survives and reproduces, or is eliminated). In memetics, we can distinguish three levels: 1) the *memotype* denotes the information as held in an individual's memory; 2) the *mediotype* denotes that information as expressed in an external medium, such as a text, an artefact, a song, or a behavior; 3) the *sociotype* denotes the group or community of individuals who hold that information in their memory (...).

Dawkins (2017), a saber, longevidade, fecundidade e fidelidade de cópias, bem como as considerações estruturais propostas por Heylighen (1994), em que os memes podem ser classificados em miméticos e metamórficos, e elabora novas categorias de análise, conforme sintetizado no quadro a seguir:

**Quadro 2: Taxonomia dos memes**

<b>Fidelidade</b>	<b>Fecundidade</b>	<b>Longevidade</b>	<b>Alcance</b>
Replicadores (alta)	Epidêmicos	Persistentes	Global
Miméticos (moderada)	Fecundos	Voláteis	local
Metamórficos (baixa)			

**Fonte:** Recuero (2007)

Como explicitado no Quadro 2 acima, Recuero (2007) acresce uma característica às três propostas por Dawkins. Assim sendo, além do tempo de vida, da fecundidade de replicação e menor variação possível, o alcance (abrangência global ou local) seria fundamental para a perpetuação dos memes. No critério da fidelidade de cópias, os memes seriam replicadores (sem nenhum tipo de variação), miméticos (que, apesar de sofrerem mutações e recombinações, sua estrutura sintática permanece a mesma) e metamórficos (que são alterados e reinterpretados enquanto passados adiante). Em relação à fecundidade, temos os epidêmicos (que possuem grande fecundidade e se espalham pelas redes) e fecundos (que não se tornam epidêmicos e se espalham por grupos menores). Quanto à longevidade, por fim, tem-se os persistentes (que permanecem sendo replicados por muito tempo) e os voláteis (que têm um curto período de vida e que, após se replicarem, são facilmente esquecidos).

Já delimitados os conceitos e características do meme da Memética, processos de produção e circulação do meme, bem como um esboço de uma taxonomia, conforme postulado por Dawkins (2017), Blackmore (1999, 2000), Castelfranchi (2001), Dennett (1990, 1998), Heylighen (1994), Recuero (2007) e Souza (2013), avancemos para as coordenadas gerais referentes ao Meme de internet, trançando aproximações e distanciamentos com a concepção do pesquisador britânico.

#### 2.4. Meme de internet: uma terminologia sequestrada

Como apontado nas seções anteriores, Dawkins concebeu o meme como a unidade básica de transmissão cultural, feita a partir da imitação (DAWKINS, 2017[1976]). Susan Blackmore (1999, 2000), ampliando tal postulado, o compreende como replicadores culturais, informacionais e comportamentais, uma forma que molda nossa evolução cultural. Ambos os

autores entendem o homem, e todos os demais seres vivos, como máquinas de sobrevivência dos memes egoístas, um ente portador de genes biológicos e memes culturais. Por fim, Heylighen (1997, 2009) avança no entendimento das entidades mêmicas considerando-as como um padrão cognitivo que pode ser transmitido de um cérebro a outro, de um indivíduo a outro. Situam, todos os autores, tal concepção mêmica no campo das ideias ou dos aspectos intelectivos.

Todavia, assim como outros autores, Francis Heylighen (1997) já vislumbrava a mudança de paradigma concernente à relação entre meme, tecnologia da informação, redes de computadores e Internet:

É óbvio que a **mídia** pela qual um meme é comunicado, como revistas científicas, pregações da igreja ou estações de rádio, influenciará grandemente sua eventual disseminação. O meio mais importante atualmente é a **rede de computadores global emergente**, que pode transmitir qualquer tipo de informação para praticamente qualquer lugar do planeta, em um tempo insignificante. Esta eficiência altamente aumentada de transmissão afeta diretamente a **dinâmica de replicação**. A transmissão via rede tem uma fidelidade de cópia muito maior do que a comunicação por imagem, som ou palavra. A digitalização permite a transferência de informação sem perda alguma, ao contrário dos mecanismos analógicos de fotocópia, filmagem ou gravação em fita. A fecundidade também aumenta muito, pois os computadores podem produzir milhares de cópias de uma mensagem em pouquíssimo tempo. A longevidade, finalmente, torna-se potencialmente maior, já que a informação pode ser **armazenada indefinidamente** em discos ou arquivos. Juntas, essas três propriedades garantem que os memes possam replicar com muito mais eficiência através das redes. Isso faz com que os memótipos e os sociótipos correspondentes sejam potencialmente menos difusos. Além disso, a rede transcende as fronteiras geográficas e culturais. Isso significa que um novo desenvolvimento não precisa se difundir gradualmente de um centro para fora, como a moda ou os rumores fazem. Essa difusão pode ser facilmente interrompida por diferentes tipos de barreiras físicas ou linguísticas. Na rede, uma ideia pode aparecer virtualmente, em simultâneo, em diferentes partes do mundo e espalhar-se independentemente da distância ou proximidade entre remetentes e receptores (HEYLIGHEN, 1997, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Ao tratar dos memes, Shifman (2013) parece compartilhar desta mesma linha de entendimento:

---

<sup>20</sup> No original: It is obvious that the media by which a meme is communicated, such as scientific journals, church preachings, or radio stations, will greatly influence its eventual spread. The most important medium at present is the emerging global computer network, which can transmit any type of information to practically any place on the planet, in a negligible time. This highly increased efficiency of transmission directly affects the dynamics of replication. Meme transmission over the network has a much higher copying-fidelity than communication through image, sound or word. Digitalisation allows the transfer of information without loss, unlike the analog mechanisms of photocopying, filming or tape recording. Fecundity too is greatly increased, since computers can produce thousands of copies of a message in very little time. Longevity, finally, becomes potentially larger, since information can be stored indefinitely on disks or in archives. Together, these three properties ensure that memes can replicate much more efficiently via the networks. This makes the corresponding memotypes and sociotypes potentially less fuzzy. In addition, the network transcends geographical and cultural boundaries. This means that a new development does not need to diffuse gradually from a center outwards, as, e.g., fashions or rumours do. Such diffusion can easily be stopped by different kinds of physical or linguistic barriers. On the net, an idea can appear virtually simultaneously in different parts of the world, and spread independently of the distance or proximity between senders and receivers.

O aumento no vibrante discurso popular sobre os memes em uma era cada vez mais definida pela comunicação pela Internet não é uma coincidência. Embora os memes foram conceituados muito antes da era digital, os recursos exclusivos da Internet transformaram sua difusão em uma rotina onipresente e altamente visível. (2013, p. 362, tradução nossa)<sup>21</sup>.

Certamente, Heylighen (1997) e Shifman (2013) não tratavam o meme, exclusivamente, como um modelo textual ou uma expressão multissemiótica, mas davam indícios da concretude de um meme, bem como da vindoura relação entre meme e Internet. De fato, mesmo que entendamos que possa existir uma familiaridade com a concepção clássica mêmica tal qual formulada por Dawkins e seus seguidores, o termo meme, nas redes sociais e no contexto da cibercultura, sofreu um profundo deslocamento de sentido, em que a expressão Meme de internet guarda poucas, mas não inexistentes, relações com a acepção do termo no ambiente dos estudos da teoria Memética. Portanto, à delimitação do conceito e das características gerais do Meme, conforme uso corrente no ambiente virtual, se dedicará esta seção.

É interessante ressaltar, primeiramente, como bem apontado por Souza (2013, p. 129), que, na cibercultura, “os usuários começaram a utilizar a palavra ‘meme’ para se referir a tudo que se propaga, ou mesmo se espalha aleatoriamente na Grande Rede – em especial – fragmentos com algum conteúdo humorístico”. Dessa forma, Meme passou a nominar toda forma de conteúdo viral que se replica em larga escala (e aqui reside uma espécie de analogia com o meme de Dawkins) nas redes sociais, marcado pelo humor e respondendo às demandas imediatas do contexto de cultura em que está inserido. Sobre esse diálogo entre Memes e os fatos sociais catalizadores dessas ocorrências, pondera Oliveira Neta (2017, n.p, grifo nosso).

(...) atualmente vivemos em uma era marcada por uma **lógica hipermemética** (SHIFMAN, 2014, p. 04) na qual cada evento público desagua em uma enxurrada de **memes** como forma de estabelecer uma conversação em torno de um tópico, daí que, por exemplo, desde a Copa do Mundo no Brasil até os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e desde as eleições presidenciais até o impedimento da presidenta Dilma Rousseff, tudo foi **motivo** para que memes fossem criados como artefatos participativos que são, na verdade, discursos (...).

Ressalta-se, neste ponto, um distanciamento do meme de Dawkins e do Meme de internet. Se, na teoria formulada por Dawkins, os agentes humanos eram vistos de maneira passiva, como meros portadores de memes culturais, na era digital, tais construções textuais multissemióticas se propagam, por meio das redes sociais, não de modo independente, mas a

---

<sup>21</sup> No original: The uptick in vibrant popular discourse about memes in an era increasingly defined by Internet communication is not coincidental. While memes were conceptualized long before the digital era, the unique features of the Internet turned their diffusion into a ubiquitous and highly visible routine. Memes, since at least as early as the 1990s, have been said to “replicate at rates that make even fruit flies and yeast cells look glacial in comparison” (Dennett, 1993, p. 205).

partir da interação entre indivíduos (RECUERO, 2007), que recebem, analisam, reelaboram e compartilham toda sorte de textos em ambiente virtual. Aliás, conforme Areias e Teixeira:

Nesse aspecto, o próprio Dawkins, em ocasião do Saatchi & Saatchi's New Directors' Showcase, ocorrido durante o Cannes Advertising 6 Festival de 2013, aponta que, a partir do surgimento da Web 2.0, **o significado de meme se modificou** – ao invés de uma mutação imprevista e circunstancial análoga ao processo de seleção natural darwiniano, os memes digitais são, agora, alterados deliberadamente pela criatividade humana. Nessa nova configuração, segundo o biólogo, as mutações são planejadas e acontecem com o total consentimento da pessoa responsável por suas alterações (2017, p. 04, grifo nosso).

Além disso, o estudo do Meme de internet é ainda recente no campo das Ciências Humanas. Como salienta Shifman (2013), a expressão meme tem sido revisitada, disputada e adaptada em muitas disciplinas, como psicologia, filosofia, antropologia e linguística. Em diversas áreas do conhecimento, e sob diferentes perspectivas, intenta-se conceituar o meme, demarcar uma unidade de estudo, assim como classificar e determinar o meio de propagação dos textos mêmicos. Nesse gama de estudos que se dedicam a definir o Meme de internet destacam-se os seguintes trabalhos:

**Quadro 3: Levantamento do conceito de Meme nas Ciências Humanas e Sociais**

Autor	Conceito
AREIAS e TEIXEIRA (2017, p. 01)	(...) fenômeno dos memes que, em plena era digital, se configura, principalmente, por meio de sobreposições imagéticas, textuais e sonoras disseminadas na internet através de redes sociais, blogs e chats.
CALIXTO (2017, p. 47,48, grifos nossos)	Antes entendidos como unidades propagadoras da cultura, os memes passaram a ser classificados como <b>expressões narrativas</b> construídas em forma de <b>montagens</b> , compartilhadas on-line e que, rapidamente, se difundem pelas redes sociais. Produzidos por usuários da internet, os memes podem ser compreendidos como produtos culturais, constituídos de imagens, vídeos e montagens com fotos e GIFs. (...) ...são enunciados em forma de fotografias, imagens remodeladas pelos usuários da internet, textos e vídeos compostos por inúmeras linguagens que objetivam <b>parodiar, satirizar, criticar ou refletir sobre situações do cotidiano</b> .
CELIDONIO (2016, p. 130, 131)	Através de uma imagem ou idéia que se espalha de forma viral na web, um meme, fruto da apropriação feita por diferentes usuários, é formado pela combinação da permanência de um elemento replicador original e pela mutação deste elemento, seja através de um "redesign" ou de uma legenda, desde que o faça tomar forma de um novo signo.
COELHO; MARTINS (2018, p. 121,122)	Os memes se popularizaram como fenômenos típicos da internet e podem se apresentar como imagens legendadas, vídeos virais ou expressões difundidas pelas mídias sociais. No entanto, é importante ressaltar sua potência como representações sintomáticas da sociedade, que carregam/espalham vestígios dos modos como os sujeitos se constroem historicamente.
	(...) o "meme" de internet não é a imagem, vídeo, texto que é replicado por diversas vezes pelas pessoas na rede, com modificações pessoais de acordo com seu próprio gosto ou

DIAS, TELES, KARIME e GROHMANN (2015)	intenção, mas sim a <b>ideia</b> que está por traz daquela imagem. (...). Na grande rede, então, os “memes” são encontrados na forma de elementos textuais, normalmente de humor, que atuam na transmissão de conhecimento sobre determinado assunto ou situação específica para os atores sociais.
DUARTE (2014)	(...) o termo meme, com a internet, é reconhecido como uma <b>ideia, uma frase e até imagens</b> que surgem no ambiente virtual e alastram-se rapidamente. Nesse caso, por meio das redes sociais os “memes” ganham força na sua característica de replicante cultural.
GOETHEL e TREVISAN (2015)	Na era digital, o termo meme passou a designar uma recente apropriação nas redes sociais, como a junção de imagens da cultura popular com frases que refletem pensamentos individuais ou coletivos, sejam eles com fins cômicos, políticos, etc.(...). A forma mais conhecida dos memes na Internet é uma montagem feita no computador, utilizando softwares de edição de imagem ou os geradores/criadores de memes, e possui apenas dois elementos: uma imagem (fotografia, desenho, <i>frame</i> de filmes, etc) e um texto (reflexivo, humorístico, entre outros).
JUNQUEIRA (2016, p. 22)	Embora original e historicamente os <i>memes</i> sejam vinculados à produção de elementos toscos, grosseiros, mal-acabados, produzidos com recursos precários, de baixa qualidade estética e considerados de mau gosto, observa-se que, no processo de sua crescente apropriação pela indústria publicitária, os <i>memes</i> passam a angariar recursos sofisticados de produção, acabamento e <i>design</i> , que não modificam, contudo, sua concepção e funcionamento.
LUCENA (2015, p. 1,2)	A internet se constitui como ambiente propício para a circulação de conteúdos de diversas naturezas. Nas redes sociais na internet, como Facebook, Twitter e Youtube, encontramos determinados textos, imagens e vídeos que circulam com uma característica em comum, sendo replicados de maneira contagiosa e em constante transformação e que, na maioria das vezes, não se sabe ao certo como surgiu. Tais conteúdos podem ser entendidos como memes. Os memes são construídos nas interações mediadas no ambiente virtual das redes sociais, configurando uma cadeia circular de sentidos, fortemente marcada pela subjetivação virótica e espontânea. Uma espécie de circularidade anônima, aparentemente gratuita e despreziosa, dado que os sujeitos acionadores se apropriam, editam, produzem e reproduzem memes sem aparente motivo ou objetivo claro, e sem mesmo saber onde e como surgiram.
OLIVEIRA NETA (2017)	Dentro da memesfera na qual se constitui a Web, o meme da internet tem se tornado um complexo corpus textual-imagético-sonoro interconectado
OLIVEIRA NETA (2016, p. 61)	Mas do que se trata essa nova modalidade específica de meme? Grosso modo, é uma forma digital (áudio)visual e/ou textual, ou qualquer outra unidade cultural, que é apropriada e recodificada pelos usuários, sendo introduzidas de volta na infraestrutura da Internet de onde vieram (NOONEY; PORTWOOD-STACER, 2014, p. 249). Ou seja, trata-se, então, de um “molde comum” ou “modelo formal básico” (FONTANELLA, 2009, p. 09) que é rapidamente assimilado, copiado e repetido, através dos qual são geradas as diversas versões e variações, ou mesmo evoluções, do meme, que se espalha de pessoa a pessoa de maneira viral. Em suma, ele tem se tornado, na verdade, uma espécie de bit de moeda cultural (STRYKER, 2011) bastante popular na rede.
FONTANELLA (2009, p. 08)	Coloquialmente, são entendidos como ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamentos que se espalham através de sua replicação viral.

<p>SILVA (2016, p. 342, 345)</p>	<p>Os <i>memes</i> podem ser formados por imagens, por figuras, fotografias, frases, palavras-chaves ou qualquer outro elemento que apresente um conteúdo irônico ou humorístico que se propague ou se replique na rede. Surgem, replicam-se e transformam-se na rede em uma velocidade impressionante, o que nos permite compará-los a um vírus que se espalha de forma epidêmica, contaminando um número impressionante de pessoas. (...).De modo geral, o <i>meme</i> virtual compreende uma <b>ideia ou um conceito</b> que pode ser difundido de maneira viral na rede sob a forma de imagem, texto, vídeo, <i>hashtag</i>, entre outras.</p>
<p>SOUZA (2013, p. 129)</p>	<p>É interessante, contudo, observar que na cibercultura os usuários começaram a utilizar a palavra “meme” para se referir a <b>tudo que se propaga</b>, ou mesmo se espalha aleatoriamente na Grande Rede – em especial – fragmentos com algum conteúdo humorístico.</p>
<p>SOUZA JÚNIOR (2013, p. 110)</p>	<p>Localizando-nos, agora, do ponto de vista da Memética, os memes da Internet seriam, portanto, <b>aquilo que se transmite em forma de usos ou mecanismos</b>, via um processo colaborativo e coletivo de proliferação (exclusivamente <i>online</i> – pela Internet, inicialmente). Assim, são transmitidos e percebidos, em primeiro lugar, os <i>usos/mecanismos de produção por mídia</i>: a produção e propagação, por exemplo, através de vídeos, fotos ou <i>gifs</i> – tipos de imagem com movimento, comuns na Internet. Em segundo lugar, são transmitidos e percebidos os <i>usos/mecanismos de linguagem</i>: a apropriação dialógica, por exemplo, de expressões fixas, imagens e vídeos meméticos, no sentido de Bakhtin (1997), permeados pela recontextualização/ressignificação, no sentido de Fairclough (2001), ocorrendo nas diversas dimensões linguísticas, seja de forma verbal ou não-verbal. Esses referidos tipos de usos e mecanismos é que são transmitidos, não separadamente, e sim em conjunto, portanto.</p>

**Fonte:** autoria própria

Como fica saliente nos conceitos arrolados, e parafraseando as palavras de Millôr Fernandes, várias dessas definições acerca do Meme de internet, embora se esmerem em precisar tal conceito, possuem uma evidente “vaguidão específica”. Mesmo depois de revisões teóricas distintas e de se revisitar o cerne conceitual desse objeto, permanece certa lacuna conceitual em relação a que realmente consistiria o Meme no âmbito da grande rede. Pode ser compreendido como uma ideia ou conceito (SILVA, 2016), tudo aquilo que se propaga (SOUZA, 2013), unidades propagadoras da cultura e expressões narrativas (CALIXTO, 2017) ou ideias, frases e imagens (SOUZA JUNIOR, 2014).

No entanto, mesmo ante ao embaraço conceitual, já se detecta o distanciamento do conceito do termo meme, conforme a premissa de Richard Dawkins (2017), da acepção de Meme, de acordo com o devir do ambiente virtual:

A própria ideia de meme sofreu mutações e evoluiu em uma nova direção. E o meme da internet é um **sequestro** da ideia original. Em vez de modificar-se ao acaso, em vez de se propagar na forma de uma seleção darwiniana, os memes da internet são **deliberadamente** alterados pela criatividade humana. Na **versão sequestrada**, mutações são esboçadas, não aleatoriamente, mas

com o total conhecimento da pessoa que está realizando a mutação (DAWKINS, 2013 *apud* HORTA, 2015, grifo nosso).

Os memes de Dawkins se replicam aleatoriamente, pelo menos assim tentava postular o autor. Os Memes de internet se replicam, são virais, a partir de princípios distintos daqueles estabelecidos pelo zoólogo. Nessa linha se assenta o uso da terminologia ‘versão sequestrada’, porque ganhou mais visibilidade e maior penetração social que a teoria Memética. As pessoas podem não saber sobre Dawkins, sobre Memética, mas certamente conhecem a expressão Meme de internet.

Além disso, como mencionado, tanto Dawkins quanto seus discípulos não restringiram o meme a uma única forma ou a um suporte de replicação, mas o conceberam como toda forma de transmissão cultural. Assim sendo, conforme proposto por Heylighen e Chielens (2009), Shifman (2013, 2014) e Souza Junior (2014), podemos entender que sons, imagens, lendas, canções, textos literários, códigos diversos, postagens em blogs e comentários são tidos como um modo de manifestação mêmica, de replicação cultural comportamental e informacional. Nesse sentido:

(...) ninguém pode criar um meme, porque ele emerge e ele é quem usa o sujeito da linguagem e não o contrário. Já o Meme de internet, conforme o uso e os propósitos comunicacionais nas redes sociais, é um tipo de texto que se pode criar, uma montagem, uma amálgama de linguagens e semioses, que possui um conteúdo temático, um plano composicional. Nessa esteira de pensamento, pode-se ainda pensar que todo Meme de internet é um meme nos termos de Richard Dawkins, ou seja, é uma forma replicante de transmissão cultural; contudo, nem todo meme é Meme de internet, uma vez que – o meme – assume matizes e uma gama de formas ao decorrer da história humana (SANTOS, 2018, p. 74).

Ressalta-se que os Memes de internet emergem do ambiente virtual, em que as fronteiras de demarcação das características genéricas são mais fluidas e líquidas, diferentemente de gêneros textuais mais formalizados e oriundos de contextos de produção institucionalizados (SANTOS, 2018, p. 74), conforme visto na discussão empreendida no capítulo primeiro. Na Internet, em pleno domínio das tecnologias da informação, os limites do que sejam as características do gênero textual digital, do suporte de circulação, da plataforma ou mesmo aporte tecnológico (software) não são precisos e parecem se confundir. Assim, o estatuto construcional do Meme de internet, “apesar de possuir composições funcionais de produção, replicação e uso, não segue caminhos sempre ortodoxos” (SANTOS, 2018, p. 74-75).

Como pondera Marcuschi (2004, p. 16), “os gêneros não são categorias taxionômicas para identificar realidades estanques”, e, certamente, o Meme de internet não pode ser descrito na plenitude de uma realidade estanque. Dessa forma, a concepção clássica de gênero não pode

ser aplicada ao estudo dos textos mêmicos sem que o pesquisador encontre estratégias para lidar com a sua natureza híbrida, mutável, instável, criativa e bricolada. Essa identidade dinâmica e multiforme do gênero digital Meme de Internet, por vezes, se manifesta e pode ser constatada na variedade de seu plano composicional. Ou seja, em seus múltiplos modos de estruturação, mesmo sendo de único tipo (sintaticamente) ou tratar da mesma temática, pode tomar a forma de uma *Image macro* (imagem com legenda sobreposta) ou tirinhas mêmicas nas redes sociais:

**Figura 1: Meme com legenda sobreposta/image macro**



Fonte: redes sociais

Mas também pode vir como um comentário no *Twitter* seguido de uma imagem ou mesmo uma publicação no *Instagram* em que a legenda atua em completude da semiose visual:

**Figura 2: Montagem de Memes no Twitter**



Fonte: redes sociais

Em todos esses casos, os Memes são perfeitamente inteligíveis ao usuário já familiarizado com a dinâmica da Cibercultura. O que está em jogo não é uma estrutura composicional fixa, em que o elemento visual deve sempre aparecer em determinada posição e o verbal de outro determinado modo. O que está posto aqui é o estabelecimento do significado textual construído a partir da articulação de diversas semioses, mesmo que não seja a partir de uma estrutura regular. Resguardadas tais peculiaridades, e entendendo que os usuários da WEB 2.0 já estão acostumados à uma leitura multimodal, explorando os espaços (baixo/cima, esquerda/direita, centro/margem) na tela, não apenas linearmente, conservam-se, nesse caso, a articulação das semioses, o propósito comunicacional, o estilo e a função social.

Além do mais, a alegada efemeridade do Meme de internet precisa ser revista e relativizada. Da mesma maneira que acontece com outros gêneros textuais, por exemplo, a notícia, o *meme momentum* é fulgaz. Aquele fato noticiado pelo jornal de ontem, já não garante as vendas ou a leitura do jornal de hoje, encontrando seu lugar no ostracismo da informação e da cultura. Contudo, mesmo que o conteúdo seja mudado, a forma relativamente estável do gênero notícia, que ocupa um lugar social de uso, sob um plano composicional e estilo, se

conserva. Não se inventa um novo gênero diariamente para que sejam veiculados os fatos e acontecimentos sociais. Aquele gênero se reveste do novo no uso diário que lhe conferem autores e leitores. De igual modo, o Meme de internet. Os fatos catalizadores e memetizados de hoje logo passarão, assim como aquele complexo de textos mêmicos que fora criado e replicado em torno daquela temática. No entanto, motivados por novos fatos, como histórias, economia, política, cultura e esportes, os Memes, na plena realização de suas formas, composição e função social, estarão em uso novamente.

A título de fechamento desta seção, vale destacar que a chave para a compreensão, em sua plenitude, do estatuto do gênero digital Meme de internet é o apelo ao contexto e, por conseguinte, o uso. Aqueles gêneros digitais que guardam certa similaridade com outros modelos de domínios distintos são mais facilmente compreendidos, haja vista a alegada semelhança entre o e-mail e a carta, por exemplo. Contudo, esses gêneros emergentes do contexto e das práticas comunicativas da Cibercultura são plenamente entendidos por aqueles que estão inseridos nesse domínio discursivo virtual. Quer parecer-nos que a resistência no trato com a linguagem e com os gêneros oriundos da Internet trata-se antes de mais nada de um preconceito com o uso e o contexto de produção do que propriamente com dificuldades teórico-metodológicas.

## 2.5. Meme de internet: humor e outras singularidades

Indubitavelmente, se há um traço unificante e distintivo que tipifica a produção dos Memes de internet é a tônica do Humor, em suas multifacetadas formas e variados propósitos. Em todas as linhas de pesquisa e nas áreas do conhecimento, independente da perspectiva de análise ou da linha teórica de abordagem do objeto, é consenso, entre os estudiosos, que o humor é a marca predominante nos Memes, conforme registram Aragão e Souza (2016), Calixto (2017), Coelho e Martins (2018), Dias, Teles, Karime e Grohmann (2015), Duarte (2014), Goethel e Trevisan (2015), Fontanella (2009), Oliveira Neta (2016, 2017), Santos (2018), Silva (2016), Souza (2013), Souza Junior (2013), entre outros. Apesar disso, para além do tom jocoso e desprezioso, por detrás da alegada comicidade, o humor se presta a diversos papéis nos Memes de internet, a saber, críticas sociopolíticas, reforço ideológico, sátiras de costumes e aspectos culturais. Na era digital, o Meme assoma como uma nova forma do princípio evocado pela expressão latina '*Ridendo castigat mores*'<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Rindo corrige-se os costumes, máxima presente desde o teatro romano e a Literatura de Gil Vicente.

Como um fenômeno de contágio, ou seja, um produto viral, os Memes são marcados pela estética do *digital trash*. No entanto, a aparente despreensão dessa cultura online, tão marcada pelo humor, parece que levou a equívocos interpretativos ou à incompreensão de sua função social. Alguns autores, por exemplo, tratam de maneira superficial a questão temática e o humor nos Memes, atribuindo-lhes papel trivial:

Pudemos perceber que os memes são marcados pela aura do *digital trash* (PRIMO, 2013) que ronda o ecossistema digital e age no sentido de potencializar novas formas de interação social e consumo; os usuários são estimulados a interagirem com produtos midiáticos ou da própria Internet, contribuindo coletivamente no sentido de criarem conteúdo *online* marcado pelo humor e pela **banalidade de seus temas** (Oliveira Neta, 2016, grifo nosso).

Se Oliveira Neta (2016) adjetiva negativamente a questão do tópico nos Memes, Duarte (2014), por sua vez, parece não ver com grande importância a questão do humor nos textos que circulam pela internet:

As mudanças tecnológicas na área da comunicação estimulam novas formas de manifestações. Canclini (2010) esclarece que essa é uma característica do novo cenário sociocultural, em que o cidadão, a fim de desfrutar de certa qualidade de vida, modifica a seu modo de manifestação. Nesse cenário, as formas argumentativas tradicionais dão lugar à fruição de espetáculos nos meios eletrônicos, em que a narração ou **simples acumulação de anedotas prevalece sobre a reflexão em torno dos problemas** (DUARTE, 2014, grifo nosso).

Contudo, por detrás da aparente espetacularização de textos, sob alegada banalidade temática ou mesmo simples comicidade, os Memes de internet avultam como profícuos e efetivos exercícios de linguagens, marcados pelo humor, pela ironia e sobretudo pela crítica social, reforçando ideologias, refutando comportamentos, satirizando personalidades, deflagrando mudanças e ressignificando fatos da vida cotidiana.

Dessa forma, como bem salientam Goethel e Trevisan (2015), pode-se observar que os Memes carregam um **poder** ainda desconhecido, mas de profundo alcance nas múltiplas esferas sociais, como a cultura, a política, a educação, economia, segurança pública e esporte, por exemplo. A título de ilustração, vejamos alguns fatos da sociedade brasileira que foram memetizados, ou seja, readaptados, ressignificados e transformados em Memes de internet. Quanto aos fatos políticos:

**Figura 3: Divulgação do áudio da JBS**



Fonte: El País<sup>23</sup>

Em relação a fatos socioeconômicos:

**Figura 4: Greve dos caminhoneiros e aumento da gasolina**



Fonte: Gazeta do Povo<sup>24</sup>

<sup>23</sup> Mediante a produção de Memes de internet por ocasião da divulgação do áudio da JBS (em que consta um suposto diálogo de Michel Temer com o dono da empresa), a Secretaria de Imprensa da Presidência da República proíbe a utilização de imagens do Presidente da República para fins não jornalísticos e oficiais, sem autorização prévia. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/27/ciencia/1495899503\\_382776.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/27/ciencia/1495899503_382776.html). Acesso em: 13 de julho de 2018.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/a-protagonista/2018/05/24/rindo-de-tragedia-os-20-melhores-memes-da-greve-dos-caminhoneiros/>. Acesso em: 13 de julho de 2018.

E ainda sobre eventos esportivos:

**Figura 5: Copa do Mundo 2018**



**Fonte:** @tubenews<sup>25</sup>

Certamente o Meme de internet promove a espetacularização do riso nas redes sociais, como uma espécie de catarse coletiva processada pela via do humor, em que nada fica de fora e toda sorte de assunto é matéria prima passível de memetização. Para Bergson (2004, p. 06 *apud* Coelho e Martins, 2018, p. 131,132) o riso deve ter uma significação social, não há riso fora do que é propriamente humano, é atividade da inteligência; e, o riso, afirma o autor, “precisa de eco”, ou seja, é sempre o riso de um coletivo e sustenta-se na complacência do outro para existir. Tal complacência coletiva, por meio do humor, se deflagra na linguagem verbal e na visualidade do Meme de Internet. No entanto, mesmo que cômicamente, várias são as significações construídas a partir da criação, replicação e propagação dos Memes.

Notadamente assentados no humor, os Memes de internet, dentro dos aspectos pertinentes a este estudo, também possuem outras singularidades inerentes à sua composição estilística, entre as quais, afetividade, autoria desconhecida, criatividade, *estética trash*, intertextualidade, simplicidade, sociabilidade (OLIVEIRA NETA, 2017, p. 78) e permanência (CELIDONIO, 2016), assim brevemente compreendidas:

- Afetividade: representam afetações emocionais socialmente compartilhadas;
- Autoria: indiferente às questões de autoria, pois, como arte produção e reprodução coletiva, é praticamente impossível determinar a autoria;

<sup>25</sup> Disponível: <https://www.tubenews.com.br/2018/07/memes-da-copa-do-mundo-2018-brasil-x.html>. Acesso: 13 de julho de 2018

- Criatividade: com vistas ao lúdico, ao humor e ao inesperado, apropriação de aparatos técnicos e composição vernacular;
- Estética *trash*: dialogando com a simplicidade, prezam pelo visual amador, com manipulações grosseiras e desleixadas;
- Intertextualidade: de modo criativo, os Memes dialogam entre si, estabelecendo relações temáticas intertextos, como uma cadeia de significação (memeplexo);
- Simplicidade: produzido de maneira rápida e intuitiva, sem necessidade de perfeição estética, prezando pela velocidade e agilidade de imitação e propagação;
- Sociabilidade: um meme é um ato comunicativo coletivo, um imperativo de sociabilidade e compartilhamento;
- Permanência: manutenção de um item do fato motivador original, seja uma frase, palavra, imagem, que, abstraídas do contexto e associadas a outras semioses, ganham uma nova significação.

Constata-se, de fato, um deslocamento de sentido no que diz respeito ao conceito do termo meme. Dawkins, quando cunhou esse neologismo, pensava em uma unidade de transmissão cultural, que se processava pela imitação. Alcançando maior êxito e popularidade que a teoria Memética, os Memes de internet, entendidos como gêneros digitais, se afastam da concepção de Dawkins para aderirem à linguagem, às características e aos mecanismos próprios desse novo contexto (AREIAS; TEIXEIRA, 2017). Contudo, ao tratar da relação entre Meme, Internet e tecnologias digitais, não queremos, com isso, incorrer em um determinismo tecnológico (DUARTE, 2014). Mesmo assim, não podemos desconsiderar, principalmente num estudo funcionalista, que as propriedades genéricas, léxico-gramaticais e visuais não escapam às características inerentes do contexto.

De fato, na última década, o uso de Memes de internet popularizou-se na Cibercultura, massificando-se velozmente, em especial, nas redes sociais, espaço em que se replicam e se propagam em profusão (SILVA, 2016, p. 342). Do ponto de vista do conteúdo, não há restrições para o seu poder, englobando desde as menores banalidades até os fatos mais substanciais da sociedade. Do ponto de vista do plano composicional, em sua maioria, e de maneira pouco ortodoxa, realiza-se a partir da articulação das dimensões verbais e imagéticas, marcadas por frases, fragmentos de textos, imagens, figuras, *GIFs*, vídeos, entre outras semioses possíveis. No estilo (SILVA, 2016, p. 349), preserva-se a tônica dominante do humor, a marca da ironia e a crítica. Em suma, perpassam os sentimentos coletivos, a reflexão, o questionar da realidade

e o problematizar da situação, desempenhando uma gama de papéis e funções sociais, nos termos de Marcuschi (2009), no espaço virtual e social.

### CAPÍTULO 3. A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL EM PERSPECTIVA

*Uma linguagem é um recurso para criar significado, e o significado reside em padrões sistêmicos de escolha.*  
(HALLIDAY; MATTHIESEN, 2014, p. 23, tradução nossa<sup>26</sup>)

O princípio segundo o qual todo o uso linguístico e toda forma de manifestação textual é sempre envolta por um contexto é basilar na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). Conforme salientam Cabral e Fuzer (2014), o contexto se encapsula no texto, isto é, as diversas variáveis do contexto influenciam a organização, bem como as escolhas linguísticas no processo de elaboração do construto significativo textual. Nessa perspectiva, em que a análise do gênero textual pressupõe uma referência ao ambiente do qual emerge o texto, no capítulo primeiro, intentamos determinar e caracterizar o contexto de emersão do gênero digital Meme de internet.

No segundo capítulo, estabelecidas as coordenadas gerais referentes às características do contexto de produção e circulação de textos na Internet e as singularidades próprias dos chamados gêneros digitais, avançou-se para a delimitação do conceito de Meme de internet, traçando aproximações e distanciamentos com a concepção do termo segundo os postulados da teoria Memética e o uso corrente dessa construção textual multissemiótica pelos usuários da Web 2.0.

Neste capítulo, solidificado o caminho pelas considerações anteriores, será discutido outro aporte teórico em que se assenta a pesquisa proposta. Serão considerados os pressupostos gerais da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1979, 1985, 1994; HALLIDAY; MATTHIESEN, 2004, 2014), teoria que norteia a visão de linguagem deste estudo, e suas Metafunções da linguagem, a saber, Metafunção Ideacional, Interpessoal e Textual.

Sobreleva salientar que esta não é uma revisão teórica de todos os pontos relativos à GSF, portanto, mobilizaremos apenas aspectos pertinentes ao estudo em desenvolvimento, haja vista a riqueza teórico-metodológica dessa teoria. Outro aspecto a se considerar é que Halliday, quando da elaboração da GSF, pensara, inicialmente, em seu contexto de língua imediato, isto é, a língua inglesa (HALLIDAY; MATTHIESEN 2014). Sendo assim, ao utilizar a GSF como ferramenta de observação, análise e descrição das regularidades da língua em uso, será necessário adequá-la às características léxico-gramaticais do sistema do português brasileiro.

---

<sup>26</sup> No original: “A language is a resource for making meaning, and meaning resides in systemic patterns of choice.”

Para tanto, para além dos textos seminais de Halliday e Matthiessen, exploraremos os estudos dedicados à descrição da Língua Portuguesa, por exemplo, Gouveia (2009), Cabral e Fuzer (2014), entre outros.

### 3.1 A concepção funcional e sistêmica da linguagem

Diferentemente das abordagens linguísticas tradicionais, a Gramática Sistêmico-Funcional centra suas preocupações na língua em uso. Além disso, a partir de um viés de análise descritivo do uso linguístico, é uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana. É também um construto teórico-descritivo, uma vez que possui instrumentos e técnicas de descrição gramatical, que tem como objetivo fornecer explicações do como e do porquê a língua variar, em paralelo aos seus contextos de uso e grupos de falantes. Carlos Gouveia sintetiza os pressupostos orientadores da GSF nos seguintes termos:

O que aqui se joga é a caracterização da língua e dos sistemas semióticos em geral, como sendo estruturados pelo uso, isto é, determinados pelas necessidades dos seres humanos em razão da sua vivência em comunidade. Este é um traço fundamental de caracterização da língua e da sua natureza, com implicações na constituição da teoria. Não se trata apenas de encararmos a língua como uma realidade fundamentalmente social, concretizada na materialidade discursiva dos textos e da interação verbal, por oposição às teorias de descrição gramatical dominantes em linguística, que vêem a língua como uma realidade mental, mas também de reivindicar o princípio de que a gramática é modelada, constringida pelo modo como vivemos as nossas vidas, como interagimos com os outros, como reflectimos e (re)criamos o sentido da nossa existência, e como ao mesmo tempo ela constrange esses aspectos e processos. Neste sentido, e sendo o modelo da LSF [GSF] um modelo socialmente orientado, e não biologicamente orientado como acontece com a maior parte das gramáticas formais, estamos perante uma teoria de descrição gramatical que se preocupa fundamentalmente com o desenvolvimento dos sistemas gramaticais enquanto meios para as pessoas interagirem umas com as outras (2009, p. 17,18).

Halliday e Matthiessen, por sua vez, ao estabelecerem os traços distintivos de uma gramática de teor funcional para a gramática prescritiva estudada nas escolas, ressaltam que:

(...) a diferença entre uma descrição sistêmica e uma em termos da gramática tradicional escolar é que, nas gramáticas escolares, o compromisso [descritivo] era aleatório e sem princípios, enquanto que, em uma gramática sistêmica, ele é sistemático e teoricamente motivado. Ser uma "gramática funcional" significa que a prioridade é dada à visão "de cima"; isto é, a gramática é vista como um recurso para criar significado - é um tipo de gramática semântica. Mas o foco de atenção ainda está na própria gramática (2014, p. 49, tradução nossa).<sup>27</sup>

<sup>27</sup> No original: the difference between a systemic description and one in terms of traditional school grammar is that in the school grammars the compromise was random and unprincipled whereas in a systemic grammar it is systematic and theoretically motivated. Being a 'functional grammar' means that priority is given to the view 'from above'; that is, grammar is seen as a resource for making meaning – it is a semanticky kind of grammar. But the focus of attention is still on the grammar itself.

Nessa concepção, a gramática é compreendida como uma rede de escolhas significativas; vista de cima, é entendida como um sistema interrelacionado em que o eixo dominante é o paradigmático, e não o sintagmático, como outras abordagens funcionais. Assim, a estrutura é analisada em termos funcionais, em que cada componente da gramática está relacionado a outros elementos, constituindo um padrão de escolhas sistêmicas mutuamente definidoras (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Desse modo, do ponto de vista da GSF, é por meio da linguagem que se materializam os conteúdos da experiência do indivíduo no mundo, que se estabelece relação entre os interactantes sociais e que toda essa dinâmica representativa e interacional é organizada no nível do discurso. Ainda na perspectiva sistêmico-funcional, pondera-se, uma vez mais, que a língua “se organiza em torno de redes relativamente independentes de escolhas”, e que “tais redes correspondem a certas funções básicas da linguagem” (GOUVEIA, 2009, p. 15).

Assim, como sistema de escolhas que toma por base a gramática em sua diversidade funcional, a linguagem se materializa em textos (CABRAL; FUZER, 2014). Além disso, dentro do modelo da GSF, a configuração da linguagem verbal, um sistema semiótico particular usado pelo indivíduo para agir, para dar e solicitar bens e serviços e informações, está organizada em estratos (contexto, semântica, léxico-gramática, fonologia/grafologia), isto é, nos processos interativos, que são mediados pela construção significativa de textos, se fundamenta na gramática (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Ainda versando sobre os estratos de composição da linguagem, conforme o entendimento da GSF, Cabral e Fuzer destacam que:

*A semântica é o sistema de significados. É realizado pela léxico-gramática, sistema de fraseado, isto é, estruturas gramaticais e itens lexicais. A léxico-gramática, por sua vez, é realizada pela fonologia e pela grafologia, que são os sistemas de sonoridade e de grafia, respectivamente. Todos esses sistemas interdependentes estão envolvidos pelo contexto* (2014, p. 21, ênfases das autoras, grifo nosso).

Halliday e Matthiessen (2014, p. 22-25), no que diz respeito à relação da linguagem e dos fatores extralinguísticos, destacam que é por meio da linguagem que materializamos nossas experiências e estabelecemos relações interpessoais. Isso, sem dúvida, implica dizer que a gramática, força motriz de criação de significados e unidade central do processamento da linguagem, interage com os processos sociais, com as condições contextuais, enfim, com tudo aquilo que acontece fora de si mesma. Sendo assim, no estrato semântico, tais experiências individuais e relações interativas são significadas; no estrato léxico-gramatical, mediante escolhas funcionais, são estruturadas e concretizadas em textos.

Como visto, para a GSF, a linguagem é um sistema de escolhas que se materializa em textos, a saber, “uma entidade semântica, isto é, um construto de significados e, ao mesmo tempo, uma troca social de significados” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 22). Nessa concepção, cada escolha contribui para a formação da estrutura, para a organização funcional do texto, ou seja, o ordenamento sintático e a inserção de elementos são produtos de escolhas sistêmicas na linguagem.

### 3.2 Fundamentos basilares da GSF: texto, contextos e Metafunções

Nos processos interacionais, quando as pessoas falam ou escrevem, o fazem, de fato, por meio de textos. No âmbito da GSF, texto é compreendido como tudo aquilo que falantes, ouvintes, leitores e escritores podem interpretar, como qualquer manifestação de linguagem, em qualquer meio, que faça sentido para alguém, ou seja, texto é, portanto, uma linguagem em contexto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Ainda no entendimento de Halliday e Matthiessen (2014, p. 03, tradução nossa), “a linguagem é, em primeira instância, um recurso para criar significados; então, o texto é um processo de fazer sentido no contexto”<sup>28</sup>.

Dessa forma, como um rico fenômeno funcional que constrói a significação de muitas maneiras, o texto pode ser concebido, gramaticalmente, de dois pontos de vista: como artefato (objeto) e como espécime (instrumento). Ao ser entendido como artefato, o texto é visto como um objeto em si mesmo, suscitando questionamentos que buscam entender o que significa, por que significa e por que é valorizado; como espécime, é visto como um instrumento para se descobrir algo mais, um ponto de acesso ao sistema da língua que o produziu, isto é, para a gramática em seus contextos funcionais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Em outras palavras, enquanto espécime, o texto constitui uma unidade de análise e de descrição na GSF, uma teoria de descrição gramatical; como artefato, por outro lado, é a unidade de análise e de descrição enquanto modelo de análise textual.

Para além das concepções hallidayanas, consoante Coulthard (1994, *apud* CABRAL; FUZER, 2014, p. 24), como um sistema de escolhas, um texto é apenas “uma série de possíveis textualizações e, por essa razão, retira parte do seu significado do que não é dito”. Assim, realizado por orações, texto é um processo contínuo de escolhas semânticas, o que, de maneira muito acertada, retrata ainda Gouveia:

---

<sup>28</sup> No original: Language is, in the first instance, a resource for making meaning; so text is a process of making meaning in context.

De orientação social, portanto, o quadro teórico-metodológico que tem vindo a ser descrito elege o texto como unidade fundamental, a partir da constatação facilmente verificável, de que este é a unidade de comunicação em qualquer evento discursivo. Ou seja, encarado, na sua dimensão comunicativa, como linguagem que é funcional, o texto é o resultado de toda e qualquer situação de interacção, isto é, é ele próprio a forma linguística de interacção social, uma unidade de uso linguístico. De extensão variável, falado ou escrito, individual ou colectivo, composto de apenas uma frase ou de várias (a extensão não é relevante), o texto é o que produzimos quando comunicamos. É ainda uma **colecção harmoniosa de significados apropriados ao seu contexto**, com um objectivo comunicativo (2009, p. 18, grifo nosso).

Além disso, conforme postulam Cabral e Fuzer (2014, p. 24), o texto é uma unidade semântica que se realiza em orações. Dessa forma, adotando a visão de grupos constituintes, em que grupos maiores são compostos de unidades menores, o texto é para o sistema semântico o que a oração é para o sistema léxico-gramatical e uma sílaba para o sistema fonológico (Halliday, 1979). O texto, como construto que dialoga com seu contexto, dele emergindo e nele funcionando, possui um plano composicional, uma estrutura genérica internamente coesa.

Quanto à noção de contexto, toda língua, e, por conseguinte, os textos, funciona em contextos de situação e a eles está vinculada. Contudo, para além do determinismo contextual, em que se intenta arrolar as singularidades de vocabulário, gramática e pronúncia que são tipificadoras de tal contexto, faz-se necessário pensar quais fatores de situação imprimem marcas na materialidade linguística ou mesmo influenciam na eleição do sistema linguístico (HALLIDAY, 1979). Foi a delimitação de tais fatores de situação que, justamente, motivou a produção do Capítulo 1 desta tese, em que se debruçou sobre a realidade da linguagem na Internet e da Internet na linguagem, como uma forma de ampliar a compreensão dos padrões sistêmicos de composição do Meme de internet.

De fato, o texto pode mostrar padrões léxico-gramaticais de relação com a situação, os quais constituem, então, aquilo que a GSF denomina de *registro*. E ainda, entendendo o texto como uma unidade do processo semântico, o registro é, portanto, “a configuração de significados que acontece por causa da situação” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 25) ou, como explica Gouveia (2009, p. 25), “pode ser definido [o registro] como variação de acordo com o uso, ou seja, é uma noção que dá conta do facto de usarmos tipicamente certas e reconhecíveis configurações de recursos linguísticos, em certos contextos”.

Nessa linha de entendimento, em que texto e contexto estabelecem uma relação dialética, e o registro assoma como a configuração linguística dos significados, a GSF investigará a organização semântica do texto, tomando por base a gramática, mapeando e analisando de que maneira as experiências dos indivíduos se materializam na linguagem, descrevendo de que modo as palavras são seleccionadas e de que maneira são organizadas em orações (CABRAL; FUZER, 2014, p. 25).

Em suma, a linguagem é uma semiose pela qual o homem representa suas experiências, interage com o semelhante, organizando tais significações no nível do discurso. Todavia, vale mencionar que tal organização semântica e linguística está condicionada a fatores extralinguísticos, isto é, o texto estabelece uma relação com contexto do qual procede, ponto precípuo da GSF.

Qualquer que seja o texto, independentemente de sua modalidade de produção, bem como qualquer outro uso linguístico, está inserido num contexto, emerge dele, nele circula e para ele converge. O contexto e suas peculiaridades estão encapsulados na constituinte textual como produto da relação entre a organização funcional da linguagem e o meio social (CABRAL; FUZER, 2014, p. 26), isto é, no conjunto de escolhas possíveis disponíveis ao falante ou escritor dentro do sistema da língua, cabe ao indivíduo selecionar aquelas mais pertinentes e apropriadas a cada situação.

Assim, se é válido pensar o texto não como um fenômeno isolado, destituído de pessoalidade ou imune às pressões contextuais, mas como um acontecimento de linguagem situado, marcado por questões sociais, históricas e pelas relações interativas, também é verdade que, contextualmente, a relação entre texto e o meio se estabelece, conforme Halliday (1979) e Halliday e Matthiessen (2014), a partir do *contexto de cultura* e do *contexto de situação*.

Em termos gerais, o *contexto de situação* pode ser compreendido como o ambiente imediato em que o texto está funcionando; o *contexto de cultura*, por sua vez, relaciona-se ao ambiente sociocultural mais amplo, associado não só a países e etnias específicas, mas ideologias, convenções sociais e institucionais que marcam as comunidades e os grupos sociais, como escola, família, igreja, justiça, etc.

Em relação ao modelo conceitual do *contexto de situação*, segundo descrito por Halliday e Matthiessen (2014), é concebido a partir de três variáveis: *campo*, *relações* e *modo*. A variável *campo* faz referência ao propósito específico, à natureza da ação social que está sendo empreendida, bem como à atividade desenvolvida pelos participantes. Se o campo centra suas preocupações na atividade, no objetivo e na finalidade, as *relações*, segunda variável do contexto (microcontexto) de situação, diz respeito propriamente aos participantes envolvidos em tais atividades, desvelando a natureza dos papéis desempenhados, a hierarquia das relações, a distância social e o grau de formalidade. O *modo* refere-se, por fim, ao veículo utilizado na situação comunicativa, à função da linguagem, ao papel da linguagem, ao canal (gráfico ou fônico) e ao meio (oral, escrito e/ou não verbal) utilizados.

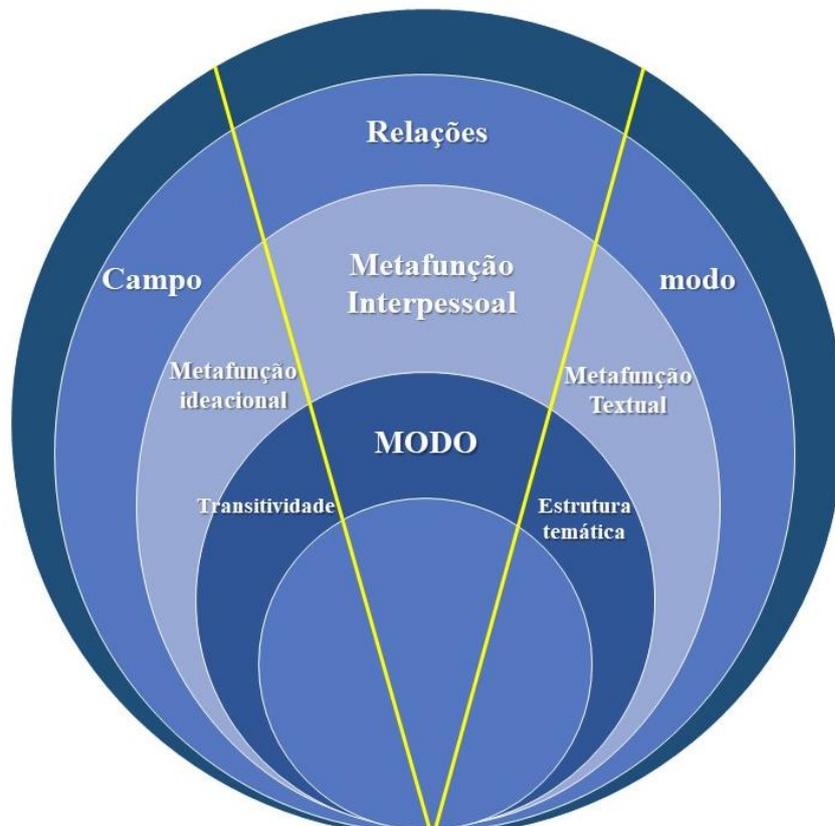
Relacionadas às variáveis do contexto de situação (campo, relações e meio), que se manifestam nos textos a partir de elementos linguísticos, estão as Metafunções da linguagem

(HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), a saber, *Metafunção Ideacional*, *Interpessoal* e *Textual*. Nas palavras de Cabral e Fuzer (2014, p. 32), as Metafunções, que se relacionam diretamente às variáveis do contexto de situação, no sistema linguístico, são manifestações “dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua”, ou seja, compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação no nível do discurso (textual).

Dessa forma, as Metafunções tomam a oração de modo multifuncional e plurissignificativo, em que a cláusula assoma como uma composição de significados ideacionais (oração como representação), interpessoais (oração como interação) e textuais (oração como mensagem). Assim, ao analisarmos textos, é possível identificar aspectos do contexto de situação (campo, relações, meio) a partir da observação das estruturas léxico-gramaticais. Tais estruturas, dessa maneira, estão intrinsecamente relacionadas aos propósitos desempenhados pela linguagem e condicionadas pelos significados ideacionais, interpessoais e textuais.

Assim, as Metafunções se materializam, cada uma, por um sistema próprio no estrato léxico-gramatical, conforme sinalizado:

**Figura 6: Variáveis do contexto de situação, Metafunções e sistema léxico-gramatical**



**Fonte:** adaptado de Cabral e Fuzer (2014, p.26)

Na Metafunção Ideacional, que estabelece relações diretas com a variável campo (atividade), a oração é vista como representação das experiências do indivíduo e se realiza por duas funções distintas: experiencial (tem a oração como unidade de análise) e lógica (centrada no complexo oracional, responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais). No processo de análise oracional, o sistema léxico-gramatical é o da *transitividade*, que dá conta da construção da experiência em termos da configuração de participantes, processos e circunstâncias envolvidas na situação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Quanto à Metafunção Interpessoal, com foco nas relações, é realizada, no estrato léxico-gramatical, no sistema de MODO<sup>29</sup>, que, gramaticalmente, expressa a interação entre os participantes de um evento comunicativo, descrevendo as informações relativas ao tempo em que ocorre o evento, à modalidade e à polaridade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). No escopo dessa Metafunção, estão abarcadas funções oracionais, como Sujeito, Finito, Complemento, Predicador e Adjunto. Se na Metafunção Ideacional a oração é vista como uma representação das experiências, na Interpessoal é tida como uma forma de trocar informações e bens e serviços, derivando dessa perspectiva classificações como oração como Proposta ou Proposição, por exemplo.

Por fim, realizando-se no estrato léxico-gramatical da *Estrutura Temática*, na Metafunção Textual, a oração é vista como mensagem, organizando as informações em termos de *Tema* (elemento que serve de ponto de partida da mensagem) e *Rema* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Assim sendo, a Metafunção Textual, que se relaciona com a variável contextual modo, organiza as formas de coesão, os padrões de voz, as formas dêiticas, a tematização e a progressão temática dentro do texto. Desse modo, o que está em jogo é a própria organização da mensagem, bem como o processo de ligação e referenciação dentro do texto.

Sobre essa composição tripartite da oração, em que um mesmo item corresponde a três componentes distintos no estrato léxico-gramatical, esclarecem Cabral e Fuzer (2014, p. 34):

[...] a chave para a interpretação funcional da estrutura gramatical é a multifuncionalidade: os componentes linguísticos de uma mesma oração podem ser interpretados sob diferentes enfoques. Cada componente corresponde a três tipos de coisas, mas, ao mesmo tempo, estão sistematicamente relacionados, a ponto de um mesmo item gramatical os representar.

---

<sup>29</sup> Nesta altura, é importante ressaltar que, na GSF, a palavra modo é tratada com três sentidos distintos e com três grafias igualmente diferentes: modo (em minúsculo), como referência a uma das variáveis do Contexto de Situação; Modo (com inicial maiúscula), em analogia ao componente oracional do sistema interpessoal; MODO (em letras maiúsculas) no tocante ao sistema léxico-gramatical de realização da Metafunção Interpessoal.

Dessa forma, a oração, simultaneamente, é organizada a partir da materialização, no sistema linguístico, das experiências do indivíduo (significados ideacionais), das relações entre pessoas (significados interpessoais) e da organização dessas informações na mensagem (significados textuais), ou seja, a “oração é vista como uma composição de representações e relações organizada como mensagem” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 35).

A título de exemplificação dessa integração multifuncional concomitante da oração, observe-se o Meme abaixo:

**Figura 7: Meme da Copa do Mundo**



Fonte: G1<sup>30</sup>

Nesse caso, mapeando unicamente o aspecto verbal desse Meme de internet, encontram-se os seguintes componentes léxico-gramaticais:

**Quadro 4: Descrição da integração multifuncional da oração**

<i>Metafunções</i>	[Você]	Torceu	contra a Argentina?
Ideacional (transitividade)	Participante	Processo	Participante
Interpessoal (MODO)	Sujeito	Predicador	Resíduo
Textual (Estrutura temática)	Tema		Rema

Fonte: autoria própria

<sup>30</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/07/o-que-teve-copa-do-mundo-em-fotos-gifs-e-memes.html>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019

No escopo da GSF, tudo acontece acima ou abaixo do nível da oração, isto é, a oração, composta de, pelo menos, um grupo verbal e um grupo nominal, é a unidade central de observação e análise. Acima do nível da oração, está o complexo oracional, constituído de duas ou mais orações reunidas. Abaixo, como grupos constituintes das orações, e que desempenham uma função no estrato léxico-gramatical, temos os grupos verbais, nominais, adverbiais e preposicionais. Esses, constituídos de palavras, que, por sua vez, são formados pelos morfemas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Assim, a oração (cláusula) assoma como a unidade central de processamento lexicogramatical, uma vez que é na sua estrutura gramatical que se materializam uma multiplicidade de significados.

### 3.3 Metafunção Ideacional: oração como representação da experiência

Como destacado na seção anterior, na Metafunção Ideacional, a oração é vista como representação das experiências do indivíduo no mundo, tendo a cláusula como unidade de análise (componente experiencial) ou centrada no complexo oracional (componente lógica). Avançando para um maior detalhamento de um desses dois âmbitos de experiência, o componente experiencial, pode-se dizer que, quando o indivíduo expressa a sua experiência do mundo material ou exterior (ações ou eventos) e do mundo interior ou da consciência (desejos, lembranças, reflexões, percepção, emoção, imaginação e estado de espírito), estamos no terreno da Metafunção Ideacional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), que se realiza no *Sistema de transitividade* do estrato léxico-gramatical, conforme representado na Figura 08.

Na gramática tradicional, a transitividade diz respeito às relações entre os verbos (predicadores) e seu complementos, seja direta ou indiretamente. No tratamento conferido pela GSF à oração, a transitividade refere-se a uma descrição sistemática que escopa a oração em sua completude, abarcando não só os processos (verbos), mas também os participantes e as circunstâncias que envolvem esses eventos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Entendendo que os participantes são as pessoas, seres ou coisas que desenvolvem o processo ou que por ele por são afetados, e a circunstância indica o tempo, modo, causa e o espaço em que o processo vem a ocorrer, os processos podem representar eventos, aspectos do mundo físico, mental e social do ser humano (CABRAL; FUZER, 2014, p. 41). Tais considerações podem ser assim sintetizadas:

**Quadro 5: Componentes da oração**

Componentes da oração	Definição	Categoria gramatical
<i>Processo</i>	É o elemento central da configuração, indicando a experiência se desdobrando através do tempo.	Grupos verbais
<i>Participantes</i>	São as entidades envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados -, as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele.	Grupos nominais
<i>Circunstâncias</i>	Indica, opcionalmente, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.	Grupos adverbiais

**Fonte:** adaptado de Cabral e Fuzer (2014, p. 41), com base em Halliday e Matthiessen (2004)

Participantes e processo constituem-se como o centro experiencial da oração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Os processos, por sua vez, como construto significativo, se manifestam em diversos matizes oracionais. Há três processos principais (primários) por meio dos quais o indivíduo pode representar suas experiências: materiais, mentais e relacionais. Na fronteira desses, outros três processos secundários: comportamentais, verbais e existenciais. Conforme Halliday e Matthiessen (2014), Gouveia (2009) e Cabral e Fuzer (2014), em resumo:

- *Processo material (primário)*: representação da experiência externa do indivíduo, de ações e eventos, como fazer, construir, acontecer;
- *Processo comportamental (secundário)*: situado entre os processos materiais e mentais, é concebido como a representação de comportamentos, manifestação que se situa no limiar das atividades físicas e psicológicas do ser humano, como dormir, bocejar, tossir, dançar, etc.
- *Processo mental (primário)*: representação da experiência interna (lembranças, reações, reflexões, estados de espírito), por exemplo, pensar, lembrar, imaginar, gostar, querer;
- *Processo verbal (secundário)*: representação das atividades linguísticas dos participantes (dizeres), como falar, responder, dizer e responder. Situa-se na fronteira entre os processos mentais e os relacionais;
- *Processo relacional (primário)*: representa a caracterização e a identificação dos participantes, tendo como prototípicos verbos como ser, estar, parecer e ter.
- *Processo existencial (secundário)*: representação da existência, do estar no mundo, de um participante, como os verbos existir e haver. Numa concepção cíclica, situa-se entre os processos relacionais e os materiais.

As fronteiras entre os processos primários e secundários possuem contornos não tão nítidos, sendo os processos definidos em função do uso e contexto de aplicação, não apenas pelo tipo verbal empregado, ou seja, na linguagem, tudo pode ser concebido como relativo, inclusive a determinação dos processos, aquilo que Halliday e Matthiessen entendem como indeterminação sistemática (HALLIDAY; MATHIESEN, 2004). Assim, o contexto e as relações semânticas é que possibilitarão a identificação dos processos oracionais, já que, dependendo das combinações léxico-gramaticais, um mesmo grupo verbal pode realizar diferentes processos (CABRAL, FUZER; 2014, p. 44).

Da mesma maneira que os processos (grupos verbais) podem ser identificados de maneiras distintas, os participantes (grupos nominais) do processo desenvolvido também podem ser identificados conforme o papel que desempenham na figura oracional elaborada. Nos processos materiais, por exemplo, quem desempenha a ação expressa pelo processo é denominado como Ator; quem a recebe, de Meta. Tal classificação será aprofundada e detalhada nas subseções posteriores, quando tratarmos dos tipos de processos e de seus respectivos participantes.

Além dos processos e participantes, a oração, eventualmente, pode ser composta pelas circunstâncias, realizadas a partir de grupos adverbiais e preposicionais (HALLIDAY; MATTHIESEN, 2014). Podendo ocorrer em todos os tipos de orações, descrevem o contexto em que o processo se realiza, referindo-se à localização de eventos no tempo (quando) e no espaço (onde?), bem como à causa (por quê?) e ao modo (como?) de realização de tais eventos (CABRAL; FUZER, 2014, p. 53). O Quadro 6, já adaptado ao português brasileiro, sintetiza os principais tipos de circunstâncias que marcam os processos oracionais:

**Quadro 6: Tipos de circunstâncias**

Circunstâncias		Exemplos
<b>1. Extensão</b>	Distância (A que distância?)	Caminhar (por) <i>2 km</i> . Parar <i>a cada cem metros</i> . Andar <i>léguas</i> .
	Duração (Há quanto tempo?)	Ficar (por) <i>duas horas</i> . Sentar <i>a cada dez minutos</i> . Parar <i>por um longo tempo</i> .
	Frequência (Quantas vezes?)	Bater <i>três vezes</i> . Explicar <i>várias vezes</i> .
<b>2. Localização</b>	Lugar (Onde?)	Estudar <i>na biblioteca</i> . Chegar <i>perto</i> .
	Tempo (Quando?)	Sair <i>ao meio-dia</i> . Chegar <i>logo</i> .
<b>3. Modo</b>	Meio (Como? Como quê?)	Cortar <i>com uma faca</i> . Amarrar <i>com arame</i> .
	Qualidade (Como?)	Chegar <i>calmamente/ em completo silêncio</i> . Sair <i>rapidamente/ em velocidade</i> .
	Comparação	Jogar <i>como Pelé</i> .

	(Como é? Com que parece?)	Fazer <i>diferentemente dos outros</i> .
	Grau (Quanto?)	Amar <i>profundamente</i> . Estudar <i>pouco</i> .
4. Causa	Razão (Por quê?)	Chorar <i>por causa do namorado</i> . Ser punido <i>por violação de regras</i> .
	Finalidade (Para quê?)	Lutar <i>por liberdade</i> . Trabalhar na expectativa <i>de promoção</i> .
	Benefício/representação (Por quem?)	Falar <i>por você</i> . Jogar <i>contra a Seleção</i> .
5. Contingência	Condição (Por quê?)	Acionar o alarme <i>em caso de incêndio</i> . Falar <i>em condição de anonimato</i> .
	Falta/Omissão	<i>Na falta dos pais</i> chamar os tios. <i>Sem recursos</i> não se faz a obra.
	Concessão	Correr <i>apesar do cansaço</i> . Calar-se <i>a despeito das ofensas</i> .
6. Acompanhamento	Companhia (Com quem? Com o quê?)	Viajar <i>com a mãe</i> . Festejar <i>junto dos amigos</i> .
	Adição (Quem mais? O que mais?)	Cris partiu e Sara <i>também</i> . <i>Além das roupas</i> , levar os livros.
7. Papel	Estilo (Ser como o quê?)	Vir <i>como amigo</i> . Falar <i>como presidente da companhia</i> .
	Produto (o quê?/ em quê?)	Voltar <i>como um indigente</i> . Cortar o papel <i>em tiras</i> .
8. Assunto	Sobre o quê	Falar <i>sobre Paris</i> . Escrever <i>a respeito dos indígenas</i> .
9. Ângulo	Fonte	<i>De acordo com o Presidente</i> , o país melhorou. <i>Para Halliday</i> , a linguagem é multifuncional.
	Ponto de vista	É culpado <i>aos olhos da mídia</i> . <i>Na opinião do editor</i> , o texto está bom.

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p. 262-263) por Cabral e Fuzer (2014, p. 53-54)

### 3.3.1 Orações materiais (primárias)

As orações que representam uma mudança no fluxo dos eventos, tipicamente do modelo fazer e acontecer, são conhecidas como orações materiais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Dessa alteração no trajeto dos eventos, assoma a figura do Ator, responsável pelo desenrolar do processo no curso do tempo. Neste desdobramento empreendido pelo Ator, que conduz o evento a um resultado diferente da fase inicial do processo, aponta também a figura de outro participante, o Meta. Este participante é afetado pelo curso do processo material, tendo uma de suas características criadas ou alteradas. É importante ressaltar que o participante afetado pelo processo não necessariamente precisa ser humano (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), conforme se verá mais à frente. Quanto à classificação, as orações materiais se dividem em quatro subtipos (CABRAL; FUZER, 2014, p. 47):

- *Transitiva*: quando envolve dois participantes no processo (Ator e Meta);

- *Intransitiva*: envolve apenas um participante no processo (Ator ou Meta);
- *Criativas*: quando o participante passa a existir no mundo a partir do processo empreendido;
- *Transformativas*: mudança de algum aspecto ou alguma característica de um participante preexistente.

Halliday e Matthiessen (2004) empreendem um levantamento de verbos que frequentemente realizam processos materiais na língua inglesa, agrupando-os conforme a natureza do processo material representado na oração. A partir de tal levantamento, Cabral e Fuzer (2014) apresentam um quadro adaptado dos verbos que tipicamente realizam processos materiais no português brasileiro. As autoras ressaltam que esta é uma lista reduzida, e não acabada, e que precisa ser analisada a partir das variações contextuais e das possibilidades combinatórias dentro do texto (CABRAL; FUZER, 2014):

**Quadro 7: Verbos que realizam processos materiais**

CRIATIVOS	Gerais	Acontecer, aparecer, crescer, criar, desenvolver, emergir, fazer, formar, ocorrer, preparar, produzir	
	Específicos	Edificar, construir, compor, cozer, projetar, planejar, traçar, forjar, pintar esboçar, escrever, assar, fermentar, tricotar, costurar, tecer, cavar, furar, fundar, estabelecer, abrir, iniciar	
TRANSFORMATIVOS	Elaboração	Estado	Amolecer, aquecer, assar, congelar, derreter, dissolver, endurecer, esfriar, esquentar, ferver, liquidificar, pulverizar, queimar, tostar, vaporizar
		Composição/ acabamento	Aguilhoar, amassar, aniquilar, aparar, apunhalar, arpoar, ceifar, cortar, curar, demolir, desmornar, despedaçar, destruir, esfaquear, esmagar, espetar, espremer, estilhaçar, estourar, estragar, explodir, fatiar, ferroar, furar, lancetar, picar, podar, quebrar, rachar, rasgar, remendar, retalhar, ruir, talhar
		Superfície	Arranhar, barbear, enxugar, escovar, espanar, lamber, lustrear, polir, raspar, revolver, varrer
		tamanho	Aumentar, contrair, crescer, comprimir, descomprimir, diminuir, encolher, esticar, expandir, reduzir
		forma	Ajustar, alisar, arquear, contorcer, curvar, deformar, desdobrar, desenrolar, distorcer, dobrar, encracolar, enrolar, espiralar, esticar, modelar, moldar, rodear, torcer
		idade	Amadurecer, envelhecer, modernizar, rejuvenescer
		quantidade	Aumentar, enfraquecer, fortalecer, reduzir
		cor	Amarelar, branquear, clarear, colorir, corar, desbotar, empalidecer, enegrecer, enrubescer, escurecer
		luz	Acender, brilhar, cintilar, faiscar, iluminar, lampear, luzir, reluzir, resplandecer, tremular
		som	Badalar, repicar, ressoar, retinir, retumbar, soar, tocar, troar, tropejar
		Exterior (cobertura)	Caiar, cobrir, debulhar, descascar, descobrir, despir, despojar, destelhar, embrulhar, encobrir, enfeitar, engraxar, enrolar, envernizar, esfolar, esmaltar, laminar, laquear, pavimentar, pelar, pintar, remover, vestir, untar

		Interior	Descaroçar, desentranhar, destripar, estripar,
		contato	Açoitar, acotovelar, apedrejar, atingir, atirar, bater, chicotear, chutar, colidir, espancar, golpear
		Abertura	Abrir, fechar, tapar
		operação	Assistir (dar assistência), cavalgar, capitanear, comandar, correr, criar, cuidar, diferir, governar, mandar, operar, trabalhar, trazer, voar
Extensão	possessão	Aceitar, adquirir, alimentar, alugar, apresentar, arrendar, comprar, conferir, contribuir, dar, despojar, doar, emprestar, enganar, entregar, expedir, fornecer, furtar, gratificar, legar, mandar (e-mail), negar, obter, oferecer, outorgar, pegar, postar, premiar, privar, prover, recompensar, roubar, servir, suprir, tomar, transmitir (fax), vender	
	Acompanhamento	Acumular, aglomerar, amontoar, arrebanhar, coletar, debandar, desunir, dispersar, distribuir, encontrar, esparramar, juntar, reunir, separar	
Intensificação	Movimento: modo	Balançar, caminhar, correr, coxear, deslizar, dirigir, escorregar, galopar, girar, guiar, ondular, marchar, navegar, passear, patinar, pular, rodopiar, sacudir, saltar, tremer, trotar, velejar, voar	
	Movimento: lugar	Alcançar, anteceder, aproximar, aterrissar, atravessar, cair, capotar, chegar, cruzar, decolar, emborcar, derrubar, entrar, escapar, erguer, inclinar, ir, levantar, levar, partir, passar, preceder, rodear, sair, seguir, tombar, trazer, ultrapassar, vir, virar, voltar	

Fonte: Cabral e Fuzer (2014, p. 48-49)

A partir das considerações sobre os subtipos de processos materiais e os exemplos de verbos que normalmente realizam figuras materiais no português brasileiro, no exemplo abaixo, vemos exemplificadas e descritas essas propriedades léxico-gramaticais:

**Figura 8: Exemplificação e descrição da oração material**



Fonte: Exame<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/copa-da-zoeira-os-melhores-memes-da-copa-do-mundo-2014/>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.



<b>Atributo</b>	<p>Constitui uma característica atribuída a um dos participantes. Pode ser classificado como <i>Atributo resultativo</i> (estado qualitativo do Ator ou do Meta depois que o processo se completou) ou <i>Atributo descritivo</i> (especifica o estado em que se encontra o Ator ou o Meta quando toma parte do processo)</p>	<p>Cristiano Ronaldo sai <u>machucado</u> do treino em Los Angeles.</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Atributo resultativo</p> <p>A declarante estava trabalhando <u>de empregada</u> na casa da prima.</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Atributo descritivo</p>
-----------------	---	---

**Fonte:** Cabral e Fuzer (2014, p. 50-52)

### 3.3.2 Orações mentais (primárias)

As orações mentais referem-se aos processos que exprimem a experiência do mundo interior, da consciência do ser humano, o fluxo de consciência do indivíduo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Em relação aos participantes das orações mentais, são tipicamente humanos ou nomes coletivos humanos (família, mundo, vila, comunidade, país, etc.), partes da pessoa (cérebro, rosto, coração, cabeça, metonimicamente) e entidades inanimadas (objetos, instituição, filme, lembrança, por exemplo, desde que fruto da criação da mente humana) (CABRAL; FUZER; 2014). Nos processos mentais, a função que o participante exerce na oração é denominada de *Experienciador*. Em outro polo, tem-se um participante tipicamente realizado por grupos nominais, complemento do processo mental, denominado de *Fenômeno* no âmbito da GSF, que se refere ao que é sentido, pensado, percebido, desejado e conhecido (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Ainda em relação às características do participante Fenômeno, apontam Cabral e Fuzer (2014, p. 55), pode ser uma coisa ou entidade, um ato ou fato realizado por orações (oração projetada), e mesmo metafórico, no caso de nominalizações como núcleo, denotando processo ou qualidade.

Da mesma maneira que os processos materiais, as orações mentais são subdivididas em quatro tipos, a saber, perceptivas, cognitivas, afetivas e desiderativas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), consoante definidos e exemplificados a seguir:

**Quadro 9: Tipos de orações mentais**

Tipos	Definição	Componentes léxico-gramaticais da oração
<b>Perceptiva</b>	Amparadas pelos cinco sentidos do corpo humano (visão, audição, tato, paladar e olfato), são orações que constroem as percepções de fenômenos do mundo. Exemplos verbais: cheirar, provar, distinguir, escutar, olhar, ouvir, perceber, et.	<p><u>Dentro da barriga, bebê percebe mundo exterior por sons e luzes.</u></p> <p>Circunstância (lugar)      Experienciador      Processo Mental Perceptivo      Fenômeno      Circunstância (modo)</p>
<b>Cognitiva</b>	São orações que trazem o que é pensado à consciência da pessoa, sem fazer referência aos cinco sentidos. Exemplos verbais: achar, acreditar, crer, compreender, estudar, pensar, etc.	<p><u>Ninguém imaginava que Grafite iria no lugar de Adriano.</u></p> <p>Experienciador      Fenômeno (realizado pela oração projetada)</p> <p>Processo Mental Cognitivo</p>
<b>Emotiva</b>	Conhecida também como afetiva, são orações que expressam graus de sentimento e afeição nas figuras construídas. Exemplos verbais: adorar, agradar, amar, cativar, chocar, deleitar, enfadar, lastimar, querer, etc.	<p><u>[Eu] Gosto muito de Robinho e Elano.</u></p> <p>Experienciador      Processo Mental Emotivo      Circunstância (grau)      Fenômeno</p>
<b>Desiderativa</b>	São orações que exprimem desejo, vontade e interesse em algo ou alguma coisa. Exemplos verbais: almejar, ansiar, aspirar, cobiçar, desejar, sonhar, rejeitar, refugar, tentar, etc.	<p><u>Neymar sonha com o título da Libertadores.</u></p> <p>Experienciador      Processo Mental Desiderativo      Fenômeno</p>

**Fonte:** Cabral e Fuzer (2014, p. 56-64)

Vale salientar que tais classificações não são um construto estanque, mas, como já ponderado, na GSF, a significação pressupõe uma indeterminação sistêmica, ou seja, os processos podem mesclar-se uns com os outros e um mesmo verbo, a depender do contexto e das relações semânticas dos componentes oracionais, pode suscitar processos diferentes.

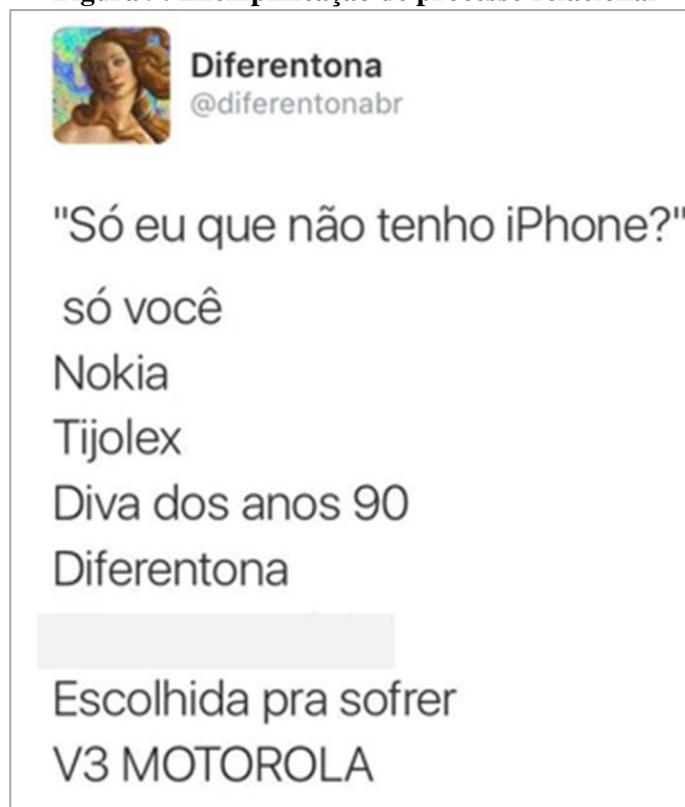
### 3.3.3 Orações relacionais (primárias)

Como é um meio para estabelecer relações entre duas entidades distintas, nas orações relacionais, haverá sempre a presença de dois participantes inerentes ao processo oracional. Nesse tipo de oração, a relação que se estabelece entre os dois participantes do processo em desenvolvimento é sempre do tipo caracterizadora, ou seja, há uma representação do mundo, descrevendo, atribuindo ou relacionando características e identidades aos envolvidos na

estrutura da oração relacional (Participante X e Participante A). Além disso, conforme Halliday e Matthiessen (2014) e Cabral e Fuzer (2014, p. 65), as orações relacionais possuem três tipos de classificações, a saber, *intensivas*, *possessivas* e *circunstanciais*.

As *orações relacionais intensivas*, tipicamente representadas pelos verbos “ser” e “estar”, servem para caracterizar uma entidade. São orações do tipo **X é A**. Por sua vez, as *orações relacionais circunstanciais* são orações em que a relação dos dois participantes é de tempo, modo, lugar, causa, acompanhamento, papel, ângulo e assunto. São orações do tipo **X é/está em A**. Já as *orações relacionais possessivas* estabelecem uma relação de posse entre duas entidades, em que um participante possui o outro, ou seja, se estabelece uma relação de pertencimento, tipicamente representada pelos verbos ter, possuir, envolver, pertencer, etc. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Nas palavras de Cabral e Fuzer (2014, p. 66), as orações relacionais possessivas “codificam significados de propriedade ou posse entre os participantes da oração”. São orações do tipo **X tem A**. O exemplo a seguir desvela a constituição dos processos relacionais:

**Figura 9: Exemplificação de processo relacional**



Fonte: *Catraca livre*<sup>32</sup>

<sup>32</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/criatividade/diferentona-as-23-melhores-imagens-do-meme-do-momento/>. Acesso em: 24 de janeiro de 2020.

A oração que constitui o Meme se organiza a partir de um processo de caracterização ou atribuição de uma particularidade a um dos participantes da figura oracional. Nesse caso, a fórmula da oração é X (não) tem A, o que o distinguiria dos demais, individualizando, tornando-o único entre seus pares. Dessa maneira, estamos diante de um processo relacional possessivo, marcado pelo Portador da particularidade (Eu) e do Atributo (não ter *iphone*).

### 3.3.4 Orações comportamentais (secundárias)

Descritas as orações primárias, avancemos para as secundárias. Neste campo, as fronteiras entre uma classificação e outra tornam-se ainda mais fluidas. Tem-se não apenas verbos que atuam com diversas possibilidades semânticas, conforme contexto e práticas comunicativas, mas também uma significação no limiar de uma e outra categoria. Nesta subseção, dedicaremos atenção às orações comportamentais, que ficam na intersecção das orações materiais e das mentais.

As orações comportamentais representam processos de comportamento fisiológico tipicamente humanos, como respirar, tossir, sorrir, sonhar e olhar. Todavia, diferentemente dos processos primários (material, mental e relacional), os comportamentais não apontam características tão precisas em sua tipificação, tendo um pouco de outros significados oracionais (HALLIDAY; MATTHIESEN, 2014)

Em relação aos constituintes léxico-gramaticais, o participante é denominado de *Comportante*, um ser dotado de consciência. Além do Comportante, nas orações comportamentais, pode-se encontrar, alternativamente, em alguns casos, um outro participante, o *Comportamento*, que representa um comportamento que constrói o próprio processo, por exemplo, cantar, dançar, levantar, sentar (posturas comportamentais próximas aos processos materiais); olhar, assistir, fitar, escutar, observar, preocupar-se, sonhar (posturas comportamentais próximas aos processos mentais); Tagarelar, murmurar, rosnar, falar, fofocar, argumentar, discutir (posturas comportamentais próximas aos processos verbais) (CABRAL; FUZER, 2014). Nos exemplos seguintes, tais componentes são descritos:

**Quadro 10: Descrição dos componentes do processo comportamental**

		Oração			
1.	Neymar  Comportante		dança		em evento beneficente.
			Processo comportamental		Circunstância (localização)
2.	O zagueiro mexicano Héctor Reynoso,	do Chivas,	tossiu	no rosto do argentino Penco, do Everton-CHI,	durante jogo válido pela última rodada da taça libertadores.
	Comportante	Circunstância (lugar)	Processo comportamental	Circunstância (lugar)	Circunstância (tempo)

**Fonte:** Adaptado de Cabral e Fuzer (2014, p. 77-78)

### 3.3.5 Orações verbais (secundárias)

As orações verbais estão presentes em vários domínios discursivos e em inúmeros tipos de discurso, como nos textos narrativos, nos textos jornalísticos e acadêmicos. Dessa forma, na constituição do diálogo, na atribuição de fontes de reportagem, na argumentação e no relato acadêmico, as orações verbais assomam como núcleo do processo do dizer (CABRAL; FUZER, 2104, p. 72).

Quanto à classificação, os processos verbais podem ser de dois tipos principais: de *Atividade*, que se desdobra em dois outros subtipos, *alvo* e *fala*; e de *Semiose*, em três outros mais, *neutro*, *indicação* e *comando* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). O Quadro a seguir exemplifica tipos de verbo que realizam este processo:

**Quadro 11: Verbos que realizam processos verbais**

Tipos		Exemplos
Atividade	Alvo	Acusar, caluniar, criticar, culpar, difamar, denunciar, elogiar, injuriar, insultar, lisonjear, repreender, xingar
	Fala	Conversar, falar
Semiose	Neutro	Contar, dizer
	Indicação	Anunciar, contar (algo a alguém), convencer (alguém de algo), explicar, informar, provar, relatar, persuadir (alguém de alguma coisa), prometer (algo a alguém).
		Perguntar (se alguém se), interrogar, indagar (-se)
Comando	Ameaçar (alguém de algo), convencer (alguém a pensar ou fazer algo), dizer (para alguém fazer algo), exigir, implorar, mandar, pedir (para alguém fazer algo), ordenar, persuadir (alguém a fazer algo), prometer (algo a alguém), rogar, solicitar, suplicar.	

**Fonte:** Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p. 255), por Cabral e Fuzer (2014, p. 72)

Em relação aos participantes, os processos verbais constituem-se da seguinte maneira (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014):

- *Dizente*: é propriamente quem fala no processo, podendo ser um ser humano ou uma fonte simbólica representativa;
- *Verbiagem*: é aquilo que é dito, expresso pelo conteúdo ou o nome do dizer, etc.;
- *Receptor*: é o participante a quem a mensagem é dirigida;
- *Alvo*: é a entidade sobre quem o Dizente age verbalmente, quem é atingido pelo processo de dizer.

Além desse tipo de taxonomia, e de modo similar ao que ocorre às orações mentais, em que orações podem ocupar o espaço léxico-gramatical do fenômeno, os processos verbais também projetam orações. Assim, a oração projetada que complementa a oração verbal pode ser classificada de duas maneiras: *Citação* ou *Relato* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Na *Citação*, geralmente entre aspas, travessões ou discurso direto, a oração reproduz de modo direto e fidedigno as palavras ou a fala de outrem. Não há, portanto, uma interferência ou paráfrase do produtor do texto no construto textual citado. Quanto ao *Relato*, por sua vez, geralmente introduzido por conjunção ou por oração não finita, há a manutenção do conteúdo do dizer de uma voz exterior, mas sem a permanência das mesmas palavras ou da mesma estrutura sintática (CABRAL; FUZER, 2014). Nesse caso, uma estrutura verbal de relato sintetiza, de maneira indireta, o entendimento do produtor do texto em relação ao que fora dito por outra pessoa.

**Quadro 12: Descrição dos componentes do processo verbal**

		Oração		
1.	Dunga	fala	palavrões	durante a entrevista
	Dizente	Processo verbal (atividade)	Verbiagem	Circunstância (tempo)
2.	Dunga	pede	desculpas	à torcida.
	Dizente	Processo verbal (atividade)	Verbiagem	Receptor
3.	Dunga	diz	que ciclo na seleção brasileira encerrou.	
	Dizente	Processo verbal (semiose)	Relato	
4.	“Vai ficar uma ferida”,		diz	Dunga.
	Citação		Processo verbal (semiose)	Dizente
5.	O MP	denuncia	Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá	por homicídio qualificado.
	Dizente	Processo verbal de atividade	Alvo	Circunstância (causa)

**Fonte:** Adaptado de Cabral e Fuzer (2014, p. 77-78)

Situação especial de classificação que ainda merece ressalva são as orações projetadas. Nos exemplos (3) e (4), constata-se a presença de orações completas preenchendo o espaço de constituintes léxico-gramaticais das orações verbais. Como salientam Cabral e Fuzer (2014), em orações verbais, é comum que orações projetadas ocupem a posição da Verbiagem, do mesmo modo que ocupam do Fenômeno, em relação à constituinte das orações mentais.

Dessa forma, a primeira oração será verbal e a outra pode vir a ser classificada normalmente. Assim sendo, ao nos depararmos com os exemplos citados, no âmbito do processo verbal, as orações projetadas da forma verbal “diz” são classificadas como relato (3) e citação (4). No entanto, se apenas fizermos a análise de tais orações em separado, chegaremos às seguintes conclusões: no exemplo (3), constata-se uma oração material intransitiva transformativa (*que ciclo na seleção brasileira encerrou*), ou seja, temos um Ator (ciclo), um processo material em que algo é transformado (encerrou) e uma circunstância locativa (na seleção brasileira); quanto ao exemplo (4), temos uma oração material transformativa (*Vai ficar uma ferida*), isto é, um processo material (vai ficar) e um atributo resultativo (uma ferida).

### 3.3.6 Orações existenciais (secundárias)

Avultando em menor número que os outros cinco tipos, e na fronteira das orações materiais e verbais, os processos existenciais fazem referência a algo que existe ou acontece (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Os verbos típicos desse tipo de oração são “haver”, “existir”, “acontecer” e “ter”. Diferentemente do que ocorre no inglês, em português, esse tipo de oração não apresenta a categoria de Sujeito. Portanto, o participante nas orações existenciais pode ser classificado apenas como *Existente*, representando uma pessoa, objeto, instituição, ação, evento ou uma abstração (CABRAL; FUZER, 2014). Além disso, as orações existenciais, além da figura do Existente, expressam, com maior frequência, circunstâncias de localização e modo, conforme descrição a seguir:

**Quadro 13: Descrição das orações existenciais**

Orações		
1.	Houve	uma alta de 70,07% nas vendas de notebook
	Processo existencial	Existente
2.	De acordo com a Air France	há
	Circunstância Ângulo (fonte)	dificuldade na identificação de alguns passageiros.
		Processo existencial
		Existente

3.	Durante a crise asiática de finais dos anos 90  Circunstância localização (tempo)	aconteceu  Processo existencial	uma alta de 22% nos casos de anemia entre mulheres grávidas na Tailândia.  Existente
----	--	--	---

Fonte: Cabral e Fuzer (2014)

Por fim, as considerações a respeito do modelo descritivo da Metafunção ideacional, no que diz respeito à transitividade oracional, podem ser recompiladas da seguinte maneira:

**Quadro 14: Modelo descritivo da Metafunção Ideacional**

Processos	Significado	Subtipos	Participantes	Exemplos
Material (primário)	Fazer Acontecer	Transitivo Intransitivo Transformativo Criativo	Ator Meta Escopo (entidade, processo) Beneficiário (Recebedor, Cliente) Atributo	Comprar, vender, mexer, pintar, cortar, quebrar, riscar, limpar, sujar, bater, matar, construir, pintar...
Mental (primário)	Perceber Pensar Sentir desejar	Perceptivo Cognitivo Emotivo Desiderativo	Experienciador Fenômeno	Perceber, ver, ouvir, lembrar, esquecer, pensar, saber, gostar, odiar, amar, querer...
Relacional (primário)	Caracterizar identificar	Intensivo Possessivo Circunstancial Atributivo (modo) Identificativo (modo)	Portador Atributo Identificado Identificador	Ser (otimista) Ser (o presidente) Estar (em paz) Ter (livros)...
Comportamental (secundário)	Comportar-se	-	Comportante Comportamento	Rir, chorar, dormir, cantar, dançar, bocejar...
Verbal (secundário)	Dizer		Dizente Verbiagem Receptor Alvo	Dizer, perguntar, responder, contar, relatar, explicar...
Existencial (secundário)	Existir, acontecer	-	Existente	Haver, existir, acontecer...

Fonte: Adaptado de Cabral e Fuzer (2014)

### 3.4 Metafunção Interpessoal: oração como codificação da interação

Como abordado anteriormente, na perspectiva da GSF, a oração é tomada de modo plurissignificativo e multifuncional, isto quer dizer que, no escopo léxico-gramatical, um mesmo componente pode exercer três funções distintas e construir significados igualmente diferentes. Dessa maneira, na seção anterior, analisamos a oração como uma forma de representação das experiências do indivíduo, expressando, semanticamente, sua ação sobre o

mundo, seu pensamento, seu comportamento, bem como registrando seu projeto de dizer, de caracterizar e de existir/estar.

Contudo, para além da função de representação, a linguagem também possibilita ao indivíduo interagir socialmente, criar identidades, desenvolver papéis sociais, expressar ideias e trocar opiniões com outras pessoas. Tal construção significativa se materializa por meio de textos, centra-se na Variável de Contexto *Relações* e realiza a denominada, no âmbito da GSF, Metafunção Interpessoal.

Nessa esteira de pensamento, portanto, a oração é concebida não apenas como forma de codificação, no nível léxico-gramatical, da realidade, mas também como parte da iteração entre falante e ouvinte, desempenhando funções de fala (CABRAL; FUZER, 2014). Assim sendo, nesta seção, nos dedicaremos a delimitar os componentes oracionais que realizam a Metafunção Interpessoal, observando como são estruturadas as orações no processo interativo, ou seja, à parte da gramática em que se manifestam os significados interpessoais, o *Sistema de MODO*. Nesse sistema, que desempenha a parte interpessoal da oração, realizam-se, mediante muitas alternativas léxico-gramaticais, as propostas e proposições pertinentes ao processo interativo, bem como os modos oracionais que tipicamente desempenham a função de fala, o que se passa a detalhar nas subseções seguintes.

#### 3.4.1 Preceitos fundamentais: papéis de fala, valores, funções e modos oracionais

Na GSF, no que se refere às funções de fala nos processos interativos, encontramos dois **papéis fundamentais** exercidos pela linguagem: *dar* e *solicitar*. No contato interpessoal, *dar* significa sempre “convidar a receber” (convidar alguém a receber alguma coisa, seja entidade concreta ou alguma abstração); *solicitar*, em outro turno, projeta um conteúdo de “convidar a dar” (convidar alguém a dar algo a outrem) (CABRAL; FUZER, 2014). Desse modo, há uma realização do falante/escritor em direção ao outro, mas também uma demanda (solicitação) de algo desse interactante.

Além dos papéis fundamentais de fala (dar e receber), nesses processos interacionais, há dois tipos de **valores trocados**: *informações* e *bens e serviços*. Na troca de *informações*, há, por parte do interlocutor, uma tomada de conhecimento ou uma resposta a uma pergunta feita. Assim, o que se está em curso é a troca da própria linguagem, uma solicitação ao interlocutor para que afirme ou refute algo e forneça a informação solicitada. Na troca de *bens e serviços*, por sua vez, não se pretende apenas que o interlocutor desempenhe seu papel de fala, mas intenta-se influenciar o comportamento desse alguém. Nesse sentido, a linguagem atua sobre

o comportamento ou sobre a ação do indivíduo, age como um instrumento de atividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

No primeiro caso, quando se demanda que o interlocutor desempenhe um papel de fala, quando a língua é usada para trocar informações, na GSF, a oração toma forma de uma *Proposição* (função semântica). Já quando a linguagem é usada para trocar bens e serviços, ou seja, quando há uma atividade influenciadora do comportamento do interlocutor, a oração, sistemicamente, é vista como *Proposta* (função semântica).

Derivadas dessas categorias, encontram-se as quatro funções primárias da fala: *oferta, declaração, comando e pergunta*. Dessa maneira, consoante Halliday (1989 apud CABRAL; FUZER, p. 105, tradução das autoras), a análise das trocas linguísticas nos processos interacionais, “dá conta, assim, do tipo de propostas ou proposição que está ocorrendo, das atitudes e dos julgamentos encapsulados na camada verbal e dos traços retóricos que a constituem como um ato simbólico interpessoal”, conforme resumido:

**Quadro 15: Papéis e funções de fala, valores trocados e funções semânticas**

Papel de fala	Tipos de valores	
	Informações	Bens e serviços
Dar	Declaração	Oferta
Receber	Pergunta	Comando
	= Proposição (função semântica)	= Proposta (função semântica)

**Fonte:** adaptado de Cabral e Fuzer (2014, p. 107), com base em Halliday e Matthiessen (2004)

Como se pode observar, quando se desempenha o papel de fala de *dar*, o interlocutor pode transmitir dois valores ao seu interactante, a saber, pode dar uma *Declaração* (apenas troca de informações) ou pode dar (fazer) uma *Oferta* (nesse caso, uma troca concreta de bens e serviços, uma influência sobre o comportamento de alguém). Em relação ao segundo papel de fala, *solicitar*, pode se conformar em Pergunta (apenas troca de informações) ou Comando (troca concreta de bens e serviços ou influência sobre o comportamento de alguém). Sempre que se realizar uma troca de informações, por meio de uma declaração ou pergunta, temos a oração exercendo a função semântica de Proposição; quando se troca bens e serviços, por meio de ofertas ou comandos, a oração se conforma, semanticamente, em Proposta (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Além disso, para cada tipo de função de fala desempenhada pelo indivíduo, espera-se uma resposta igualmente proporcional por parte do interlocutor, ou seja, uma reação, verbal ou não-verbal, por parte do ouvinte/leitor, seja um apoio ao que é dito ou confronto àquilo que fora enunciado (CABRAL; FUZER, 2014, p. 106):

**Quadro 16: Funções de fala e Reações do interlocutor**

Papéis de fala fundamentais	Valores trocados: Oferta ou Bens e serviços	função semântica	Reação do ouvinte: Apoio ou Confronto
Dar	Oferta (Bens e serviços) <b>Você quer um café?</b>	Proposta	Aceitação <b>Sim, por favor.</b>  Rejeição <b>Não, obrigado.</b>
	Declarações (Informações) <b>Ele serviu-me um café.</b>	Proposição	Reconhecimento <b>Ah, sim./Humm.</b>  Contradição <b>Não é verdade./ Não foi ele.</b>
Solicitar	Pergunta (Informação) <b>O que ele lhe serviu?</b>	Proposição	Resposta simples e direta <b>Ele serviu-me um café.</b>  Desconsideração <b>Não sei.</b>  Desaprovação <b>Por que me pergunta isso?</b>
	Comando (Bens e serviços) <b>Sirva-me um café.</b>	Proposta	Empreendimento <b>Aqui está/ É pra já.</b>  Recusa <b>Eu não. / Não farei isso./ Esqueça.</b>

**Fonte:** adaptado de Cabral e Fuzer (2014, p. 106), com base em Halliday e Matthiessen (2004, p. 108)

Como descrito, a função de fala *dar* suscitará, por parte do interlocutor, reações do tipo Aceitação (*Sim, por favor*) ou Rejeição das ofertas (*Não, obrigado*) e Reconhecimento (*Ah, sim*) ou contradição (*Não é verdade*) das declarações apresentadas pelo interactante. Quanto à função de fala *solicitar*, demandarão reações do tipo resposta simples (*Ele serviu-me um café.*), desconsideração ou desaprovação (*Não sei*) e empreendimento ou recusa em relação ao comando de ações (*Não farei isso*).

Por fim, além das funções de fala (*dar* e *solicitar*), dos valores trocados (informações e bens e serviços), das funções semânticas (Proposta e Proposição) e das reações dos interlocutores (apoio ou confronto), na Metafunção interpessoal, a oração pode se conformar em três modos oracionais: *interrogativo*, *declarativo* (ou indicativo) e *imperativo* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). No modo interrogativo, em que se realizam tipicamente perguntas e ofertas, as orações se materializam por meio de perguntas ou questões que suscitam respostas do tipo Sim/ Não. O modo declarativo realiza, basicamente, orações declarativas do tipo afirmativo ou exclamativo. Já as orações imperativas expressam comandos, o que se evidencia na eleição de verbos imperativos que marcam a estrutura gramatical.

A integração dessas especificidades da Metafunção Interpessoal pode ser contemplada no quadro seguinte:

**Quadro 17: Integração das funções de fala, dos valores trocados e dos modos oracionais**

Papeis fundamentais	Valores trocados: Oferta ou Bens e serviços	função semântica	Reação do ouvinte: Apoio ou Confronto	Modos oracionais
Dar	Oferta (Bens e serviços)	Proposta	Aceitação Rejeição	Interrogativo
Dar	Declarações (Informações)	Proposição	Reconhecimento Contradição	Declarativo
Solicitar	Pergunta (Informação)	Proposição	Resposta Desconsideração/ Desaprovação	Interrogativo
Solicitar	Comando (Bens e serviços)	Proposta	Empreendimento Recusa	Imperativo

**Fonte:** Halliday e Matthiessen (2014), Cabral e Fuzer (2014)

### 3.4.2 Componentes interpessoais da oração e recursos de interpessoalidade

No sistema de MODO, parte da gramática em que se materializam, lexicogramaticalmente, os significados interpessoais da oração, a cláusula se organiza em dois componentes básicos: *Modo*<sup>33</sup> e *Resíduo* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). O Modo se desmembra em outros dois elementos: *Sujeito* e *Finito*. O Sujeito é formado por um grupo nominal, pode ser reiterado pronominalmente e também ser omitido (sujeito desinencial) ou ficar em elipse. O Finito, por sua vez, é a parte do grupo verbal que carrega o tempo primário oracional, demonstrando o tempo, a modalidade e a polaridade da proposição (CABRAL; FUZER, 2014, p. 109).

O Resíduo é compreendido por tudo aquilo que na oração não é Sujeito ou Finito (integrantes do componente Modo), é o restante da oração (CABRAL; FUZER, 2014, p. 110-112). Assim como o Modo, o Resíduo é dividido, nesse caso, em três tipos: Predicador, Complemento e Adjunto(s), não necessariamente todos presentes na oração simultaneamente. O Predicador tem por função especificar a referência temporal secundária da oração, a voz verbal e o processo que é predicado ao Sujeito; o Complemento é realizado por um grupo nominal ou um grupo adjetivo; o Adjunto é o elemento que indica tempo, causa, finalidade,

<sup>33</sup> Uma vez mais vale ressaltar que, na GSF, a palavra modo é tratada com três sentidos distintos e com três grafias igualmente diferentes: modo (em minúsculo), como referência a uma das variáveis do Contexto de Situação; Modo (com inicial maiúscula), em analogia ao componente oracional do sistema interpessoal; MODO (em letras maiúsculas) no tocante ao sistema léxico gramatical de realização da Metafunção Interpessoal.

modo e espaço, realizando-se por um grupo adverbial ou preposicional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Ponto controverso na descrição do modelo teórico-metodológico da GSF é a Figura do Finito, elemento constituinte do componente Modo do sistema de MODO léxico-gramatical. Na concepção descritiva de Halliday e Matthiessen (2004), aplicada à análise da língua inglesa, o Finito é compreendido como o operador temporal primário, como no caso verbos auxiliares *will* e *would*, por exemplo. Resguardadas as devidas diferenças entre um sistema linguístico e outro, diversos autores adaptaram tal modelo gramatical à descrição da Língua Portuguesa. Em alguns casos, como o entendimento de Cabral e Fuzer (2014), no português, o elemento Finito poderia ser encontrado e descrito, mas nem sempre como um item léxico-gramatical independente na oração, mas aglutinado ao próprio verbo. De outro modo, Carlos Gouveia (2009) não concebe o Finito como elemento presente na Língua Portuguesa, portanto não sinaliza esse componente na descrição do português.

Na linha de pensamento adotada nesta pesquisa, entende-se que o Finito pode ser descrito como tempo primário do processo verbal, quando aparecer independente do verbo principal na oração, como elemento auxiliar, na perspectiva de Cabral e Fuzer (2014). No caso em que a noção temporal estiver materializada apenas em um elemento verbal, entende-se nula a categoria de Finito, tal como concebida por Gouveia (2009). Aliás, diferentemente do inglês, em que a composição temporal necessariamente será expressa pela presença de mais de uma forma verbal, o português apresenta mais de uma maneira de expressar a noção de temporal, seja pela presença de Finito e Predicador (irá ocorrer) ou apenas do Predicador (ocorrerá), ou seja, pela presença de um tempo primário (Finito) e outro secundário (Predicador) ou pela presença de apenas uma forma temporal. Halliday e Matthiessen (2014) fazem ponderações a respeito do uso da GSF na descrição de outras línguas, assinalando a validade do modelo, mas também ressaltando a necessidade de adequação à língua em análise e observação.

O exemplo a seguir descreve, de maneira sucinta, os componentes interpessoais da oração:

**Quadro 18: Descrição dos componentes interpessoais da oração**

Oração				
O fenômeno	tem	ocorrido	com frequência	no país.
Sujeito	Finito	Predicador	Adjunto	Adjunto
Modo		Resíduo		

Fonte: Cabral e Fuzer (2014)

Outro ponto a que podemos avançar na descrição interpessoal da oração, para além dos componentes fundamentais, são os **recursos linguísticos de interpessoalidade**, que contribuem para a manifestação da Metafunção interpessoal e se manifestam por meio de vocativos, expletivos, verbos modais, adjuntos e expressões modalizadoras. Cabral e Fuzer arrolam e adaptam os recursos linguísticos de impessoalidade para o português, conforme sedimentado a seguir:

**Quadro 19: Recursos linguísticos de interpessoalidade**

Recurso	Tipo	Significado	Exemplos	
<b>Vocativos</b>	-	Invocação	<i>Mãe, cheguei!</i>	
<b>Expletivos</b>	-	Emoção	Meus Deus!, Céus!, Cruzes!...	
<b>Verbos modais</b>	Probabilidade	Quão provável?	Poder, parecer, dever...	
	Usualidade	Quão frequente?	Costumar...	
	Obrigaçào	Quão necessário?	Dever, ter que...	
	Inclinação	Quão propenso?	Dispor-se a, determinar-se a...	
<b>Adjuntos modais</b>	Temporalidade	Tempo	Quão frequente?	Ainda, uma vez, logo, só, já ...
		Tipicalidade	Quão típico?	Ocasionalmente, regularmente, na maioria das vezes, geralmente...
	polaridade	Afirmação/negação	É positivo ou negativo	Sim, não, nem...
	Modalidade	Probabilidade	Quão provável?	Talvez, possivelmente, provavelmente, certamente...
		Usualidade	Quão usual?	Raramente, às vezes, usualmente, frequentemente, sempre, nunca...
		Prontidão	Quão disposto?	Prontamente, prazerosamente...
		Obrigaçào	Quão obrigatório?	Obrigatoriamente, absolutamente, a qualquer custo...
	modo	Obviedade	Quão óbvio?	Naturalmente, certamente, obviamente, claramente...
		Intensidade	Quão intenso?	Só, simplesmente, somente, de fato, mesmo...
		Grau	Em que medida?	Difícilmente, quase, completamente, totalmente...
	<b>Adjuntos de comentário</b>	Opinião	Eu penso	na minha opinião, pessoalmente, para mim...
		Admissão	Eu admito	Francamente, honestamente, realmente...
		Persuasão	Eu asseguro que	Honestamente, realmente, seriamente...
Solicitação		Eu solicito	Por favor, por gentileza...	
Presunção		Eu presumo	Evidentemente, aparentemente, sem dúvida, presumivelmente, supostamente	

	Desejo	Quão desejável ?	(in)felizmente, para minha alegria, para minha tristeza, lamentavelmente...
	Reserva	Quão confiável?	A princípio, provisoriamente...
	Validação	Quão válido?	Em geral, em termos gerais, amplamente, estritamente...
	Avaliação	Quão sensato?	Sabidamente, compreensivelmente, erroneamente, absurdamente...
	Predição	Quão esperado?	Para minha surpresa, surpreendentemente, previsivelmente, por acaso...
<b>Expressões modalizadoras</b>	Probabilidade	Quão provável?	É possível que, é provável que, é certo...
	Usualidade	Quão frequente?	É raro, é usual, é frequente, é constante...
	Obrigaçã	Quão necessário?	É permitido, é aceitável, é preciso, é necessário...
	Inclinação	Quão propenso?	Está disposto a, é desejável, está determinada a, está decidido a...

**Fonte:** Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004), adaptado por Cabral e Fuzer (2014)

### 3.5 Metafunção Textual: oração como composição da mensagem

Na GSF, a linguagem serve para construir e trocar significados, codificando, no nível léxico-gramatical, as experiências do indivíduo e os processos interacionais, como visto na análise das Metafunções ideacional e interpessoal. Contudo, tais significados carecem de ser organizados, no nível da oração, de forma coerente e coesa, do que se ocupa a *Metafunção Textual*, assentada na variável de contexto *modo*. Nessa perspectiva, a oração é vista como mensagem e se realiza, no estrato linguístico, na *Estrutura Temática* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), vide Figura 08.

Tal organização do discurso, sob a competência da Metafunção Textual, pode se manifestar na fala ou na escrita, garantindo maior compreensão ao ouvinte/leitor. Como salientam Cabral e Fuzer (2014), a linguagem, a depender da situação e do modo, é cuidadosamente planejada e estruturada, mas também pode ser totalmente espontânea, sem um planejamento da estrutura, das palavras ou conteúdo em si. Com fundamento da GSF, essa estruturação do discurso (e organização da mensagem) ocorre no nível da oração, na gramática da língua, em dois sistemas inter-relacionados: o da *Estrutura da informação* (no nível do conteúdo, diz respeito àquilo que é *informação nova* e *informação dada*) e o da *Estrutura temática* (no nível da oração, relaciona-se ao *Tema* e ao *Rema*) (HALLIDAY; METTHIESSEN, 2014), conforme explicitado nas subseções seguintes.

### 3.5.1 Estrutura da informação: dado e novo

No escopo da composição da mensagem, a estruturação do discurso se dá a partir da organização da informação transmitida e da sequenciación sintática da oração. No que diz respeito à Estruturação da informação, os segmentos informacionais vão sendo distribuídos com base naquilo que é conhecido pelo interlocutor e aquilo que é fato por ele desconhecido (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

O elemento *Dado* é a informação que é compartilhada previamente pelos interactantes, situacionalmente previsível, recuperável no texto ou no contexto. O elemento *Novo* da informação faz referência àquilo que é desconhecido para o ouvinte/leitor, não previsível e não recuperável pelo discurso ou pelo contexto. Halliday (1994) destaca que uma unidade informacional ideal consiste em um elemento Novo (informação desconhecida pelo interlocutor) e um elemento Dado (informação conhecida ou compartilhada).

Vale mencionar que, no desenvolvimento de um texto, conforme o desencadear das informações e progressão das ideias, a relação entre Dado e Novo pode ser constantemente variável. Isso implica entender que uma informação posta em determinado período ou parágrafo pode ser recuperada anaforicamente em momento posterior, o que faz com que, naquela situação, deixe de vigorar como elemento Novo dentro do texto e se fixe como elemento Dado, uma vez que é uma informação compartilhada entre os interlocutores, plenamente recuperável pelos antecedentes discursivos e contextuais.

Essa distribuição e organização das informações (conteúdo) se materializa na estruturação temática do texto, ou seja, na escolha do elemento que ocupa a posição inicial de cada oração, ponto a que dedicaremos maior atenção na subseção seguinte.

### 3.5.2 Estrutura temática: tema e rema

Como visto, no âmbito da Metafunção Textual, a oração é vista como mensagem, que se materializa no nível léxico-gramatical da *Estrutura temática*. A análise da estrutura temática torna possível a observação do desenvolvimento textual, pelo fluir da informação e a progressão das ideias (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014).

Halliday (1994) pondera que há certamente uma relação de sentidos entre a Estrutura da informação e a Estrutura temática. No entanto, que Dado-novo e Tema-rema não são termos que sempre coincidem. Tema sempre será aquilo que é colocado (pelo falante/escritor) como

ponto inicial da oração. Dado, por sua vez, tem relação com a informação que o interlocutor já sabe (ou pelo menos se presume que já saiba).

De modo geral, como apontado, Tema pode ser compreendido como o elemento que é colocado em posição inicial na oração, aquilo que o falante/escritor escolhe como ponto de partida da oração. Funcionalmente, pode fazer a ligação com as orações anteriores, revelar os assuntos dos textos (reiteração) e estabelecer um contexto para outras partes do texto. O Rema, de outro modo, é a parte da oração em que as ideias contidas no Tema são desenvolvidas, o restante da mensagem (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). A título de exemplificação, observe-se a tematização no Meme seguinte:

Figura 10: Estrutura temática em Meme de internet



Fonte: Yahoo<sup>34</sup>

<sup>34</sup> Disponível em: <https://br.financas.yahoo.com/fotos/13-memes-que-voc%C3%AA-usou-slideshow-wp-215758764/p-nazar%C3%A9-confusa-reprodu%C3%A7%C3%A3o-facebook-photo-215758881.html/p-nazar%C3%A9-confusa-reprodu%C3%A7%C3%A3o-facebook-photo-215758881.html>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018.

A constituinte verbal do Meme de internet é composta de um complexo oracional marcado por um processo material (*TERMINEI*), um processo existencial (*TEM*) e um processo relacional (está [TÁ]). Os exemplos arrolados nos mostram que o tema pode ser um dos elementos experienciais dentro da oração, como um grupo verbal ou mesmo elementos textuais sequencializadores. Cabral e Fuzer (2014) salientam que, ao mudarmos os elementos que ocupam a posição temática, todo o efeito de sentido da mensagem também pode ser mudado, visto que o ponto de partida é alterado e as ideias a serem desenvolvidas também o serão.

No caso da primeira oração, o componente oracional que é colocado na posição inicial da cláusula coincide com o processo verbal da figura oracional (terminar, tem). Já em relação às orações 2 e 3, o elemento experiencial da oração que tematizado é um elo coesivo entre as partes dos textos, dando destaque para como o processo se desenrola.

### 3.5.2.1 Tipos de Tema: tópico, interpessoal e textual

No processo de tematização das orações, o tema pode ser classificado em três tipos distintos, levando-se em consideração o elemento da linguagem colocado como ponto de partida, se ideacional, interpessoal ou textual.

Segundo Cabral e Fuzer (2014), o tema é classificado em *Tema tópico* quando o primeiro elemento realiza um significado representacional, ou seja, quando realiza uma função do sistema da transitividade, a saber, participante, processo ou circunstância. Quando o que é topicalizado é determinado elemento interpessoal (Vocativo, elemento QU, adjunto modal e orações mentais em primeira e segundas pessoas), o tema é classificado como *Tema interpessoal*. Por fim, quando o tema é realizado por recursos que servem para ligar as orações (conjunções, sequencializadores e continuativos) tem-se o denominado *Tema Textual*. Tal taxonomia e recursos são exemplificados, de maneira simplificada, a seguir:

**Quadro 20: Tipos de Tema**

Tipos	Exemplos	Elemento tematizado
<b>Tema tópico</b>	<u>O presidente do Brasil</u> viajou para a Dinamarca.	Participante
	<u>Passaram</u> vários anos após nosso último encontro.	Verbo
	<u>Em situações de perigo</u> , todo cuidado é pouco	Circunstância
<b>Tema interpessoal</b>	<u>Por que</u> o céu é azul celeste?	QU
	<u>Professora</u> , a ponta do lápis quebrou.	Vocativo
	<u>Infelizmente</u> , nossa seleção perdeu a copa da África do Sul.	Adjunto modal

	<u>Acredito</u> que Mano Menezes será um bom técnico para a Seleção.	Processo mental em 1ª pessoa
<b>Tema textual</b>	Você tem que ser um espetacular, <u>mas</u> sem fazer da obra um espetáculo.	Conjunção
	<u>Além disso</u> , rumores dão conta de que ele não tem um bom relacionamento com o treinado do time, Vagner Mancini.	Sequencializador
	<u>Bem</u> , colegas, preciso ir embora.	Continuativo

**Fonte:** adaptado de Cabral e Fuzer (2014)

A análise do Tema e no escopo da oração, e certamente nos textos, torna-se relevante na medida em que auxilia a leitura e compreensão das ideias textuais, bem como ajuda a entender de que maneira se constituem os nexos textuais, a teia informacional e a ligação de orações, períodos e parágrafos. No Tema, por exemplo, como ponto de partida da oração e como orientador da leitura e compreensão, são inseridas informações preliminares. No Rema, em posição final, está a informação importante, o desenvolvimento das ideias (CABRAL; FUZER, 2014). Além disso, a estrutura temática de um texto indicaria os propósitos do escritor, assim como a tipificação organizacional de determinados gêneros textuais.

Ao findar desse capítulo, mais uma vez, salientamos que, na GSF, a oração é concebida como a codificação de significados simultâneos, numa visão multifuncional em que cada componente oracional corresponde a mais de uma significação, como bem explicitado:

(...) a oração, a unidade principal de processamento da gramática, é caracterizada por ser, simultaneamente, uma representação, uma troca e uma mensagem. Em qualquer das suas funcionalidades, como também terá ficado claro desta mesma exposição, nela se jogam significados de valor experiencial, de valor interpessoal e de valor textual. O que talvez não tenha ficado claro é que apenas por questões metodológicas de descrição podem estas três componentes de significado ser separadas e descritas, à vez, como foram aqui. Enquanto conjugação de escolhas de três sistemas, a oração não é nunca o resultado individual de realização de apenas um desses sistemas, mas exatamente a conjugação dos três a partir da sua realização sistêmica numa unidade integrada: a oração (GOUVEIA, 2009, p. 40).

Do mesmo modo como acontece na semiose verbal, a sintaxe da linguagem visual se orienta pela construção de significados resultantes da integração de constituintes representacionais, interacionais e composicionais. Tais funções dão conta, respectivamente, da codificação, no discurso imagético, da representação de ações e conceitos, da codificação entre aquilo que é visto e aquele que vê, bem como da distribuição visual dessas informações, o que será tratado no capítulo ulterior.

## CAPÍTULO 4. A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

O trajeto teórico de sustentação desta tese, que passou por considerações a respeito dos usos da linguagem no ambiente virtual, da plasticidade dos gêneros textuais digitais emergentes desse contexto, das singularidades do Meme de internet e do modelo teórico-descritivo da Gramática Sistemico-Funcional, encontra sua foz nas considerações concernentes à Gramática do Design Visual (GDV).

Em linhas gerais, essa teoria descritiva de análise funcional da sintaxe visual, conforme proposta de Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2006[1996]), toma por base a perspectiva funcionalista advinda da GSF, como sintetiza Carvalho (2008, p. 225):

A semiótica social da comunicação visual é funcionalista por conceber que os recursos visuais são processados para realizar tipos específicos de trabalho semiótico (Jewitt & Oyama 140). Essa noção decorre da “gramática sistemico-funcional” desenvolvida por Michael Halliday, que destaca três tipos específicos de trabalho semiótico – as chamadas “metafunções” –, sempre realizadas simultaneamente, a saber: a metafunção ideacional (relacionada com o tipo de atividade em curso), a metafunção interpessoal (o tipo de relação entre os participantes), e a metafunção textual (o modo com que o texto organiza as metafunções ideacional e interpessoal). Em sua proposta de análise de textos multimodais, Kress & van Leeuwen adotam a referida noção teórica hallidayana de metafunções, fazendo, entretanto, algumas alterações para melhor adequá-las ao modo semiótico visual. Desta perspectiva, a comunicação visual não só representa o mundo, mas também estabelece uma interação social, com ou sem o acompanhamento do texto escrito, constituindo-se, assim, como um tipo de texto reconhecível e dotado de uma unidade significativa. Sob este viés, as metafunções ideacional, interpessoal e textual passam a ser denominadas por Kress & van Leeuwen (36) de significados “representacionais”, “interativos” e “composicionais”, respectivamente.

Assim sendo, distanciando-se dos modelos formais de descrição visual, como também o faz a GSF em relação ao trato com a linguagem verbal, a GDV erige um modelo descritivo visual que se atém à codificação e representação de significados visuais. Nesse caso, a partir de um entendimento multifuncional, que se materializa na eleição de Metafunções, a saber, Representacional, Interacional e Composicional, aplicado à leitura funcional e significativa de imagens.

Como pontuam Kress e van Leeuwen (2006), à similitude da gramática verbal, que descreve a formação das palavras, bem como a combinação dessas em orações, complexos oracionais e textos, a gramática visual descreverá a maneira como os elementos representados se combinam em declarações visuais e as regularidades das estruturas de composição, e também de que modo são utilizadas na produção de significados.

Ao referir-se ao contraponto às abordagens formais no trato com a linguagem, tal filiação da GDV às concepções funcionalistas da GSF é atestada pelos próprios autores, conforme excerto abaixo:

O que nós dissemos a respeito da "gramática visual" também é verdade para a corrente principal da linguística gramatical: a gramática tem sido, e continua sendo, "formal". Geralmente, tem sido estudada isoladamente do significado. No entanto, os linguistas e a escola de pensamento linguístico dos quais tiramos parte de nossa inspiração - linguistas que seguem o trabalho de Michael Halliday - discordam dessa visão e veem as formas gramaticais como recursos para codificar interpretações de experiência e formas de interação social (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 01, tradução nossa)<sup>35</sup>.

Nesse sentido, a GDV compartilha da mesma perspectiva sociosemiótica adotada pela teoria de funcionamento da linguagem proposta por Halliday, utilizando-se, com isso, dos aportes teóricos e metodológicos oriundos da GSF. Contudo, levando-se em consideração que cada meio semiótico tem seus próprios códigos, estruturas composicionais e maneiras de materializar a significação (KREES; VAN LEEUWEN, 2006), como salienta Novellino (2007), há um relacionar da noção teórica de Halliday com o estudo de imagens, mas sem incorrer numa simplificação em que se procura nas estruturas visuais os correspondentes de estruturas verbais.

Desse modo, o conceito de imagem, de acordo com Kress e van Leeuwen (2006), se conforma em um sistema complexo, multifuncional, independente e que dialoga com o contexto específico (no nosso entender, de cultura e de situação, se pensarmos em termos sistêmico-funcionais) do qual emerge. Assim, a composição do significado visual se materializa ou se dá por meio de relação dos participantes representados na imagem, da interação daquilo que é visto (participante representado) e de quem vê (participante interativo), bem como da organização desses elementos na estrutura visual. Ou seja, a base teórica funcional da sintaxe visual, GDV, também concebe a linguagem visual a partir de uma organização metafuncional, como proposta por Halliday e Matthiessen (2004, 2014) e aplicada ao estudo da linguagem visual por Kress e van Leeuwen (2006):

- **Metafunção Representacional:** são estruturas que, visualmente, constroem a natureza dos eventos, os participantes envolvidos e as circunstâncias em que ocorrem tais ações.

---

<sup>35</sup> No original: What we have said about visual 'grammar' is true also of the mainstream of linguistic grammar: grammar has been, and remains, 'formal'. It has generally been studied in isolation from meaning. However, the linguists and the school of linguistic thought from which we draw part of our inspiration – linguists following the work of Michael Halliday – have taken issue with this view, and see grammatical forms as resources for encoding interpretations of experience and forms of social (inter)action.

De maneira evidente, essa Metafunção, no campo visual, corresponde diretamente à Ideacional, da semiose verbal, conforme a GSF;

- Metafunção Interativa: a partir do diálogo com a Metafunção Interpessoal da GSF, é responsável pela relação dos participantes dentro do escopo da imagem (participantes representados), e entre a imagem e quem a vê.
- Metafunção Composicional: à semelhança da Metafunção Textual, responsável pela organização dos significados representacionais e interpessoais no nível da oração, a Metafunção composicional organiza a distribuição da informação na imagem, no que diz respeito à organização espacial, às cores apresentadas, à ênfase ou valor da informação.

De modo sucinto, e conforme será detalhado nas próximas seções, a imagem representa o mundo de maneira concreta, retratando ações ou eventos, e também de maneira abstrata (conceitos). Além disso, como construto significativo contextualmente situado, interage com o mundo, organizando a informação a partir de princípios sintáticos funcionais.

#### 4.1 Metafunção Representacional

Kress e van Leeuwen (2006) consideram que, na semiose visual, há uma sintaxe da composição ou estruturas que possibilitam a representação das experiências dos indivíduos, nesse caso, descritas, visualmente, no escopo da *Metafunção Representacional*. Na constituinte verbal, a representação de participantes, processos e circunstâncias se dá pela relação e sequenciação das palavras. Na dimensão visual, isso se manifesta pela relação espacial e interação significativas de pessoas, objetos ou categorias representadas.

No que diz respeito à linguagem verbal, vimos que os processos podem ser de seis tipos, variando os participantes em conformidade com a semântica construída em cada caso. Quanto aos participantes representados visualmente, tanto podem estabelecer uma relação entre si, em que se desenvolvem ações e eventos, assim como podem representar simbolicamente conceitos, características ou mesmo determinadas categorias. Dito de outra forma, na semiose visual, a Metafunção Representacional se subdivide em dois tipos: representações narrativas e representações conceituais.

##### 4.1.1 Representações narrativas

As linguagens verbais e visuais representam os processos de modo distinto. No primeiro caso, o grupo verbal realiza os processos materiais, comportamentais, relacionais, mentais, verbais e existenciais; no campo visual, essa articulação narrativa ocorre distintamente, realizando processos de ação (não-transicional, transicional unidirecional, transicional bidirecional), reacional (não-transicional e transacional), Mental, Verbal e de Conversão (KRESS; VAN LEUWEEN, 2006), conforme explicitado nas subseções a seguir.

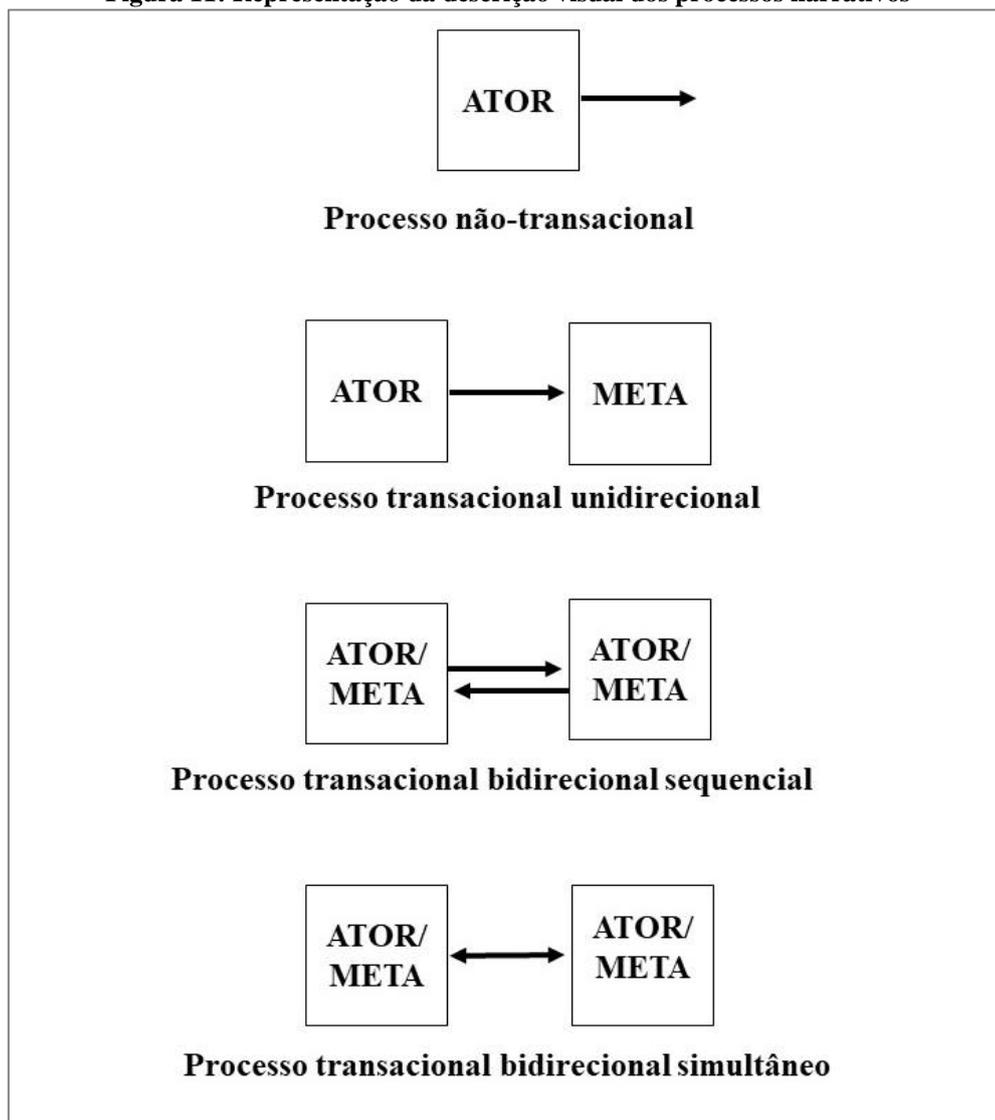
#### 4.1.1.1 Processos de ação

Verbalmente, quando se trata de processos que representam ação física ou evento no mundo externo, tal significado se realiza em grupos verbais do tipo material, que têm como centro experiencial verbos do tipo fazer ou acontecer e os participantes Ator (quem empreende a ação) e Meta (quem é afetado pela ação em curso), como explicado no capítulo anterior. Visualmente, essa configuração ocorre de modo análogo, em que os processos de ação representam, no escopo da imagem, as ações ou eventos empreendidos pelos participantes, nesse caso, também Ator e Meta, se conformando em três tipos de processos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006):

- não-transacional: em que o Ator executa uma ação, mas não fica explícito a quem essa ação é dirigida;
- transacional unidirecional: em que um participante, o Ator, dirige uma ação em relação a outro participante, o Meta;
- transacional bidirecional: em que os participantes assumem o papel tanto de Ator quanto de Meta, em um processo que pode ser *sequencial* (uma ação é seguida de outra ação) ou *simultâneo* (as ações ocorrem concomitantemente).

Para a semiose visual, Kress e van Leeuwen (2006) propõem um modelo de descrição da sintaxe dos elementos composicionais da imagem, em que os processos representacionais narrativos podem ser detalhados, em termos simbólicos, por meio de vetores e caixas. Dessa maneira, estabelecem uma descrição baseada numa representação diagramática, em que a caixa representaria os participantes, o vetor descreveria o processo empreendido e a ponta do vetor a direção da ação (NOVELLINO, 2007):

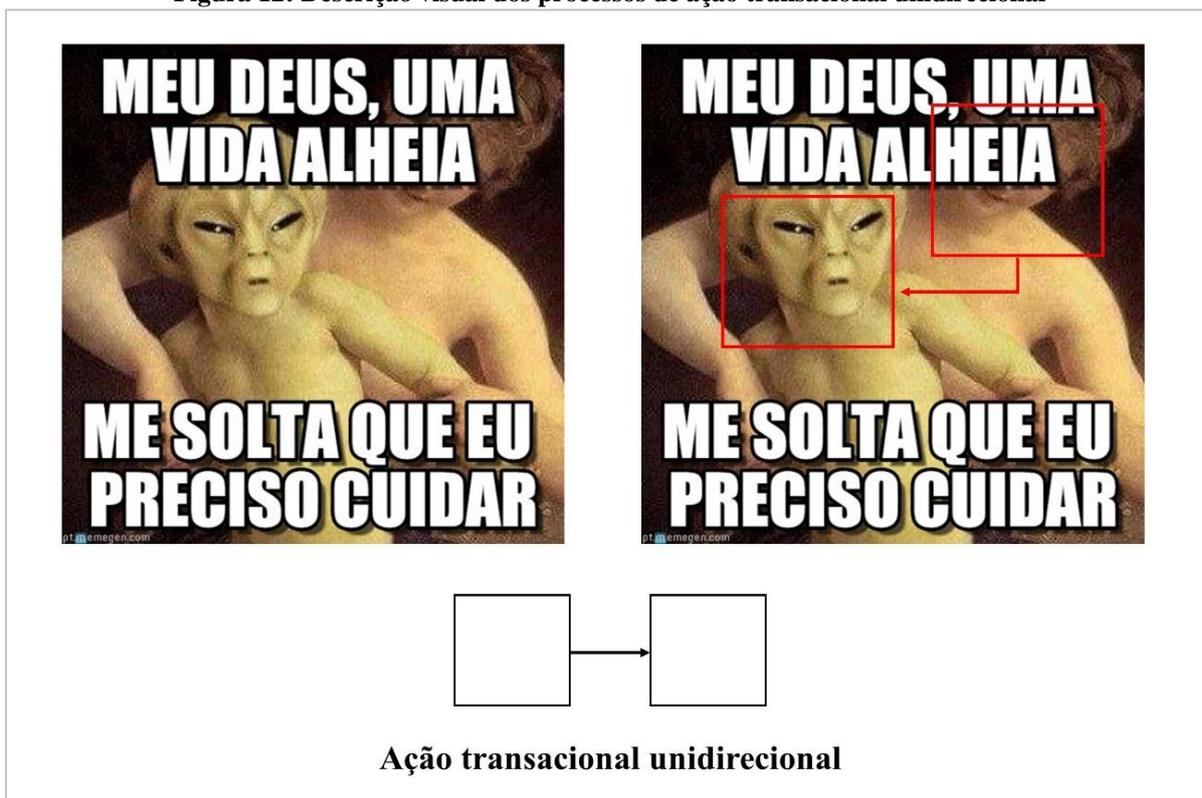
**Figura 11: Representação da descrição visual dos processos narrativos**



**Fonte:** adaptado de Novellino (2007), com base em Kress e van Leeuwen (1996)

Assim, levando-se em conta a classificação dos processos de ação e o modelo descritivo em caixa e vetores, os Memes de internet a seguir podem ser descritos, visualmente, da seguinte maneira:

Figura 12: Descrição visual dos processos de ação transacional unidirecional



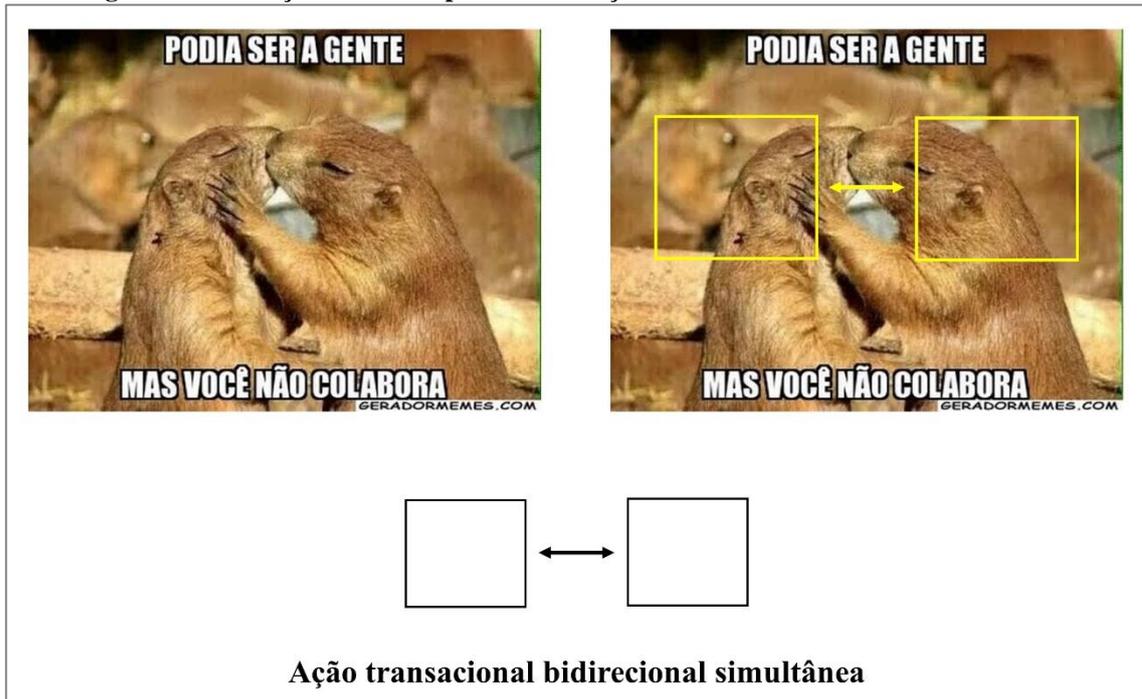
Fonte: *Desistir nunca*<sup>36</sup>

No Meme apresentado, é notória a presença de dois participantes representados executando uma ação. Nesse caso, a mulher (Ator) segura (ação) um alienígena (Meta). Ou seja, na constituinte visual, desenrola-se um processo de ação em que alguém executa uma ação e outrem por ela é afetado, classificando-se, nos termos de Kress e van Leeuwen (2006), em um processo de ação transacional unidirecional.

De igual maneira, o Meme a seguir expressa a presença de dois participantes representados na constituinte visual:

<sup>36</sup> Disponível em: <http://www.memegen.com/meme/9qprdc> . Acesso em: 20 de outubro de 2018.

**Figura 13: Descrição visual dos processos de ação transaccional bidireccional simultâneo**



Fonte: Tecmundo<sup>37</sup>

Contudo, mesmo que esteja sendo representado um processo de ação (beijar), de maneira transaccional (dois participantes), nesse caso tem-se um aspecto bidireccional simultâneo, em que os dois participantes realizam a ação e também recebem seu efeito. Nos termos de Kress e van Leeuwen (2006), os participantes são classificados como *Interactors* (sem tradução para o português), em que os participantes são, ao mesmo tempo, desencadeadores dos eventos (Ator) e por eles são afetados (Meta).

#### 4.1.1.2 Processo Reaccional

Nos processos reacionais visuais, como descrevem Kress e van Leeuwen (2006), tem-se uma analogia aos processos existenciais da Metafunção Ideacional, em que avulta a figura do Experienciador e do Fenômeno. Assim, no âmbito reaccional, o participante não aparece desempenhando uma ação, mas reagindo a uma interação de olhares com outro participante. Dessa maneira, tomando como base a descrição em caixas e vetores, pode-se pensar em uma linha que interliga os olhares fixos dos participantes. Nesse caso, são encontrados dois participantes, o *Reacter* (sem tradução para o português), que é necessariamente humano, ou

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/memes/112803-memetrospectiva-melhores-memes-redes-sociais-brasileiras-2016.htm>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

quase humano em suas características e possui olhos visíveis e expressões faciais, executando a ação de ver; num outro polo, o *Fenômeno*, que é para quem o *Reacter* olha, ainda que não seja visível na imagem:

**Figura 14: Descrição visual dos processos reacionais**



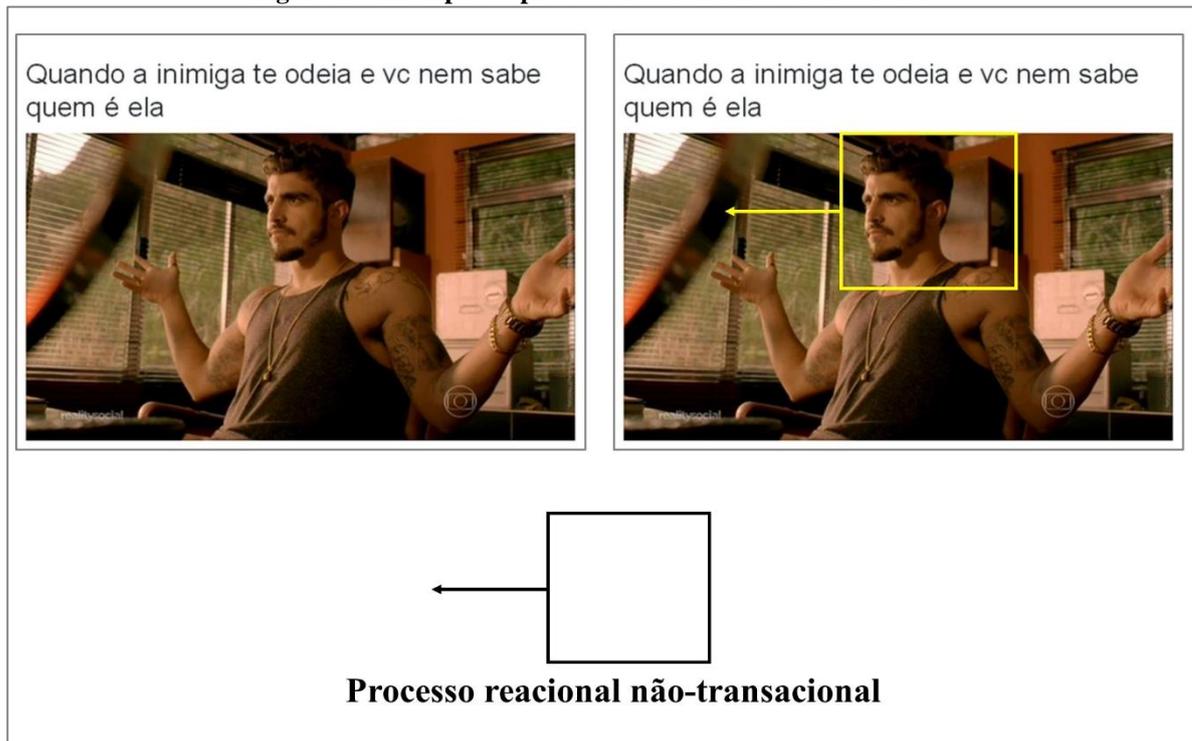
Fonte: Memegen<sup>38</sup>

A Figura anterior está dividida em duas partes: o Meme de internet original e a descrição sintática visual, em caixa e vetor, com destaque do participante e do processo visual, conforme proposta de Kress e van Leeuwen (2006). Na observação dos elementos representacionais, constata-se apenas a presença de um único participante. Nesse caso, o participante dirige o olhar a outro participante, mas que não é expresso na composição visual, ou seja, há um processo (olhar) de um único participante (*Reacter*) sem apresentar a quem ou a quê se dirige.

Além disso, a composição visual reacional ainda pode ser descrita, no que diz respeito aos tipos, como *não-transacionais* e *transacionais*. Quando os dois participantes, *Reacter* e *Fenômeno*, estão representados na imagem, temos os processos transacionais, uma vez que é possível ser descrito quem executa a ação de olhar e quem a recebe. Quando apenas o *Reacter* é aparente na imagem, ocorrem os processos reacionais não-transacionais, já que o segundo participante do processo não está expresso na imagem, como acontece também na configuração sintática visual expresso na Figura:

<sup>38</sup> Disponível em: <http://www.desistirnunca.com.br/me-arrumou-para-passear-mas-era-vacina-huahuhua/> . Acesso em: 20 de outubro de 2018.

**Figura 15: Exemplo de processo reacional não-transacional**



Fonte: *Twitter*<sup>39</sup>

Nessa perspectiva, o Meme pode ser descrito, visualmente, como um processo reacional não transacional, pois temos identificada a figura do *Reactor*, mas não a do Fenômeno, nesse caso, ignorada em termos descritivos.

#### 4.1.1.3 Processos Verbal e Mental

Muito comum em quadrinhos, o processo verbal se realiza por meio do balão de diálogo conectado ao participante que fala (KRESS; VAN LEUWEEN, 2006, p. 85). O processo verbal, nas imagens, é o próprio conteúdo do balão, denominado, na GDV, de *Enunciado*. Nesse caso, o participante a que o balão se conecta é classificado como *Dizente (Speaker)*, sempre na voz ativa, sendo os balões representativos de fala, de conteúdo do discurso.

Do mesmo modo, os balões de pensamento ligados a um participante visual que não representam a fala, mas o processo mental interior desses pensadores (*thinkers*), são classificados como processos mentais. No âmbito desse processo, os participantes são classificados como *Senser* (sem tradução para o português).

<sup>39</sup> Disponível em: <https://twitter.com/oficialov3/status/648998906689400834> . Acesso em: 20 de setembro de 2018.

Nesse sentido, embora não apresentem o uso regular de balões de diálogo, os Memes, com frequência, apresentam falas ou diálogos (conteúdo verbal) entre os participantes ou mesmo pensamentos (conteúdo mental), em que entendemos como similares aos processos verbais e mentais propostos por Kress e van Leeuwen (2006), conforme se constata no Meme a seguir:

**Figura 16: Processo verbal em Meme de internet**



Fonte: Museu do Meme<sup>40</sup>

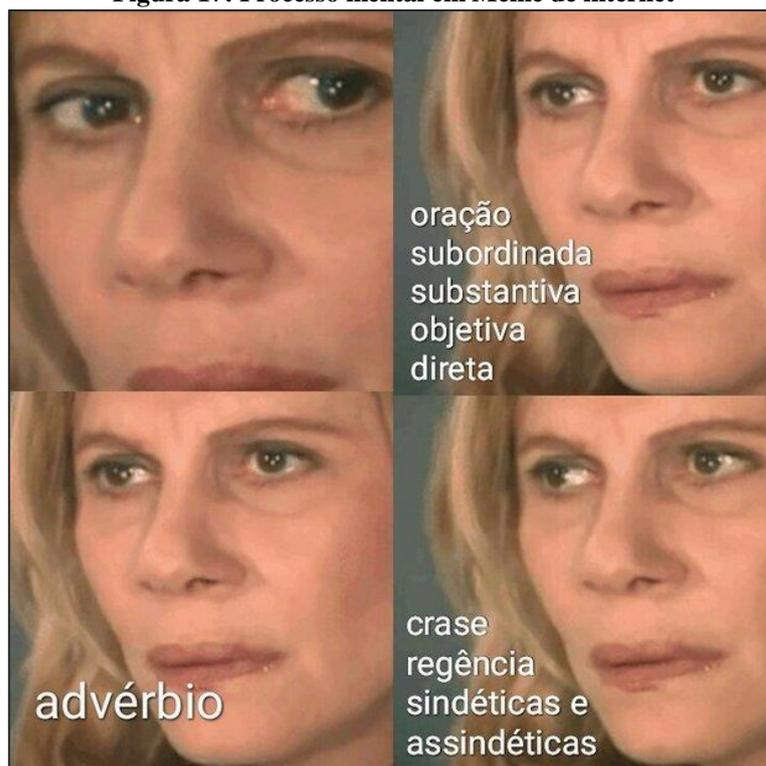
No exemplo em questão, visualmente dividido em quatro momentos, nota-se o discurso direto do participante representado. Não há, nesse caso, a inserção de comentários do produtor

<sup>40</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/vaitercopa/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018

ou mesmo de formação de comentários, mas é a fala do próprio participante representado que é constitutiva do discurso imagético, classificando-se, numa perspectiva teórica mais alargada, como um processo representacional narrativo verbal.

Distintamente, no Meme ilustrativo a seguir, não se verifica a presença de uma fala ou discurso direto na imagem, mas do fluxo de pensamento do participante representado:

**Figura 17: Processo mental em Meme de internet**



Fonte: *Correio 24 horas*<sup>41</sup>

A ocorrência mêmica faz parte do memplexo *Nazaré/Nazaré confusa*. Nesse exemplo, em uma versão gramatical, o participante mergulha em seus pensamentos se questionando a respeito de questões teóricas da língua portuguesa.

#### 4.1.1.4 Processo de Conversão

Os processos de conversão abarcam as cadeias de transmissão representadas em imagens, por exemplo, quando se pensa naquelas gravuras que demonstram o funcionamento do ecossistema. Nesse tipo de construção visual, uma cadeia de processos transacionais, em que

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-vila-mais-famosa-do-brasil-estara-de-volta-a-televisao-em-2018/>. Acesso em: 23 de janeiro de 2020

um mesmo participante representado na corrente visual informacional ora é o Ator em relação a determinado participante, ora é o Meta em outra arquitetura relacional distinta. Dessa forma, a comunicação é encarada como um ciclo e o participante é denominado *Relay* (sem tradução para o português), ou seja, um transmissor que recebe, reelabora e retransmite a informação (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 85).

Por fim, conforme destacado, as representações narrativas, representadas nos processos de ação, reacional, mental, de conversão e verbal, dizem respeito a uma ação desenvolvida por um ou mais participantes, e entre si, sob determinadas circunstâncias. Por outro lado, as representações conceituais expressam, visualmente, os participantes como representativos de conceitos e significados, como será explicitado na subseção seguinte.

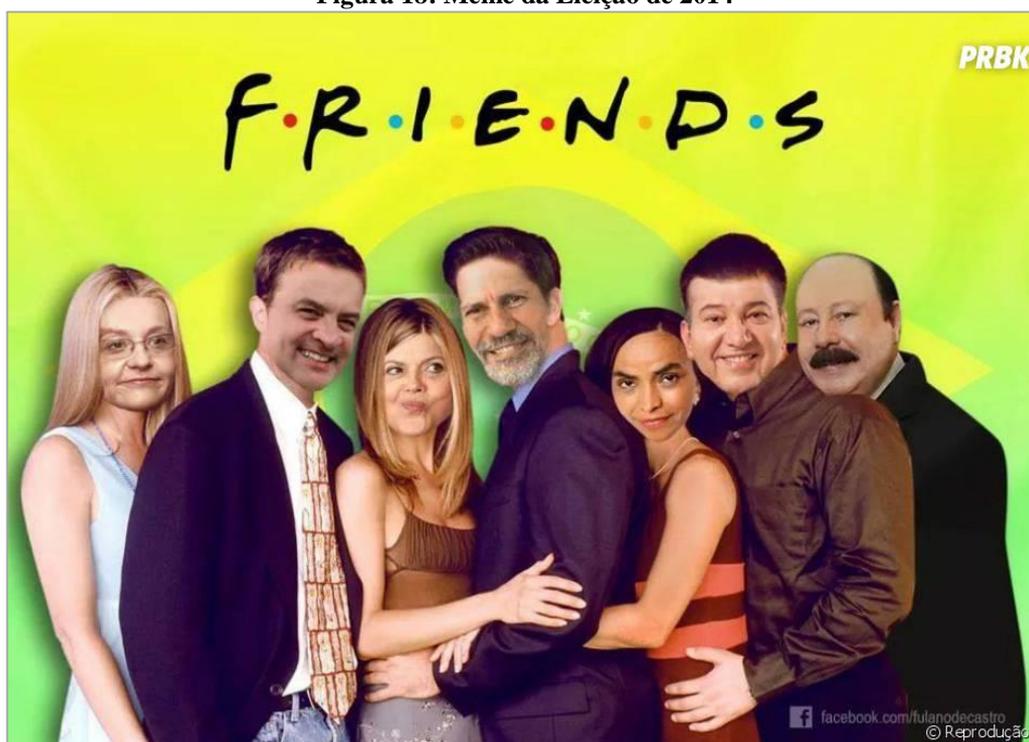
#### 4.1.2 Representações conceituais

Nas representações conceituais, não ocorre o desenrolar de ações por parte dos participantes, como acontece nas representações narrativas. Nesse caso, as composições visuais não expressam atitudes físicas, mas definem ou classificam pessoas, lugares e coisas representadas nas imagens, determinando sua essência, caracterizando tais constituintes imagéticos em termos de classe, estrutura ou significado, podendo ocorrer de modo *classificacional, analítico e simbólico* (KRESS; VAN LEUWEEN, 2014).

##### 4.1.2.1 Processo classificacional

Nos processos classificacionais, há uma relação taxonômica entre os participantes visuais, em que uma entidade atua como subordinada a outro participante, nesse caso, superordinado (KRESS; VAN LEWEEN, 2014, p.79). Em outros termos, um determinado participante é representado como fazendo parte de uma unidade maior, mais abrangente, a uma classe de coisas, que pode ser indicada por meio de um elemento verbal ou mesmo pela assimilação das similaridades existentes percebidas pelo observador da imagem:

Figura 18: Meme da Eleição de 2014



Fonte: Museu do Meme<sup>42</sup>

A construção dos significados no Meme em questão assoma, visualmente, de um processo representacional conceitual classificacional, em que os participantes representados são colocados lado a lado como pertencentes a um grupo, no caso, a classe política. Nessa construção mêmica classificacional, os políticos (taxonomia de classe) são equiparados a um grupo de amigos, no caso, da série apresentada pela rede de americana de televisão *NBC*. Desse embricamento de disparidades, e a partir da assimilação de similaridades existentes, emerge o tom humorístico.

#### 4.1.2.2 Processo analítico

No processo analítico, descreve-se uma estrutura que liga a parte ao todo, em que um dos participantes é chamado de *Portador* e suas partes de *Atributos Possuídos*. Dessa maneira, os atributos podem ser vistos e avaliados pelo observador de maneira livre. Os autores (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) exemplificam esses processos visuais analíticos citando, como realização imagética, os casos de mapas ou outras representações topográficas, de diagramas,

<sup>42</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/vaitercopa/> . Acesso em: 12 de dezembro de 2018

de quadros de escalas, em que um conjunto de participantes, de modo ordenado ou não, pode ser entendido como parte que forma um todo:

**Figura 19: Processo representacional conceitual analítico**



Fonte: Surrealista<sup>43</sup>

O Meme faz parte do conjunto de textos mêmicos que foram produzidos a partir do PowerPoint elaborado pelo Ministério Público Federal quando da denúncia contra o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Na composição imagética, vemos uma forma diagramática, em que, ordenadamente, várias partes são apresentadas e referenciadas como pertencentes a um conjunto maior, no caso, do cidadão brasileiro, o que nos leva a conceber, no campo representacional, este Meme não como uma figura narrativa, mas como uma representação conceitual analítica.

#### 4.1.2.3 Processo simbólico

<sup>43</sup>Disponível em: <http://www.surrealista.com.br/2016/09/os-10-melhores-memes-do-slide-de-powerpoint-da-lava-jato/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018

Na composição visual, os processos simbólicos correspondem àquilo que o participante é (essência) ou aquilo que ele significa. Assim sendo, constrói-se um processo em que a identidade e o significado de um participante (Portador) são conferidos por outro (atributo simbólico) ou é autossignificativo (atributo sugestivo). Nos termos de Kress e van Leeuwen (2006, p.106), os processos simbólicos sugestivos representam o significado e a identidade como vindos de dentro, como derivando das qualidades do próprio Transportador, enquanto os processos simbólicos atributivos representam o significado e a identidade como sendo conferidos ao Transportador. Como exemplo, observe-se a composição visual do Meme a seguir:

**Figura 20: Processo representacional conceitual simbólico atributivo**



Fonte: Catraca livre<sup>44</sup>

Nesse caso, há vários elementos em primeiro plano que agem como unidades atributivas do participante representado, a saber, garrafa de bebida, copos cheios e vazios, até mesmo o

<sup>44</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/tumblr-bela-recatada-e-do-lar-reune-memes-incriveis-em-resposta-materia-da-revista-veja/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018

próprio cigarro. Todos esses elementos atribuem um valor ao participante (Portador), ou seja, há uma construção mêmica do tipo simbólico atributiva, uma vez que esses itens visuais (atributos) conferem valor e identidade de fora para dentro ao participante, chocando-se, intencionalmente, e a serviço do humor, com a próprio conteúdo da linguagem verbal que também compõe a gramática do texto mêmico.

De modo distinto, está composto o Meme abaixo, também pertencente ao Memplexo *Bela, recata e do lar*:

**Figura 21: Processo representacional conceitual simbólico sugestivo**



**Fonte:** *Twitter*<sup>45</sup>

Embora estejamos diante de um mesmo conjunto temático e de uma representação conceitual, o significado mêmico constrói-se de uma outra forma. Não se tem nenhum elemento atributivo, apenas o participante (Portador), que, no nível interpessoal, interpela o observador diretamente (demanda). O humor reside no fato de que o enunciado vai de encontro às próprias características inerentes do participante, no caso, da humorista Dercy Gonçalves, nacionalmente reconhecida pela sua irreverência e trato social alegadamente indecoroso. Ou seja, há a construção de um processo simbólico sugestivo, uma vez que não se atribui valor ou identidade ao participante, mas tais características lhe são próprias, intrínsecas.

<sup>45</sup> Disponível:

<https://twitter.com/search?l=&q=%22BELA%2C%20RECATADA%20E%20DO%20LAR%22%20since%3A2016-01-01%20until%3A2016-12-31&src=typd>. Acesso em 12 de dezembro de 2018

## 4. 2 Metafunção Interativa

Em termos visuais, além de promover uma relação entre os participantes representados nas imagens, a semiose visual estabelece a interação entre aquilo que é visto e aquele que vê (observador). Dessa forma, para além da representação narrativa e conceitual da Metafunção Representacional, em que se tem uma materialização de ações ou uma subordinação de um participante a outro, na Metafunção Interativa, coloca-se em jogo a própria relação entre o produtor da imagem e o observador (receptor), levando-se em conta a significação construída pela imagem e a postura desse frente a esse conjunto imagético-semântico (KRESS; VAN LEUWEEN, 2006). Desse modo, toma forma o *participante interativo*, um agente humano ou que apresenta características humanas, que tanto pode produzir como observar a imagem produzida.

Obviamente, de modo distinto do que ocorre com os participantes em um processo interacional direto, em que pode haver diálogo ou troca de informações entre o produtor e o observador da imagem (como no caso de uma fotografia), a relação entre os dois participantes interativos (produtor e observador) se dá por meio dos participantes representados na imagem (NOVELLINO, 2007, p. 67). Assim sendo, nos termos de Kress e van Leeuwen (2006), há um afastamento entre o contexto de produção e o contexto de recepção, uma vez que não há troca imediata entre os participantes interativos, mas ainda assim o observador é capaz de compreender as relações sociais e interações representadas pelos componentes da imagem. Como salienta Novellino (2007), embora não haja participantes diretos no contexto de produção, observador e produtor, simbolicamente, acabam por interagirem, uma vez que é possível depreender significados, crenças, ideologias e visões de mundo do construto visual.

Em linhas gerais, como será abordado nas subseções seguintes, essa interação entre produtor e observador é possibilitada, afirmam Kress e van Leeuwen (2006), por meio dos conceitos de *olhar*, *distância* e *ponto de vista*.

### 4.2.1 Olhar

Ao se conceber o discurso imagético, pode-se pensar em imagens que estabelecem contato direto e indireto entre participante representado e observador, em que a mensagem é dada e percebida visualmente como *Demanda* ou *Oferta* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2007).

Nas imagens que constroem significação do tipo *Demanda*, o participante interativo (observador) interage diretamente com o participante representado na imagem. Nesse caso, o

participante representado olha diretamente para o participante interativo, como se vetores saíssem dos seus olhos em direção ao observador. Tal interação direta, por vezes, pode ser reforçada por expressões faciais ou mesmo por gestos. Dessa maneira, uma interação imagética ocorre entre participante representado e observador, fazendo com que o participante interativo, por meio da conexão direta com o participante representado, seja envolvido por ele ou mesmo execute as ações a ele sugeridas. Há, dessa maneira, uma configuração imagética que influencia o comportamento do observador, no intuito de que ele reaja ou mesmo execute determinada ação.

Nos casos das imagens de *Oferta*, é o próprio participante representado o sujeito do olhar do participante interativo, alvo de análise e verificação por parte do observador (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Como se estivessem em uma exposição, em que suas características estão sob análise do participante interativo, nessas imagens não há interação direta entre participante representado e observador, mas um processo em que o primeiro é posto como objeto de contemplação do segundo (NOVELLINO, 2007).

O Meme de internet seguinte, em sua constituição visual dividida em dois sintagmas visuais, demonstra essas categorias com clareza:

**Figura 22: Oferta e Demanda no discurso visual**



Fonte: Purebreak<sup>46</sup>

A composição visual tenta, de maneira evidente, simular, ao compor imagens lado a lado, uma representação de um diálogo entre os participantes representados. Do ponto de vista ideacional, estamos diante de um processo verbal, uma vez que há a materialização de um discurso direto entre as personagens, ainda que não marcado por balões verbais ou mesmo por

<sup>46</sup> Disponível em: <http://www.purebreak.com.br/midia/-eitaaaa-luciana-40984.html>. Acesso: 12 de dezembro de 2018

travessões. Na esfera interacional, a imagem topicalizada à esquerda, isoladamente, realiza o discurso visual a partir de uma imagem do tipo Demanda, já que há a interação direta, olho no olho, entre participante representado e observador; na imagem da esquerda, o olhar do participante interage com o participante de dentro do discurso visual, de maneira indireta, sem contato explícito com o observador, ou seja, há uma composição do tipo Oferta.

#### 4.2.2 Distância

Além da interação direta ou indireta entre os participantes interativos da imagem e o observador, uma segunda dimensão significativa da Metafunção Interativa é a *Distância*. Assim, a depender do enquadre adotado, o participante representado na imagem pode ser retratado de maneira mais próxima ou distanciada do observador, o que, evidentemente, sugere diferentes tipos de relações entre tais participantes, como, por exemplo, as diferenças de proximidade entre os indivíduos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2007). Assim, de modo imagético e imaginário, o efeito criado pela maior ou menor aproximação entre participantes visuais pode se configurar de maneira aproximada (*close up*), *plano médio* ou mesmo em *plano aberto*, em que participante interativo é colocado como simples observador da cena:

**Figura 23: Show dos atrasados do Enem**



Fonte: Museu do Meme<sup>47</sup>

<sup>47</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/atrasados-do-enem-showdosatrasados/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018

No primeiro momento, o participante representado é retratado em plano médio, suscitando familiaridade ao observador. Na imagem posterior, em que é posto em *close up* o rosto do participante para deixar notória sua transformação, instiga-se a cumplicidade e a proximidade com o observador, constituindo-se o humor dessa aproximação de duas atitudes distintas e distâncias diferentes.

#### 4.2.3 Ponto de vista

Como visto, a construção significativa imagética, no que diz respeito à relação entre participante representado e participante interativo, se dá por meio de contato direto (Demanda) e indireto (Oferta), de modo aproximado e distanciado, e, por fim, a partir do *ponto de vista* (ângulo ou perspectiva) em que a imagem é apresentada.

A escolha do ângulo representa a eleição de determinado posicionamento em relação ao observador da imagem. Por exemplo, ângulo frontal (maior envolvimento e igualdade do observador), ângulo oblíquo (afastamento do observador), ângulo superior (maior poder ao observador) e ângulo inferior (maior poder ao participante representado):

**Figura 24: Exemplo de ponto de vista no discurso visual**



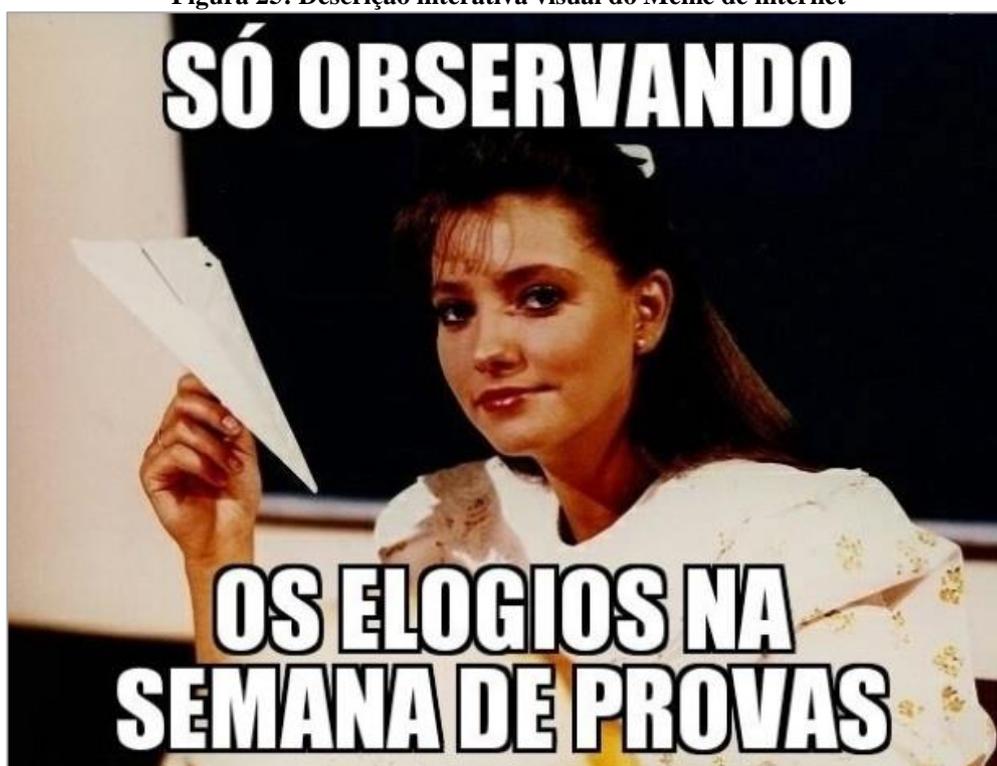
Fonte: Uol<sup>48</sup>

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/memes/album/2017/11/06/confira-memes-dos-atrasados-no-primeiro-dia-do-enem-2017.htm?mode=list&foto=12>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018

Permanecendo nos Memes que tratam da temática do Enem, o exemplo anterior nos mostra a cena a partir de um plano aberto (distanciado do observador) e sob um ponto de vista (ângulo) superior, ou seja, confere maior poder de observação dos fatos ao participante interativo. Assim, distancia-se das atitudes do participante representado, sem com ele nada compartilhar, e, de uma condição elevada, o observador parece deter maior poder e capacidade para avaliar e julgar seus atos.

Por fim, em linhas gerais, levando-se em conta as categorias interpessoais arroladas nesta seção, observe-se apenas a constituinte visual do Meme de internet abaixo:

**Figura 25: Descrição interativa visual do Meme de internet**



Fonte: *Purebreak*<sup>49</sup>

Ao se considerar exclusivamente o mapeamento da Metafunção Interativa, concluiríamos que estamos diante de uma imagem de Oferta, ou seja, em que há uma interação direta entre participante representado e observador. Quanto à distância, parece que se intenta preservar a familiaridade do observador com o aquilo que é retratado, uma vez que a imagem em plano médio mitiga o distanciamento entre os participantes. Além disso, o ponto de vista frontal acaba por produzir maior envolvimento do observador, colocando-o em par de igualdade

<sup>49</sup> Disponível em: <http://www.purebreak.com.br/midia/estudos-apontam-que-professores-recebem-108406.html> . Acesso em: 20 de outubro de 2018

ou mesmo em acareação com o participante representado. Há, dessa maneira, na imagem retratada, uma aproximação entre o discurso imagético e o observador, que é instado a reagir à realidade familiar construída, no caso, a relação entre docentes e discentes.

#### 4.3 Metafunção Composicional

As Metafunções anteriores deram conta da relação entre os participantes representados dentro da imagem, bem como da interação entre o participante representado e o participante interativo (observador). No escopo da Metafunção Composicional está em jogo a distribuição da informação no espaço imagético, ou seja, a integração dos elementos representacionais e interativos na semiose visual.

Para Kress e van Leeuwen (2006), ao pensarmos na construção espacial da dimensão visual, a posição que um elemento ocupa na imagem é determinante na maneira como se relaciona com os outros componentes imagéticos, conferindo-lhes valores específicos na construção significativa do texto visual. Dito de outra forma, ao interagirem com outros elementos da composição, ao mesmo tempo são por eles afetados e com os tais constroem uma significação conjunta, adquirindo *valores de informação*.

Além desse aspecto, outro elemento composicional tratado por Kress e van Leeuwen (2006) é a *Saliência*, que diz respeito a menor ou maior importância informativa adquirida por um elemento devido à ênfase que lhe é atribuída. Um terceiro elemento é o *Enquadre*, que reflete o ponto de vista de criação da imagem. Pelo enquadre, ou pela sua ausência, ficam evidentes as relações de conexão ou disjunção dos elementos visuais.

Em seus aspectos precípuos, esses elementos serão detalhados nas subseções seguintes, considerando que tais conceitos, no entendimento de Kress e van Leeuwen (2006), podem ser aplicados tanto a textos unicamente visuais, como a textos multimodais.

##### 4.3.1 Valor de Informação

Na constituinte visual, a posição que certos elementos ocupam na imagem e a integração desses componentes em entre si são diretamente proporcionais a seus valores. Assim sendo, ao se analisar o discurso visual ou o discurso composto (várias semioses), enfatizam Kress e van Leeuwen (2006), precisa-se considerar a posição do elemento na composição da imagem, descrevendo-o em termos de esquerda e direita, acima e abaixo, centro e margem. Essa

distribuição composicional da informação ganha valores e matizes distintos, a saber, dado e novo (esquerda e direita), real e irreal (baixo e cima), centro e margem.

#### 4.3.1.1 – Dado e Novo

Ao analisarmos o aspecto da distribuição das informações no escopo da oração, quando se tratou da Metafunção Textual, em especial do Tema e Rema, evidenciou-se que os valores atribuídos a determinada informação se manifestam na organização dos elementos sintáticos, dando destaque, ou topicalização, para algumas em detrimento de outras. À similitude da constituinte verbal, esse entendimento pode ser estendido à composição das imagens, quando se trata do valor da informação *Dado* e *Novo*, afirmam Kress e van Leeuwen (2006).

Desse modo, no entendimento dos autores, na composição visual, os elementos colocados à esquerda da imagem são classificados como elemento *Dado*, pois correspondem a informações já conhecidas ou compartilhadas pelos participantes interativos. O lado direito da imagem, por sua vez, estaria reservado para a inserção de informações ou elementos inovadores e desconhecidos ou mesmo que, naquela imagem, merecem destaque, sendo identificados como elemento *Novo* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Como pode ser percebido, tal compreensão da sintaxe visual caminha na perspectiva da organização da escrita ocidental, em que o fluxo de escrita e leitura se orienta da esquerda para a direita e às informações compartilhadas (elemento *Dado*) ou desconhecidas (elemento *Novo*) são agregados valores conforme sua distribuição no nível léxico-gramatical (NOVELLINO, 2007).

No entanto, Kress e van Leeuwen (2006), ao traçarem os aspectos de observação funcional da sintaxe de imagens, trabalharam com gêneros mais preditivos e ortodoxos em sua composição, por exemplo, anúncios publicitários, imagens de livros didáticos, cartografia, artes plásticas, gravuras, etc. O Meme de internet segue caminhos composicionais heterodoxos, plásticos, tendo, o pesquisador, de analisar possíveis consistências genéricas, quer verbais ou visuais, a despeito da plasticidade, maleabilidade e mutabilidade dos textos em questão.

Portanto, ao analisar essa demarcação do espaço visual do Meme de internet, o fazemos com ressalvas às necessárias adaptações que o uso em contexto online nos obrigará a fazer, como se pode observar nos exemplos seguintes:

Figura 26: Análise de elemento Dado e Novo



Fonte: Dopl3r<sup>50</sup>

Nesse caso, ao se observar exclusivamente a dimensão verbal do Meme, percebe-se que, neste caso, a sintaxe visual está dividida em dois momentos, em dois sintagmas imagéticos distintos. Do lado esquerdo, a informação compartilhada previamente por produtor e observador (antes); do lado direito, a informação nova, a consequência da ação (lavar a louça) que resulta distintamente no depois. Dado e Novo precisam ser analisados de maneira segmentada, entendendo quadro a quadro do discurso visual, não simploriamente no escopo geral da imagem.

Em outro Meme, porém, ainda sobre a mesma temática, o que está dividido em Dado e Novo, na distribuição da informação, não é o resultado da ação empreendida, mas o agente e ação:

<sup>50</sup> Disponível em: <https://pt.dopl3r.com/memes/engra%C3%A7ado/eu-quando-lavo-a-louca-antes-depois-minha-mae-quando-lava-antes-depois/96149> . Acesso em: 12 de dezembro de 2018

Figura 27: Descrição Dado e Novo em Meme de internet



Fonte: Meme<sup>51</sup>

#### 4.3.1.2 – Ideal e Real

Na mesma medida que as culturas ocidentais orientam a leitura e escrita da esquerda para a direita, também o fazem, de modo predominante<sup>52</sup>, de cima para baixo, o que também pode ser constatado na constituinte imagética. Dessa maneira, visualmente, o posicionamento abaixo ou acima constroem significação na sintaxe visual, classificando e distinguindo o elemento visual como um valor *Ideal* ou *Real*.

A posição acima na imagem dá conta dos elementos classificados como ideais, apresentados como a saliência ou a essência da imagem e da informação, a sua parte mais ideológica. Na posição inferior, em contraponto ao *Ideal*, e de modo mais prático, encontra-se o elemento *Real*, uma materialização da concretude das ideias e da verdadeira informação.

<sup>51</sup> Disponível em: <https://me.me/i/eu-quando-lavo-antes-a-louca-minha-mae-quando-lava-5226364> . Acesso em: 12 de dezembro.

<sup>52</sup> Não se entrará nesta lavra, mas como bem já apontara Marcuschi (2004), o Hipertexto e os textos multimodais parecem alterar a ordem de leitura dos textos, não se obedecendo apenas à lógica esquerda direita, acima e abaixo. Não se pontua aqui uma controvérsia à informação inserida no parágrafo, mas uma sinalização de que, possivelmente, esse predomínio no modo de ler esteja sendo alterado, o que só poderá ser atestado, ou não, com a evolução sócio-histórica das linguagens e dos gêneros textuais.

#### 4.3.1.3 – Central e Marginal

Além da polarização Dado/Novo e Real/Ideal, outra perspectiva na composição do espaço visual que Kress e van Leeuwen (2006) atribuem valor é a relação centro e margem, ou melhor, ao elemento Central e ao Marginal, mais comum em sociedades orientais.

Em posição central na imagem, argumentam os autores, encontra-se o núcleo da informação visual, denominado de elemento *Central*. Nas extremidades da imagem, estão unidades que estabelecem uma relação de subordinação ou dependência com o elemento central, classificados como elementos *Marginais*. Tal composição gramatical visual desvela-se na sintaxe do Meme seguinte:

**Figura 28: Composição Central e Marginal no Meme de internet**



Fonte: BuzzFeed<sup>53</sup>

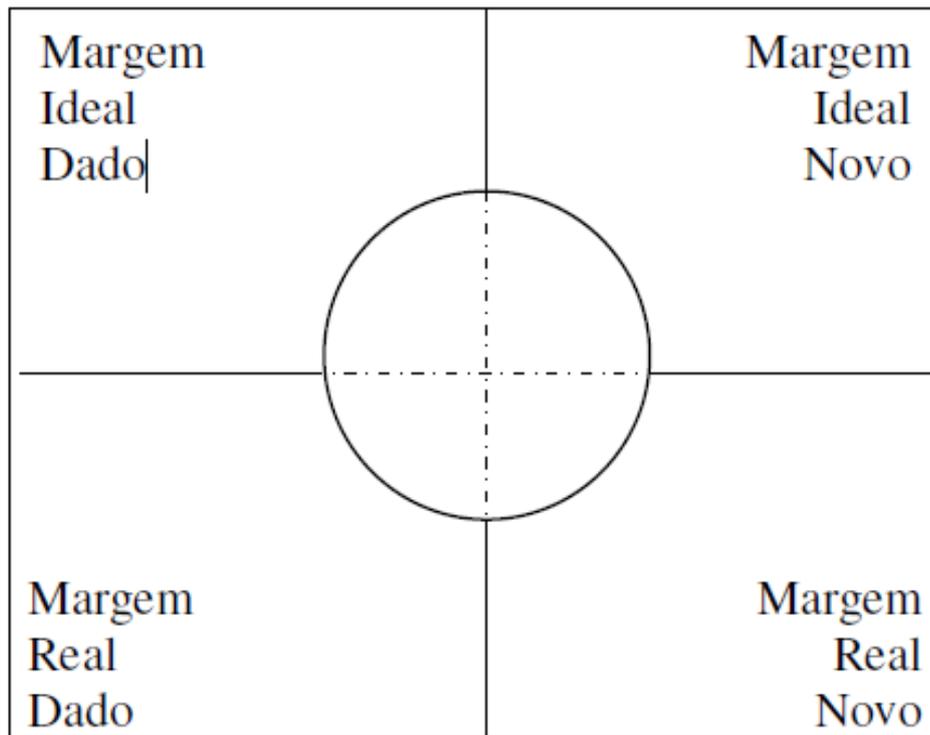
O Meme, pertencente ao memeplexo “*Você não*”, demonstra com muita precisão esse elemento composicional central colocado em evidência. O componente centralizado,

<sup>53</sup>Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/raphaelevangelista/este-meme-eh-para-quase-todo-mundo> . Acesso em 12 de dezembro.

núcleo da informação visual, se conforma como uma informação, inesperadamente, a ser contrariada, conferindo jocosidade ao texto produzido.

Essas considerações a respeito das dimensões do espaço visual, bem como de seus valores agregados, podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

**Figura 29: Dimensões do espaço visual**



**Fonte:** Kress e van Leeuwen (2006, p. 197)

Dessa maneira, na semiose visual, o elemento Central atua como um mediador da polarização (Dado/Novo, Ideal/Real) e também de elementos verbais, quando for o caso (NOVELLINO, 2007).

#### 4.3.2 Enquadre

No escopo da Metafunção Composicional, outro elemento relevante é o *Enquadre*. Se a posição (direita/esquerda, cima/baixo, margem/centro) agrega valor ao significado visual, o *Enquadre* diz respeito à relação de conexão ou separação dos elementos visuais, ou seja, tem por função conectar ou desconectar a identidade de componentes da imagem (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Como destaca Novellino (2007), ao analisarmos uma imagem, portanto, as linhas e os espaços divisórios, descontinuidades de cores e formas constroem a impressão de separação dos elementos visuais. De igual modo, a integração desses elementos, a saber, cores e formas, bem como a ligação de vetores ao longo da imagem, atesta a ligação desses componentes.

#### 4.3.3 Saliência

Por fim, o último elemento composicional do quadro teórico adotado por Kress e van Leeuwen (2006) para a análise de imagens é a *Saliência*, entendida como a importância hierárquica de um termo em relação ao outro na constituinte visual, atraindo maior atenção do participante interativo (observador), seja pelo uso de cores, sobreposições, formas, tamanhos e perspectiva, independentemente de onde sejam usadas nas dimensões do espaço composicional, como apontam Kress e van Leeuwen (2006, p. 202, tradução nossa<sup>54</sup>):

(...) a composição de uma imagem ou página também envolve diferentes graus de importância para seus elementos. Independentemente de onde eles são colocados, a saliência pode criar uma hierarquia de importância entre os elementos, selecionando alguns como mais importantes, mais merecedores de atenção do que outros. O Dado pode ser mais saliente do que o Novo, por exemplo, ou o Novo mais saliente que o Dado, ou ambos podem ser igualmente salientes. E o mesmo se aplica ao Ideal e ao Real e ao Centro e Margem.

Assim, num texto oral, o destaque fica por conta da ênfase em determinadas partes. Na era da Internet, a escrita pode ganhar saliência pelo uso da caixa alta ou pelo uso da fonte artística, por exemplo. Na dimensão visual, essa saliência hierárquica é garantida por meio das técnicas antes mencionadas, por exemplo, uso de cores mais fortes ou mais suaves, contraste (preto e branco), nitidez ou desfoque de elementos, diferenças de tamanhos, sobreposição de componentes e a adoção de uma perspectiva (NOVELLINO, 2007).

Em suas considerações sobre a Metafunção Composicional, em especial, a respeito dos elementos composicionais, Novellino salienta que:

A função fundamental da integração entre os elementos composicionais da imagem é textual (Kress e van Leeuwen, 2000:212), pois esses elementos visam produzir um texto significativo e coerente, relacionando os elementos entre si, com o observador, e com o mundo que representa e no qual está inserido (2007, p. 91).

---

<sup>54</sup> No original: (...) the composition of a picture or a page also involves different degrees of salience to its elements. Regardless of where they are placed, salience can create a hierarchy of importance among the elements, selecting some as more important, more worthy of attention than others. The Given may be more salient than the New, for instance, or the New more salient than the Given, or both may be equally salient. And the same applies to Ideal and Real and to Centre and Margin.

Este é um dos pontos centrais do porquê adotar essa teoria para analisarmos os Memes. Embora não seja intenção da teoria da GDV estabelecer conexões com o discurso verbal, pois concebe a imagem com signo independente, precisamos entender que a função da integração das imagens é produzir um texto significativo e coerente. Tal funcionalidade se concretiza, nos Memes de internet, a partir do diálogo com as construções linguísticas mêmicas.

Esse capítulo teve por objetivo apresentar os conceitos principais da GDV, conforme proposta por Kress e van Leeuwen para a análise funcional de imagens. Em interface com a teoria Memética, e, principalmente, com a Gramática Sistêmico-Funcional, esse aporte será utilizado mais adiante para a descrição das construções gramaticais tipificadoras do gênero digital Meme de internet, numa perspectiva integradora e multifuncional de análise da gramática verbal e visual dos textos mêmicos.

Assim, basilados pelos parâmetros da GSF e da GDV, nos próximos capítulos, nos dedicaremos à exposição dos aspectos metodológicos que nortearam essa pesquisa, bem como à descrição e à análise dos dados levantados.

## CAPÍTULO 5. PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como explicitado nos capítulos teóricos desta tese, em paralelo com o desenvolvimento da Internet e das tecnologias da informação, acentuaram-se, no ambiente online, em especial nas redes sociais, novas dinâmicas interativas, por sua vez, marcadas por insólitos, ou mesmo inusitados, usos linguísticos e multímodas expressões textuais.

A singularidade dessa linguagem em seu estado natural de produção (MARCUSCHI, 2004, p. 63), contextualmente situada e funcionalmente sustentada pelos novos contornos das arquiteturas relacionais da Internet, pode ser descrita, linguisticamente, como não monitorada ou submetida a revisões, nem norteadas pela gramática prescritiva, predominantemente informal, desafiando as fronteiras entre fala e escrita, respondendo a critérios de velocidade e inventando maneiras criativas de superar os limites espaciais dos próprios programas (plataformas) que a suporta (supressão de letras e estruturas, por exemplo).

Por conseguinte, há um revisitar e ressignificar de gêneros textuais consagrados e oriundos de outros domínios discursivos, e, da mesma maneira, uma acelerada produção de diversas formas de expressões textuais, notadamente caracterizadas por uma alta plasticidade, pela integração de diversos recursos semióticos (construção conjunta de significados), volatilidade, interatividade (desafiando o estatuto de produtor e receptor, uma vez que o indivíduo pode se situar nos dois pontos do processo de circulação), elisão de termos e estruturas, informalidade, entre outras especificidades semelhantes.

Uma dessas expressões textuais multissemióticas que tem se delineado, e também se consolidado no contexto de cultura brasileiro e na esfera online, é o Meme de internet, conforme discutido no capítulo 2. Dessa forma, mediante os fatores enumerados anteriormente, e tendo em mente que todo uso linguístico acontece e se vincula a um determinado contexto de situação, faz-se necessário não apenas determinar quais as peculiaridades gramaticais, de pronúncia ou de vocabulário podem ser elencadas como diretamente ligadas à situação; antes, porém, pensar quais tipos de fatores de situação determinam que tipos de escolhas no sistema de linguístico (HALLIDAY, 1979), ou seja, como se processa a configuração dos significados (ideacionais, interpessoais e textuais) no nível léxico-gramatical das orações e dos textos.

Nesse intuito, e levando-se em consideração as discussões feitas neste trabalho, a saber, ponderações a respeito da produção, disseminação e das características organizacionais peculiares dos Memes de internet, essa análise se encaminhou pelos seguintes questionamentos:

- Seria possível propor alguma padronização na criação desses replicadores ou alguma regularidade composicional (genérica) de uso dos Memes de internet pelos usuários da rede?
- Do ponto de vista da variação e da replicação (lexicogramaticalmente), os Memes de internet podem ser agrupados a partir de semelhanças (miméticos) ou diferenças (metamórficos)?
- Quanto à constituinte modal, como se organizam os Memes de internet?
- De que modo a dinâmica de interação na rede (informalidade/oralidade), a importância do tempo (velocidade) e a menor monitoração, ou seja, como as características do contexto de situação imprimem suas marcas na constituinte léxico-gramatical dos Memes de internet, ou melhor, como se configuram os significados no registro linguístico e visual (ideacionais, interpessoais e textuais, e representacionais, interacionais e textuais, respectivamente) dos Memes de internet?

E é da tarefa de responder a tais indagações que se ocupou este estudo. Dessa maneira, sob a égide funcionalista e, à vista disso, fundamentado em ocorrências reais, neste trabalho, analisou-se o Meme de internet produzido no contexto de cultura do português brasileiro.

Como foi mencionado no item 1.2, quando se tratou da natureza dos gêneros emergentes no contexto online, há de se ter cuidado com as generalizações e descrições desse tipo de texto, pois, como pondera Marcuschi (2004, p. 19), “várias das características atribuídas, nos anos 70-80, à linguagem da Internet e aos diversos gêneros ali praticados não ocorrem mais a partir dos anos 90”, e, sem dúvida, já não é mais a mesma maneira como se usa hoje. Assim, corre-se o risco de, concluídas as análises e considerações sobre o objeto linguístico, suas características já terem sido completamente alteradas devido à dinâmica de interação e à volatilidade dos textos produzidos no ambiente virtual.

Desse modo, entendendo-se que um texto é linguagem em contexto, intimamente ligado à realidade sociocultural que o circunscreve (HALLIDAY. MATTHIESSEN, 2014), no que diz respeito à compilação do corpus em si, foram observados os seguintes critérios:

- Língua: somente foram selecionados e analisados textos escritos na íntegra ou predominantemente em língua portuguesa;
- Alcance: considerou-se textos relacionados a fatos socioculturais de alcance nacional ou que, mesmo tratando de assuntos internacionais, tiveram grande repercussão na sociedade brasileira, por exemplo, fatos políticos, eventos esportivos, acontecimentos sociais ou educacionais, etc.;

- Período de tempo: Memes que tiveram origem ou alcançaram grande notoriedade no período entre 2014 e 2018. Desse modo, intentando mapear características ou regularidades construcionais verbo-visuais de uso que se sustentaram nesse período e que podem ser concebidas como tipificadoras do gênero em questão.
- Modalidade: elencados apenas textos produzidos a partir da linguagem verbal ou da verbo-visual.

Quanto à dimensão e ao conteúdo de nosso corpúsculo, como os textos mêmicos se proliferaram em grande velocidade e em elevado número nas redes sociais, ou seja, nos termos da teoria Memética, com alto grau de fecundidade, esta pesquisa restringiu-se à seleção, à coleta e à análise manual de 29 Memplexos, num limite total de 50 ocorrências por complexo de textos mêmicos (quando disponíveis), especificamente entre os anos de 2014 a 2018, conforme se pode verificar na tabela seguinte:

**Tabela 1: Relação dos Memplexos entre 2014-2018**

<b>Ano</b>	<b>Memplexos</b>	<b>Número de Memes</b>
<b>2014</b>	Atrasados do Enem/ ENEM	53
	Copa 2014	51
	(Não) vai ter copa, Vai ter copa	09
	Eleição 2014	55
	(Não) Somos todos	06
<b>2015</b>	A Meta	08
	Carta do Temer	43
	ET revoltado (#mesolta #mesegura)	40
	Já acabou, Jéssika?	30
	Senhora?	46
<b>2016</b>	ATA	16
	Bela, recata e do lar	37
	Diferentona	25
	Glória Maria na Jamaica	24
	Nazaré Tedesco/ Nazaré Confusa	09
	Percebe Ivair	12
	Podia ser a gente, mas...	45

	Porque você não amadure	29
<b>2017</b>	Logo eu	45
	Meio do ano e eu	39
	Nunca nem vi	14
	Raiz x Nutella	49
	Você não	18
<b>2018</b>	Copa do Mundo 2018	66
	Cristiano Ronaldo e o filho	39
	Eleição 2018	56
	É verdade esse bilete	50
	Greve dos caminhoneiros	34
	Levanta a cabeça, princesa	48
<b>Total</b>	<b>29 memeplexos</b>	<b>996 memes</b>

**Fonte:** autoria própria

Tais ocorrências foram selecionadas e coletadas, preferencialmente, no repositório online *Museu de Memes (Webmuseu)*, da Universidade Federal Fluminense. No entanto, para ampliar o escopo de levantamento dos textos mêmicos, quando não disponíveis exemplos em número suficiente no referido sítio (50 ocorrências mêmicas), recorreu-se, como ferramentas de levantamento de dados, a outros sites, repositórios ou catalogadores de Memes online, bem como ao microblog *Twitter*, ou às redes sociais *Facebook* e *Instagram*.

Em relação ao repositório *Museu de Memes*<sup>55</sup>, vale pontuar, é um projeto multidisciplinar, desenvolvido pela Universidade Federal Fluminense desde 2011, congregando pesquisadores da Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFF), da Graduação em Estudos de Mídia/UFF, assim como de outras instituições. O projeto é vinculado ao grupo de pesquisa coLAB (Laboratório de Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração) e ao Polo de Produção e Pesquisa Aplicada em Jogos Eletrônicos e Redes Colaborativas. O gerenciamento do acervo online, produção de conteúdo e a organização de encontros de debates ficam a serviço dos alunos da graduação; as atividades de pesquisa e produção científica, sob a responsabilidade dos discentes e docentes dos programas de pós-graduação.

<sup>55</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

Além disso, o acervo do Museu de Memes é catalogado por uma base de dados operada a partir de quatro filtros (CHAGAS, 2011), sendo eles: **criador/origem** (marca o autor, se pessoa física, ou a comunidade que originou o Meme); **categoria** (identifica o gênero e a categoria do Meme em questão, nesse caso, segundo critérios da Comunicação); **período** (registra o ano ou período em que o Meme se disseminou; também sinaliza o período de tempo que vem circulando/longevidade); **país/região** (aponta o país ou região em que o Meme se originou ou alcançou notoriedade). Além da catalogação de memeplexos, o Museu de Memes também disponibiliza um grande número de exemplos de textos mêmicos, bem como um gráfico (*Google trends*) que demonstra o quadro evolutivo dos Memes de internet, destacando o número de citações em um determinado momento ou no decorrer de um período de tempo. Por fim, aos interessados e aos pesquisadores na área, dispõe de um vasto compilado de referências bibliográficas<sup>56</sup> sobre a temática, com mais de 900 registros à disposição, a saber, livros e capítulos de livro, artigos científicos, teses, dissertações, monografias e fontes eletrônicas.

Por fim, mediante a natureza multissemiótica do Meme de internet e a realidade multifuncional da oração, a observação de tais complexos mêmicos orientou-se consoante um primeiro critério basilar oriundo da teoria Memética: semelhanças (miméticos sintaticamente) ou diferenças (metamórficos sintaticamente). Selecionados e classificados os Memes miméticos e os Memes metamórficos, conforme adaptado da proposta de Recuero (2007), seguiram-se outros critérios descritivos, conforme explicitado e enumerado:

- a) Quanto à variação e à replicação: miméticos ou metamórficos;
- b) Natureza semiótica (multimodalidade): verbal ou verbo-visual;
- c) Composição ideacional (GSF) dos textos: processos oracionais (material, mental, relacional, comportamental, existencial, verbais);
- d) Composição interpessoal (GSF) dos textos: modos oracionais (declarativo, interrogativo e imperativo);
- e) Composição textual (GSF) dos textos: tematização (tema tópico, tema interpessoal e tema textual);
- f) Composição representacional (GDV) da imagem: processos narrativos e processos conceituais.;
- g) Composição interacional (GDV): modos oracionais (olhar, distância e ponto de vista);

---

<sup>56</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/referencias/> .

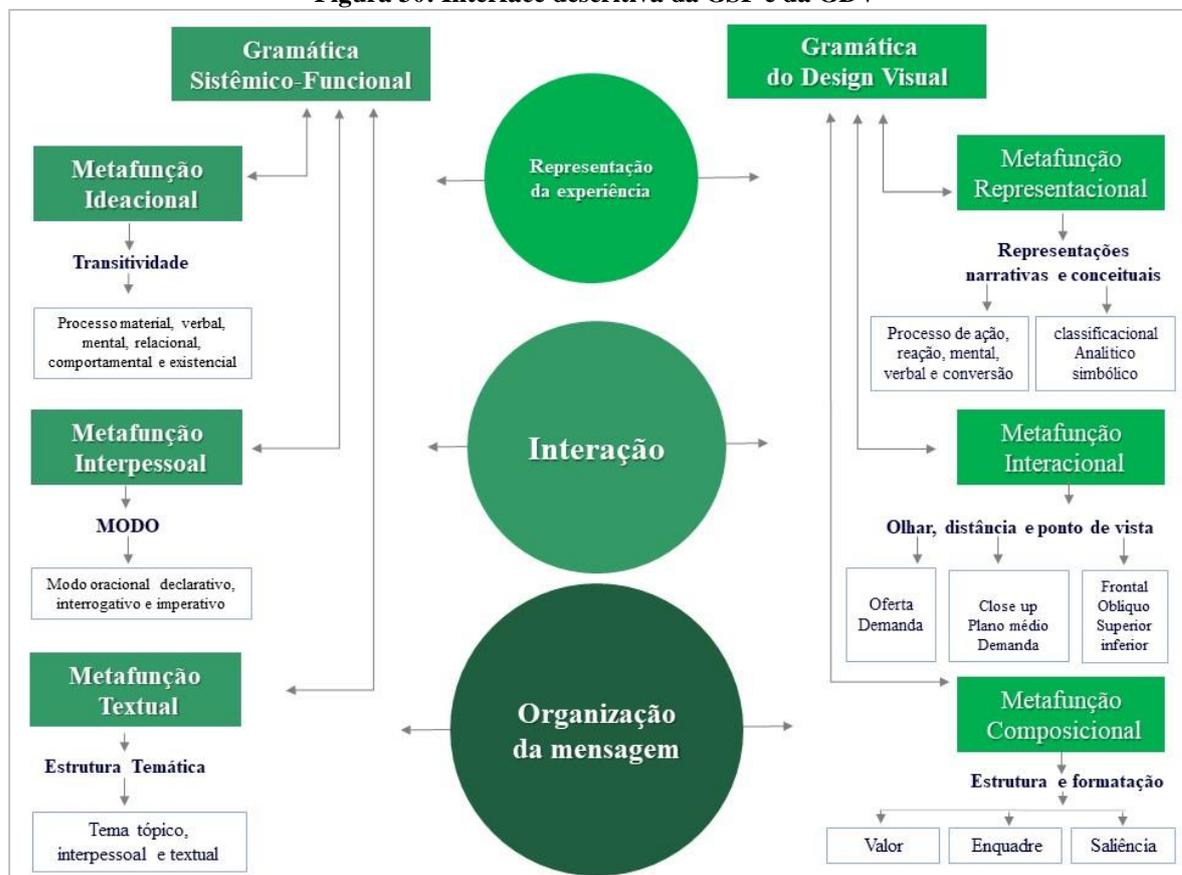
h) Composição estrutural (GDV): valor, enquadre e saliência.

Considerando-se as possibilidades de abordagem do fenômeno de Meme de Internet, o conjunto desses princípios teóricos e metodológicos possibilitou investigar, mapear, analisar e descrever as regularidades construcionais léxico-gramaticais e visuais tipificadoras desse gênero textual digital.

### 5.1 – Interface da Gramática Sistêmico-Funcional e da Gramática do Design Visual

Numa visão funcional e plurissignificativa, tais padrões de uso foram mapeados, descritos e compilados observando-se a interface da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014) e da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Esses aportes foram utilizados para a descrição dos componentes tipificadores do gênero digital Meme de internet, numa perspectiva integradora e multifuncional de análise das construções da gramática verbal e visual dos textos mêmicos, conforme resumido e explicitado na Figura seguinte:

**Figura 30: Interface descritiva da GSF e da GDV**



Fonte: autoria própria

Os pressupostos teórico-metodológicos da GSF e da GDV são assentados em premissas funcionalistas, compreendendo que o texto se realiza em contexto e se conforma ao uso. Também concebem a linguagem, quer verbal quer visual, como um recurso de criar e trocar significados, representar nossas experiências no mundo interior e exterior, bem como codificar os processos interacionais. Dessa maneira, edificam três pilares fundamentais, as denominadas Metafunções: ideacional (verbal) e representacional (visual), que codificam as representações da experiência do homem no mundo; interpessoal (verbal) e interacional (visual), responsável por materializar, no estrato léxico-gramatical, os componentes da nossa interação; Textual (verbal) e Composicional (visual), que dão conta da organização da mensagem verbal ou do discurso visual.

## 5.2 Meme de internet, contexto e uso: singularidades e metodologia descritiva

Ainda no intento de solidificar e elucidar a observação dos dados léxico-gramaticais e visuais tipificadores do gênero digital Meme de internet, é necessário retomar alguns pontos abordados anteriormente, a saber, as singularidades do uso da linguagem no contexto online e dos gêneros digitais emergente desse contexto de situação, o que, obviamente, acarretará tratamento metodológico distintivo na abordagem e descrição do corpus textual.

Como tratado no capítulo 1 deste trabalho e sumarizado na Figura 1, no contexto da Internet, os usos da linguagem, de modo adequado e singular, se orientam pela dinâmica de interação e produção presentes nesse ambiente, isto é, rapidez e fluidez do tempo, alta interatividade, velocidade na troca de informação, informalidade, oralidade e hipertextualidade. Desse modo, a linguagem na Internet tende a uma menor monitoração, à presença de marcas de oralidade, abreviações de palavras e expressões, sintaxe elíptica e fragmentada, supressão de acentuação e pontuação e integração de recursos semióticos.

De igual modo, os gêneros digitais não se furtam a tal realidade, sendo produto dessas complexas relações entre o meio, o uso e a linguagem (MARCUSCHI, 2004), dialogando com as demandas próprias do contexto de interação online. Aliás, sobre essa noção de gênero e contexto, Marcuschi (2004, p. 18, grifo nosso) pondera que “desde que não tomemos a contextualização como um simples processo de situar o gênero numa ação exteriorizada, (...), **os gêneros virtuais são formas bastante características de contextualização**”.

Tais características se concretizam, quase que em plenitude, na composição do Meme de internet. Assim sendo, para fazer frente a essa realidade de uso linguístico e descrever o

aspecto nuclear do uso em sua manifestação mais importante que é o texto (metodologicamente, é preciso prestar atenção aos aspectos regulares e estáveis tipificadores do gênero em meio à fluidez e à maleabilidade dessas expressões linguísticas replicantes do contexto online.

Portanto, no intento de quantificar os aspectos ideacionais, interpessoais e textuais, assim como os representacionais, interacionais e composicionais, foi necessário, por exemplo, entender e classificar como componentes do sistema de transitividade da oração (participantes, processo, e circunstâncias) todas as formas construcionais de palavras, mesmo quando abreviadas ou com alteração na grafia; também foi preciso reconhecer e analisar os modos oracionais, ainda que a pontuação fosse ausente ou insuficiente, pautando-nos exclusivamente no Meme em análise e no contexto em questão. Além disso, vários processos visuais se realizam a partir de estruturas visuais distintas, como os verbais e mentais, que não apresentam os balões de pensamento e diálogo, mas, de alguma forma, estão se realizando. Ou seja, o que se mapeou, descreveu e quantificou foram os usos de linguagem empregados no Meme de internet, mesmo que não se coadune com o padrão normativo ou com uma composição genérica mais ortodoxa.

Assim, seguindo o princípio de que o uso valida as formas linguísticas como passíveis de análise e classificação, no capítulo seguinte são mapeadas, descritas e quantificadas as construções verbo-visuais dos Memes de internet.

## CAPÍTULO 6 – LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Tomando por base o recorte temporal e os critérios estabelecidos para o levantamento de dados desta tese, o corpú de trabalho desta pesquisa contabilizou 29 Memeplexos e 996 Memes de internet. Desse modo, as considerações aventadas nas próximas seções correspondem aos aspectos léxico-gramaticais e da gramática visual desses 29 Memeplexos, e nos apontam valiosas descrições sobre os aspectos construcionais, semióticos, genéricos, sintáticos e visuais do gênero em análise, como se passa a detalhar.

### 6.1 Quanto à composição sintática e semiótica

A constituição semiótica do Meme de internet não se limita às linguagens verbais e visuais. Contudo, a materialidade verbal é indispensável à constituição desse gênero digital, podendo ou não ocorrer a interação com outros meios semióticos, por exemplo, imagem, vídeo, *Gifs*, etc, predominando, sobretudo, a composição verbo-visual, eleita, nesta tese, desse modo, como o objeto de análise e descrição.

Dos 29 complexos de textos mêmicos analisados, no que diz respeito à construção sintática e à composição semiótica, chegou-se à seguinte realidade:

**Tabela 2: Descrição sintática e semiótica dos Memeplexos entre 2014 e 2018**

Ano	Memeplexo	Número de Memes	Composição semiótica	Composição sintática
2014	Atrasados do Enem/ ENEM	53	Verbo-visual	Metamórfico
	Copa 2014	51	Verbo-visual	Metamórfico
	(Não) vai ter copa, Vai ter copa	09	Verbo-visual	Mimético
	Eleição 2014	55	Verbo-visual	Metamórfico
	(Não) Somos todos	06	Verbo-visual	Mimético
2015	A Meta	08	Verbo-visual	Mimético
	Carta do Temer	43	Verbo-visual	Metamórfico
	ET revoltado (#mesolta #mesegura)	40	Verbo-visual	Mimético
	Já acabou, Jéssika?	30	Verbo-visual	Mimético
	Senhora?	46	Verbo-visual	Mimético
	ATA	16	Verbo-visual	Mimético
	Bela, recata e do lar	37	Verbo-visual	Mimético
	Diferentona	25	Verbal	Mimético

2016	Glória Maria na Jamaica	24	Verbo-visual	Metamórfico
	Nazaré Tedesco/ Nazaré Confusa	09	Verbo-visual	Metamórfico
	Percebe Ivair	12	Verbo-visual	Mimético
	Podia ser a gente, mas...	45	Verbo-visual	Mimético
	Por que você não amadure?	29	Verbo-visual	Mimético
2017	Logo eu	45	Verbal	Mimético
	Meio do ano e eu	39	Verbal (predominante)	Mimético
	Nunca nem vi	14	Verbo-visual	Mimético
	Raiz x Nutella	49	Verbo-visual	Mimético
	Você não	18	Verbo-visual	Mimético
2018	Copa do Mundo 2018	66	Verbo-visual	Metamórfico
	Cristiano Ronaldo e o filho	39	Verbo-visual	Mimético
	Eleição 2018	56	Verbo-visual	Metamórfico
	É verdade esse bilete	50	Verbal (predominante)	Mimético
	Greve dos caminhoneiros	34	Verbo-visual	Metamórfico
	Levanta a cabeça, princesa	48	Verbal (predominante)	Mimético
<b>Total</b>	<b>29 Memplexos</b>	<b>996 memes</b>		

**Fonte:** autoria própria

Como pontua Recuero (2007), os memes, na concepção da Memética de Dawkins (2017) e Blackmore (1999, 2000), podem ser classificados em replicadores (que mantêm a mesma construção linguística, sem qualquer variação), miméticos (que, embora sofram alterações, são facilmente reconhecidos como imitação) e metamórficos (que não conservam nenhum padrão construcional, sofrendo mutações no processo de replicação). Adaptando e aplicando tais conceitos ao estudo do Meme de internet, nos Memplexos analisados nenhuma ocorrência de Memes replicadores foi encontrada, apenas dos outros dois tipos referenciados.

Além disso, dos 29 memplexos analisados e contabilizados na tabela, 09 replicam-se a partir de profundas mudanças construcionais; outros 20, porém, possuem a mesma padronização sintática ou a manutenção de um modelo construcional textual, ou seja, são metamórficos e miméticos respectivamente. Tal composição sintática pode ser observada nas ocorrências apresentadas na Figura a seguir:

**Figura 31: Exemplos do Memplexo *Show dos atrasados/ENEM***



Fonte: Museu de Memes<sup>57</sup>

Nos quatro exemplos destacados na Figura anterior, o elo unificador, o elemento mimetizado e replicado, é o assunto. Todos abordam, fazem referência ou são catalisados pela mesma temática: a atraso para o processo seletivo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). São satirizados e ressignificados os comportamentos de todos os participantes representados expressos na imagem. Contudo, nesse processo de construção e replicação desse Meme de internet, não acontece a preservação de nenhum padrão sintático ou modelo de construção gramatical.

Nos exemplos a seguir, no entanto, a replicação do Meme acontece de maneira distinta. Não se observa uma conexão temática que os aglutine, mas há uma manutenção de um modelo de elaboração e composição do texto, bem como a preservação de um padrão sintático construcional (é verdade esse bilete). Tudo que é afirmado, em seguida, é categoricamente negado ou tornado sem efeito pela expressão inserida ao final:

<sup>57</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/atrasados-do-enem-showdosatrasados/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019

**Figura 32: Exemplos do Memeplexo *É verdade esse bilhete***



**Fonte:** *Twitter*

Em relação à composição semiótica, 24 Memeplexos estudados são construídos, predominantemente, na articulação das linguagens verbal e visual, restando apenas três Memeplexos que, embora tenham a ocorrência de Memes verbo-visuais, em sua maioria, se realizam apenas na dimensão verbal; e dois em que os Memes são, em sua totalidade, verbais. Esses modelos de composição verbal e verbo-visual ficam claros nas ocorrências destacadas na Figura seguinte, em que se evidencia um Meme composto de imagem e linguagem verbal, e outro apenas da materialidade verbal:

**Figura 33: Memes verbo-visuais e verbais**



Fonte: *Pleno News*<sup>58</sup>, *Twitter*

Essa constatação da construção conjunta do significado do gênero digital Meme de internet não implica na ausência de Memes de internet puramente verbais, como no caso do exemplo 2. Porém, no conjunto de textos mêmicos mapeados, sempre predominou, na composição dos Memeplexos, a articulação entre um processo verbal e um processo visual.

Vale ressaltar que também foram classificados como miméticos aqueles Memes que mantiveram a mesma padronização de estruturação genérica, embora não sintaticamente. Por exemplo, os Memeplexos “É verdade esse bilhete” e “Levanta a cabeça, princesa” foram

<sup>58</sup> Disponível: <https://pleno.news/educacao/enem/atrasados-do-enem-rendem-memes-na-internet-confira.html>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

classificados como miméticos, pois, mesmo que haja mudanças em determinados componentes léxico-gramaticais, ainda assim ocorre a manutenção de uma construção sintática que se repete em todos os Memes replicados.

No caso do Memplexo “Cristiano Ronaldo e o filho”, o componente mimético é mais construcional do que sintático, uma vez que quase nenhum componente linguístico é preservado no processo de replicação, mas há a manutenção e padronização da estruturação discursiva, de um modelo de construção textual:

**Figura 34: Exemplos do Memplexo *Cristiano Ronaldo e o filho***



Fonte: Museu dos Memes<sup>59</sup>

<sup>59</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/copa-do-mundo-de-2018/>. Acesso em: 10 de janeiro 2019

Nesse memplexo, todos os Memes, no plano composicional, são estruturados a partir da interação de dois participantes no processo interacional. Embora não haja a manutenção de um padrão sintático, ocorre a preservação de uma estrutura de composição, facilmente referenciável como imitação, isto é, um diálogo entre dois participantes (pai e filho) em que um expõe necessidades concretas e o outro, como reação, apresenta respostas inapropriadas, reforçando um estereótipo egocêntrico.

Tais configurações apontam para uma padronização na criação e uso desses replicadores, em que se percebe uma regularidade composicional (genérica) de uso dos Memes de internet pelos usuários da rede. Desse modo, os Memes, de maneira análoga aos memes de Dawkins, podem ser agrupados como miméticos e metamórficos, levando-se em consideração o aspecto sintático e o modelo de estruturação genérica. Em relação à constituinte modal, avultam, em maior número de produção, os Memes verbo-visuais, sobrepujando as ocorrências puramente verbais.

No intuito de levantar as regularidades tipificadoras do gênero digital Meme de internet, as seções seguintes avançam no mapeamento dos aspectos léxico-gramaticais e da sintaxe visual.

## 6.2 Metafunção Ideacional (GSF): processos de transitividade verbal

A Gramática Sistêmico-funcional abarca, no nível léxico-gramatical, a realização de componentes linguísticos que operam a representação das experiências do indivíduo no mundo exterior e interior, bem como de seus processos interacionais e a organização dessas duas dimensões no nível sintático. Quanto ao mapeamento dos grupos verbais tipificadores do gênero digital Meme de internet, a análise do corpús apresentou os seguintes resultados:

**Tabela 3: Mapeamento e quantificação dos processos ideacionais**

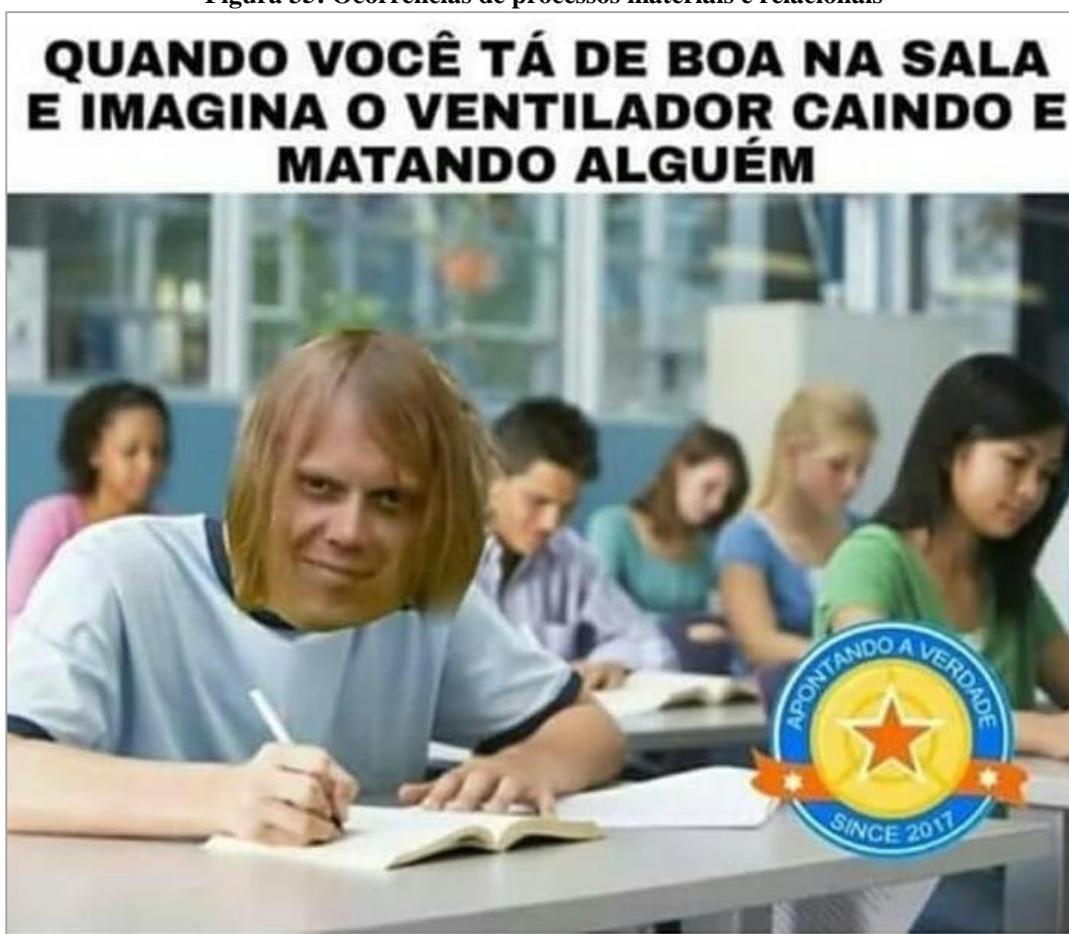
Ano	Memplexo	Processos oracionais						Total
		Material	Mental	Verbal	Comportamental	Relacional	Existencial	
2014	Atrasados do Enem/ENEM	56	11	04	04	20	01	96
2014	Copa 2014	31	03	01	02	21	02	60
2014	(Não) vai ter Copa	06	02	03	-	-	12	23
2014	Eleição 2014	49	06	09	01	14	05	84
2014	(Não) somos todos	-	-	01	-	06	-	07

2015	A Meta	24	-	02	-	04	-	30
2015	Carta do Temer	37	10	15	-	13	-	75
2015	ET revoltado/me solta	69	19	04	01	13	-	106
2015	Já acabou, Jéssica ?	38	-	01	01	03	-	43
2015	Senhora?	75	10	09	03	30	-	127
2016	ATA	15	-	04	01	05	-	25
2016	Bela, recatada e do lar	07	02	-	-	04	-	13
2016	Diferentona	07	14	-	02	04	-	27
2016	Glória Maria na Jamaica	11	11	01	-	04	-	27
2016	Nazaré	06	04	-	01	07	-	18
2016	Percebe, Ivair?	-	12	-	-	01	-	13
2016	Podia ser a gente, mas você não...	26	05	-	01	51	01	84
2016	Por que você não amadure?	19	10	-	-	13	-	42
2017	Logo eu	39	25	10	02	10	-	86
2017	Meio do ano e eu	20	05	01	-	16	-	42
2017	Nunca nem vi	11	07	11	01	05	-	35
2017	Raiz x Nutella	457	40	30	03	114	01	645
2017	Você Não	06	01	-	-	13	-	20
2018	Copa do mundo 2018	67	07	01	03	15	05	98
2018	Cristiano Ronaldo e o filho	79	11	01	06	111	02	210
2018	Eleição 2018	56	13	09	03	18	02	101
2018	É verdade esse bilete	69	05	03	08	72	00	157
2018	Greve dos caminhoneiros	35	08	01	00	17	01	62
2018	Levanta a cabeça	114	02	06	01	15	00	138
<b>Total</b>	<b>29 memeplexos</b>	<b>1429</b>	<b>243</b>	<b>127</b>	<b>44</b>	<b>619</b>	<b>32</b>	<b>2494</b>
%	-	57,3	9,75	5,09	1,76	24,82	1,28	-

Fonte: autoria própria

A análise dos Memplexos demonstrou a predominância de dois processos principais: os processos materiais, que correspondem a 57,3% das figuras oracionais construídas nos Memes de internet, e, em segundo lugar, os relacionais, com 24,82% dos processos expressos pelos verbos nesse gênero digital multimodal. Como apontam Kress e van Leeuwen (2006), a Metafunção ideacional toma forma como a materialização das experiências do indivíduo, codificando tais significados no sistema de transitividade. A seguir, pode-se vislumbrar esses dois processos oracionais predominantes nos Memes de internet:

Figura 35: Ocorrências de processos materiais e relacionais



Fonte: Museu do Meme<sup>60</sup>

Em sua dimensão verbal, o Meme é constituído de um complexo oracional, que, por sua vez, é formado por quatro processos oracionais: processo relacional (estar), processo mental (imaginar) e processos materiais (cair e matar). A constituição sintática desse Meme exemplifica com muita propriedade o aspecto léxico-gramatical ideacional típico da expressão

<sup>60</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/copa-do-mundo-de-2018/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019

mêmica no Brasil, ou seja, o predomínio de figuras oracionais materiais e relacionais, e, em terceiro lugar, a ocorrência de orações mentais.

No Meme em questão, há uma relação atributiva estabelecida pelo processo relacional representado pelo verbo estar (abreviado para ‘TÁ’) entre um Portador (VOCÊ) e um atributo (DE BOA). De igual modo, há uma oração mental expressa pelo verbo imaginar, em que, em elipse, a palavra ‘VOCÊ’ ocupa o lugar do Experienciador e a função do Fenômeno se realiza por meio de uma oração projetada, no caso, um processo material.

Como ponderam Cabral e Fuzer (2014), os processos mentais, assim como os verbais, frequentemente projetam orações. Desse modo, a oração projetada pode ser analisada dentro do escopo da oração mental ou também pode ser descrita separadamente. Nesses termos, as orações ‘O VENTILADOR CAINDO E MATANDO ALGUÉM’ são classificadas como processos materiais (cair, matar) em que “VOCÊ” é o Ator (desencadeia os eventos) dos dois processos e “ALGUÉM” é o Meta (recebe a ação) do processo representado pelo verbo matar.

À semelhança do exemplo analisado, os Memes de internet são construídos a partir de significados do tipo acional e relacional, ou seja, essa expressão textual se realiza pela criação de figuras oracionais que expressam ação de um agente sobre a realidade, transformando-a (no caso das orações materiais transformativas) ou criando algo novo (quando se trata de orações materiais criativas). Além de apontar como um gênero que expressa ação, se realiza também pela caracterização do ser, em que uma característica é atribuída a alguém ou uma particularidade identificadora desse ser é destacada.

### 6.3 Metafunção Interpessoal (GSF): modos oracionais

Como visto em Halliday e Matthiessen (2014), Gouveia (2009) e Cabral e Fuzer (2014), para além da função de codificar as representações da experiência exterior e interior do indivíduo, a linguagem, como um construto pelo qual criamos e trocamos significados, serve também para desempenhar papéis sociais, isto é, desempenha a função de representar, no nível léxico-gramatical, as interações entre os falantes.

Dessa maneira, toda troca linguística é, antes de tudo, uma comutação de informações e bens e serviços, em que o indivíduo exerce funções de fala (oferta, comando, declaração e pergunta). Essas funções, por sua vez, se concretizam em três modos oracionais distintos, a saber, declarativo (declaração), imperativo (comando) e interrogativo (oferta e pergunta).

Tais realidades tomam forma nas trocas linguísticas entre os interactantes e, por conseguinte, compõem os mais variados gêneros textuais, uma vez que, em qualquer situação

interacional, é por meio dos gêneros que tal contato se realiza. Por exemplo, ao observarmos os gêneros injuntivos e os prescritivos, que, respectivamente, orientam ou impõem um comportamento ao leitor, como a receita culinária e manuais de instrução (injuntivos) e os editais de concurso e Códigos legais (prescritivos), o uso materializa os significados de orientação e instrução pelo modo oracional imperativo, assim também, pelo uso, caracterizando e tipificando a construção e o significado dessas expressões linguísticas.

Do mesmo modo, o gênero digital Meme de internet, no âmbito interpessoal, pode ser caracterizado a partir da observação e análise de algumas de suas propriedades linguísticas e regularidades de uso, como descrito na Tabela seguinte:

**Tabela 4: Mapeamento e quantificação dos modos oracionais**

Ano	Memeplexo	Modos oracionais			Total
		Declarativo	Interrogativo	Imperativo	
2014	Atrasados dos Enem/ENEM	94	01	01	96
2014	Copa 2014	49	08	03	60
2014	(Não) vai ter Copa	14	01	08	23
2014	Eleição 2014	77	02	05	84
2014	(Não) somos todos	05	02	-	07
2015	A Meta	28	01	01	30
2015	Carta do Temer	68	05	02	75
2015	ET revoltado/me solta	66	-	40	106
2015	Já acabou, Jéssica ?	17	26	-	43
2015	Senhora?	55	54	18	127
2016	ATA	24	01	-	25
2016	Bela, recatada e do lar	08	03	02	13
2016	Diferentona	03	24	-	27
2016	Glória Maria na Jamaica	22	02	03	27
2016	Nazaré	18	-	-	18
2016	Percebe, Ivair?	02	11	-	13
2016	Podia ser a gente, mas você não...	83	01	-	84
2016	Por que você não amadure?	33	07	02	42
2017	Logo eu	80	06	-	86

2017	Meio do ano e eu	40	02	-	42
2017	Nunca nem vi	30	05	-	35
2017	Raiz x Nutella	640	03	02	645
2017	Você Não	19	-	01	20
2018	Copa do mundo 2018	75	16	07	98
2018	Cristiano Ronaldo e o filho	147	20	43	210
2018	Eleição 2018	85	10	06	101
2018	É verdade esse bilete	156	-	01	157
2018	Greve dos caminhoneiros	52	05	05	62
2018	Levanta a cabeça	86	02	50	138
<b>Total</b>	<b>29 memeplexos</b>	<b>2076</b>	<b>218</b>	<b>200</b>	<b>2494</b>
%	-	83,24	8,74	8,02	-

**Fonte:** autoria própria

O mapeamento e a quantificação dos aspectos interpessoais são reveladores para o Meme de internet. Da mesma maneira que na Metafunção ideacional, foram analisados 29 memeplexos, 996 Memes de internet, totalizando 2494 modos oracionais quantificados e descritos. Desse total, 2076 orações (83,24%), a ampla maioria, se constituem por modos oracionais declarativos. E mais, essa prevalência ocorreu em todos os memeplexos de 2014 a 2018, sem exceção, configurando um padrão de uso desse gênero digital. Ou seja, nesse tipo de texto, a oração, predominantemente, toma a forma de Proposição, conforme exemplificado na Figura seguinte, em que os dois processos verbais distintos configuram-se em modos oracionais declarativos:

**Figura 36: Exemplo de modo oracional declarativo em Meme de internet**



Fonte: *Twitter*

Como ponderam Halliday e Matthiessen (2014), no nível interpessoal, pensa-se em dois papéis principais de fala: dar e receber, em que dar implica receber de volta, ou seja, o falante/escritor (ou produtor) não está apenas fazendo algo para si mesmo, mas também demanda algo do leitor/interactante (CABRAL; FUZER, 2014). Nas trocas estabelecidas por meio do Meme de internet, o produtor compartilha informações com o leitor, esperando, com isso, que ele também exerça seu papel de fala, argumentado, refutando, negando ou complementando a informação replicada.

#### 6.4 Metafunção Textual (GSF): tipos de Tema

A análise dos Memeplexos desvelou um predomínio de processos materiais e relacionais (aspecto ideacional) e de orações declarativas (aspecto interpessoal). Como destacam Halliday e Matthiessen (2014), além da codificação léxico-gramatical das experiências (externas e internas) e das trocas linguísticas nos processos interacionais (modos oracionais), o indivíduo organiza e significa essas informações no nível do discurso, compondo sintaticamente a ordenação no nível da oração ou do complexo oracional, estabelecendo a informação a ser topicalizada e a parte que será o desenvolvimento.

Sobre a questão da composição de Tema e Rema nos Memes de internet, especialmente no que concerne aos tipos temáticos, constatou-se, no corpúsculo da pesquisa, que, mais uma vez, se repete a predominância em larga escala de um dos descritores.:

**Tabela 5: Mapeamento e quantificação dos tipos de Tema**

Ano	Memeplexo	Tipos de Tema			Total
		Tópico	Interpessoal	Textual	
2014	Atrasados dos Enem/ENEM	52	10	34	96
2014	Copa 2014	39	10	11	60
2014	(Não) vai ter Copa	19	01	03	23
2014	Eleição 2014	59	11	14	84
2014	(Não) somos todos	05	01	01	07
2015	A Meta	20	05	05	30
2015	Carta do Temer	44	12	19	75
2015	ET revoltado/me solta	89	01	16	106
2015	Já acabou, Jéssica ?	33	-	10	43
2015	Senhora?	64	49	14	127
2016	ATA	15	-	10	25
2016	Bela, recatada e do lar	13	-	-	13
2016	Diferentona	27	-	-	27
2016	Glória Maria na Jamaica	19	01	07	27
2016	Nazaré	11	-	07	18
2016	Percebe, Ivair?	13	-	-	13
2016	Podia ser a gente, mas você não...	46	-	38	84
2016	Por que você não amadure?	27	06	09	42
2017	Logo eu	71	-	15	86
2017	Meio do ano e eu	41	01	-	42
2017	Nunca nem vi	19	03	13	35
2017	Raiz x Nutella	583	03	59	645
2017	Você Não	19	-	01	20
2018	Copa do mundo 2018	66	11	21	98

<b>2018</b>	Cristiano Ronaldo e o filho	136	60	14	210
<b>2018</b>	Eleição 2018	85	05	11	101
<b>2018</b>	É verdade esse bilete	136	03	18	157
<b>2018</b>	Greve dos caminhoneiros	53	04	05	62
<b>2018</b>	Levanta a cabeça	91	02	45	138
<b>Total</b>	<b>29 memeplexos</b>	<b>1895</b>	<b>199</b>	<b>400</b>	<b>2494</b>
<b>%</b>	-	75,98	7,98	16,04	-

**Fonte:** autoria própria

Nesse caso, em 75,98% (1985 processos oracionais) das construções mêmicas mapeadas, verificou-se que as orações são encabeçadas por algum componente do sistema de transitividade. A Figura abaixo exemplifica os três tipos de Temas em Meme de Internet, escalonados, simbolicamente, em ordem de predominância:

**Figura 37: Exemplos dos tipos de tema em Meme de internet**



Fonte: *Manual do Homem Moderno*<sup>61</sup> e *UOL*<sup>62</sup>

<sup>61</sup> Disponível em: <https://manualdohomemmoderno.com.br/esportes/copa-do-mundo/melhores-memes-da-abertura-da-copa-do-mundo-2018>. Acesso em 10 de janeiro de 2019

<sup>62</sup> Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/copa-do-mundo/2018/album/2018/07/16/50-memes-para-nao-esquecer-da-copa-do-mundo-da-russia.htm?mode=list&foto=1>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019

No exemplo 1, um Meme verbo-visual dividido em dois momentos, encontram-se dois processos oracionais, um existencial e outro material, ambas as orações declarativas. Nos dois casos, são topicalizados elementos do sistema de transitividade, a saber, o processo (*É*) e o participante (*menino ney*), ou seja, as orações são configuradas a partir de Temas Tópicos. No segundo exemplo, temos um complexo oracional com duas orações (material e mental), igualmente declarativas. Contudo, as orações são encabeçadas por conjunções (quando, e), isto é, por termos que funcionam como elos coesivos textuais, o que lhes enseja a classificação como Tema Textual. A terceira ocorrência, por sua vez, não é introduzida por um dos elementos do sistema de transitividade ou mesmo por elemento conector, mas por um vocativo (*Vida*), ou seja, por um componente interacional, portanto, um Tema Interpessoal.

Esses exemplos demonstram a configuração temática e o modo de análise dessas ocorrências construcionais mêmicas, em que predominam os temas do tipo Tópico. Caracterizando-se pelo Tema tópico, portanto, os Memes de internet evidenciam, na maioria das vezes, quem executa tal ação ou desenvolve o evento, o tipo de processo que está sendo desenvolvido e em quais circunstâncias se realizam as atividades.

### 6.5 Metafunção Representacional (GDV): processos narrativos e conceituais

Estabelecer o estatuto multifuncional do Meme de internet equivale a analisar as construções mêmicas verbais em três camadas diferentes, ou seja, em seus aspectos ideacionais, interpessoais e textuais, uma vez que cada componente léxico-gramatical é, ao mesmo tempo, uma representação da experiência, uma troca linguística e uma mensagem organizada. No entanto, a observação unicamente dos aspectos linguísticos não dá conta plena de estabelecer o significado desse gênero digital, uma vez que ele se concretiza, predominantemente, a partir das dimensões verbais e visuais. Portanto, a descrição a que se propõe esta tese alcança a gramática da imagem, mapeando e quantificando as regularidades das construções mêmicas visuais, isto é, as Metafunções Representacionais, Interacionais e Textuais.

Quanto ao âmbito representacional, naquilo que diz respeito aos seus aspectos precípuos, da análise dos Memes constituídos pela dupla articulação das dimensões verbais e visuais (24 memplexos), arrolaram-se 882 processos visuais:

Tabela 6: Mapeamento e quantificação dos processos representacionais

Ano	Memeplexo	Processos representacionais								Total
		Processos narrativos					Processos conceituais			
		ação	reação	Mental	Verbal	Conversão	Classificacional	Analítico	Simbólico	
2014	Atrasados dos Enem/ENEM	39	16	01	01	-	01	-	12	70
2014	Copa 2014	11	19	01	04	-	04	-	10	49
2014	(Não) vai ter Copa	02	02	-	04	-	-	-	-	08
2014	Eleição 2014	12	15	01	10	-	04	-	06	48
2014	(Não) somos todos	-	02	-	-	-	02	-	02	06
2015	A Meta	01	07	-	03	-	-	-	-	11
2015	Carta do Temer	13	14	-	07	-	02	02	01	39
2015	ET revoltado/ me solta	-	-	-	40	-	-	-	-	40
2015	Já acabou, Jéssica ?	07	09	-	13	-	-	-	03	32
2015	Senhora?	-	-	-	49	-	-	01	02	52
2016	ATA	05	17	-	-	-	-	-	02	24
2016	Bela, recatada e do lar	01	04	-	-	-	-	-	32	37
2016	Diferentona	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2016	Glória Maria na Jamaica	03	23	-	04	-	-	-	06	36
2016	Nazaré	-	04	01	03	-	-	-	01	09
2016	Percebe, Ivair?	04	01	-	-	-	-	-	07	12
2016	Podia ser a gente, mas você não...	24	02	-	-	-	-	-	18	44
2016	Por que você não amadure?	-	02	-	31	-	-	-	-	33
2017	Logo eu	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2017	Meio do ano e eu	02	05	-	-	-	01	-	05	13
2017	Nunca nem vi	-	06	-	09	-	-	-	-	15
2017	Raiz x Nutella	28	41	-	-	-	06	-	18	93

<b>2017</b>	Você Não	-	-	-	-	-	17	01	-	18
<b>2018</b>	Copa do mundo 2018	30	21	-	06	-	04	-	16	77
<b>2018</b>	Cristiano Ronaldo e o filho	-	-	-	35	-	-	-	-	35
<b>2018</b>	Eleição 2018	15	13	01	12	-	-	-	16	57
<b>2018</b>	É verdade esse bilete	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>2018</b>	Greve dos caminhoneiros	08	03	-	04	-	05	-	04	24
<b>2018</b>	Levanta a cabeça	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>29 memeplexos</b>	<b>205</b>	<b>226</b>	<b>05</b>	<b>235</b>	<b>00</b>	<b>46</b>	<b>04</b>	<b>161</b>	<b>882</b>
<b>%</b>	-	23,24	25,62	0,57	26,65	0,0	5,22	0,45	18,25	-

Fonte: autoria própria

Do total de processos visuais contabilizados, 671 processos narrativos e 211 processos conceituais, ou seja, os processos visuais que expressam o participante executando algum tipo de atividade ou por ela sendo envolvido equivalem a cerca de 76,08% dos tipos de discursos visuais construídos nos Memes de internet.

Levando em conta o número total de processos visuais descritos, nos processos narrativos, o mapeamento pelos subtipos, em ordem decrescente, resultou na seguinte classificação: 235 processos narrativos verbais (26,65%), 226 processos narrativos reacionais (25,62%), 205 processos narrativos de ação (23,24%) e 05 processos mentais (0,57%). Em relação aos processos conceituais, encontrou-se 161 do tipo simbólico (18,25%), 46 do tipo classificacional (5,2%) e 04 do tipo analítico (0,45%). No levantamento empreendido nesse corpus, não houve ocorrências de processos narrativos de conversão. Nos exemplos da Figura seguinte, a ilustração dos processos predominantes no aspecto narrativo e conceitual:

Figura 38: Processos visuais narrativos e conceituais em Meme de internet



Fonte: R7<sup>63</sup>, PureBreak<sup>64</sup>

Na dimensão visual do primeiro exemplo, os participantes, em posição central na imagem, são representados em interação, em que se tem a manifestação da fala de um desses participantes representados, ainda que não expressa por caixas de diálogos. Desse modo, classificando-se, no aspecto representacional, como um processo narrativo verbal. No exemplo dois, contudo, não se tem representado visualmente a figura de um participante humano ou a execução de algum tipo de processo de ação. Há, ao contrário, a construção de um processo visual em que se evoca e se atribui uma característica a outrem, no caso, a seleção jamaicana. O avião que é tomado por uma fumaça que simbolizaria uma característica de grupo de jogadores, ou seja, há um processo em que a identidade de seleção jamaicana é conferida por um atributo simbólico. Assim, o processo visual pode ser compreendido como um processo conceitual simbólico atributivo.

Portanto, os Memes de internet, na dimensão visual, se caracterizam como um gênero permeado de processos representacionais narrativos verbais que retratam o participante em algum tipo de atividade de fala. Em segundo lugar, no âmbito conceitual, como um texto que atribui ou sugere as características dos participantes representados no processo visual (processos conceituais simbólicos).

Assim sendo, traçando um paralelo, na dimensão verbal, predominam, quanto à Metafunção ideacional, os processos materiais (57,3%), em que se tem verbos de ação, e os processos relacionais (24,82%), que dizem respeito às figuras de caracterização e estado (verbos

<sup>63</sup> Disponível em: <https://diversao.r7.com/pop/fotos/meu-deus-me-solta-conheca-a-origem-do-meme-da-mulher-que-segura-o-et-05072017#!/foto/6> . Acesso em: 10 de janeiro de 2020

<sup>64</sup> Disponível em: <http://www.purebreak.com.br/noticias/veja-os-30-melhores-memes-da-copa-do-mundo-2014/5417>. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

do tipo ser e estar). Assim, o gênero digital multimodal Meme de internet toma a forma como uma expressão de teor verbal, reacional, qualificador e descritivo (caracterizador).

### 6.6 Metafunção Interacional (GDV): olhar, distância e ponto de vista

Assim como no âmbito verbal, na dimensão visual, cada componente também pode ser descrito não só como uma representação da experiência, mas também como a codificação da interação entre os participantes envolvidos na interação. Tal interação pode ocorrer entre os participantes representados na imagem, e também entre o participante representado e o observador (participante interativo). Assim, a composição visual, além de codificar a interação entre os participantes (olhar), estabelece graus de proximidade entre os tais (distância) e a posição do observador em relação à imagem (ponto de vista).

No que concerne à análise desses aspectos nos memeplexos arrolados, o quadro a seguir apresenta, em detalhes, como se realiza cada um desses elementos nas construções mêmicas visuais:

**Tabela 7: Mapeamento e quantificação dos elementos interacionais**

Ano	Memeplexo	Elementos interacionais									Total por elemento interacional
		Olhar		Distância			Ponto de vista				
		Demanda	Oferta	Close up	Plano médio	Plano aberto	frontal	Oblíquo	Superior	Inferior	
2014	Atrasados dos Enem/ENEM	15	55	24	35	11	46	11	10	03	70
2014	Copa 2014	09	40	12	24	13	39	03	04	03	49
2014	(Não) vai ter Copa	04	04	00	08	00	08	-	-	-	08
2014	Eleição 2014	17	31	15	25	08	44	01	03	-	48
2014	(Não) somos todos	03	03	03	-	03	05	-	01	-	06
2015	A Meta	05	06	05	06	-	11	-	-	-	11
2015	Carta do Temer	10	29	15	19	05	35	04	-	-	39
2015	ET revoltado/ me solta	-	40	-	26	14	40	-	-	-	40
2015	Já acabou, Jéssica ?	02	30	01	05	26	31	01	-	-	32
2015	Senhora?	-	52	08	39	05	52	-	-	-	52

2016	ATA	17	07	15	08	01	24	-	-	-	24
2016	Bela, recatada e do lar	15	22	07	19	11	33	02	02	-	37
2016	Diferentona	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2016	Glória Maria na Jamaica	12	24	16	14	06	28	01	-	07	36
2016	Nazaré	-	09	08	01	-	09	-	-	-	09
2016	Percebe, Ivair?	01	11	01	02	09	10	-	01	01	12
2016	Podia ser a gente, mas você não...	09	35	09	14	21	33	01	10	-	44
2016	Por que você não amadure?	02	31	06	27	-	33	-	-	-	33
2017	Logo eu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2017	Meio do ano e eu	-	13	05	02	06	09	03	01	-	13
2017	Nunca nem vi	01	14	05	08	02	15	-	-	-	15
2017	Raiz x Nutella	29	64	22	44	27	84	02	04	03	93
2017	Você Não	03	15	16	02	-	18	-	-	-	18
2018	Copa do mundo 2018	21	56	19	38	20	72	02	03	-	77
2018	Cristiano Ronaldo e o filho	14	21	12	21	02	34	01	-	-	35
2018	Eleição 2018	21	36	21	27	09	53	03	01	-	57
2018	É verdade esse bilete	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2018	Greve dos caminhoneiros	04	20	06	08	10	22	02	-	-	24
2018	Levanta a cabeça	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>29 memeplexos</b>	<b>214</b>	<b>668</b>	<b>251</b>	<b>422</b>	<b>209</b>	<b>788</b>	<b>37</b>	<b>40</b>	<b>17</b>	<b>882</b>
<b>%</b>	-	24,26	75,74	28,4	47,9	23,7	89,34	4,2	4,54	1,93	-

Fonte: autoria própria

A relação entre produtor e receptor da imagem se realiza, simbolicamente, e de maneira predominante, por meio dos participantes representados nos Memes de internet. Isso fica evidente ao se observar o elemento interacional *Olhar*, em que 75,74% das imagens são do tipo *Oferta*, ou seja, nas quais não há interação direta entre participante representado e participante ouvinte. Nesse tipo de imagem, em que não se observa a interação entre o olhar do participante e o observador, entram em contato os agentes inseridos na imagem, isto é, são composições visuais apresentadas à observação do participante interativo.

No que diz respeito ao grau de proximidade entre participante representado e participante interativo, a saber, o elemento *Distância*, predominaram as imagens compostas em plano médio (47,9%), seguidas das composições em *close up* (28,4%) e plano aberto (23,7%). Quanto ao ponto de vista, há um massivo predomínio de composições visuais frontais (89,34%), um número extremamente reduzido de ponto de vista inferior (1,93%), e uma quase equidade entre planos oblíquos (4,2%) e superiores (4,54%). Estes dados apontam para uma relação entre participante representado e observador que se estabelece de modo direto, aproximado, em que aquilo que é retratado ao participante interativo também não lhe causa estranheza, mas lhe é familiar, segredado na intimidade, como fica evidente no Meme seguinte:

**Figura 39: Composição interacional do Meme de internet**



Fonte: Exame<sup>65</sup>

O exemplo destacado apresenta algumas características interacionais do Meme de internet, no que diz respeito aos elementos Olhar, Distância e Ponto de vista. Quanto ao Olhar, a imagem não estabelece uma relação entre participante representado e interativo, mas há uma interação entre as figuras imagéticas e a análise por parte do observador, ou seja, é uma composição visual do tipo Oferta. Além disso, no escopo da Distância, o enquadre não se realiza

<sup>65</sup> Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/copa-da-zoeira-os-melhores-memes-da-copa-do-mundo-2014/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

de modo tão aproximado, no nível dos ombros, com destaque para as feições, tampouco de maneira longínqua, em que o observador fica de fora dos acontecimentos imagéticos. Há, contudo, uma composição em plano médio, instigando aproximação e familiaridade por parte do observador. No que diz respeito ao Ponto de vista, participantes representados e participante interativo são colocados frente a frente, em plano obíquo ao observador. Com isso, não se estabelece uma relação de superioridade ou inferioridade, mas de igualdade entre todos os participantes visuais.

#### 6.7 Metafunção Composicional (GDV): valor, enquadre e saliência

Se a descrição das características verbais, bem como das representacionais e interativas é desafiadora, tarefa muito mais árdua nos foi reservada na observação do plano composicional dos Memes de internet. O mapeamento da integração dos elementos representacionais e interacionais sofre restrições de toda ordem advindas da dinâmica de interação nas redes sociais, da constituição dos gêneros digitais, da plasticidade textual, da construção multissemiótica do significado e do alto grau de velocidade que as linguagens transformam e são transformadas.

Portanto, ao analisarmos aspectos da Metafunção composicional dos Memes, descrevemos os aspectos possíveis de observação a partir da Gramática do Design Visual, detalhando o número de ocorrências em que o plano composicional atua em conformidade com o modelo descritivo de Kress e van Leeuwen (2016). Ou seja, as ocorrências em que o elemento dado situa-se à esquerda e o novo à direita; em que os dados mais concretos, reais, situam-se no campo inferior da imagem, e os mais ideais, no superior; também quantificamos as ocorrências em que o elemento central da informação é colocado ao centro, e os periféricos à margem.

Além disso, interessou-nos pensar, naquilo que se distanciam dos padrões sintáticos visuais de construção semântica propostos pela GDV, quais são as regularidades construídas pelo uso na distribuição da informação no construto imagético do Meme de internet. Quando analisados o sistema de transitividade e os modos oracionais, nos detivemos apenas na dimensão verbal, com ressalvas para ausências ou reconstruções linguísticas. Contudo, não temos a mesma possibilidade com o aspecto visual, que, no nosso entender, precisa ser avaliado pela completude do Meme, levando-se em consideração a parte verbal, mesmo que não seja uma imagem macro.



2016	Podia ser a gente, mas você não...	01	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2016	Por que você não amadure?	01	-	10	-	01	-	-	02	-	-	-	-	-	-
2017	Logo eu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2017	Meio do ano e eu	01	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2017	Nunca nem vi	01	01	-	-	-	-	-	01	-	-	-	07	-	-
2017	Raiz x Nutella	49	-	-	-	49	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2017	Você Não	-	-	-	-	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2018	Copa do mundo 2018	15	12	21	12	21	13	04	03	09	05	06	09	-	04
2018	Cristiano Ronaldo e o filho	02	08	01	01	32	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2018	Eleição 2018	19	32	33	13	24	11	-	25	02	-	-	15	-	-
2018	É verdade esse bilete	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2018	Greve dos caminhoneiros	03	08	11	08	16	02	-	07	-	-	-	-	-	-
2018	Levanta a cabeça	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>29 memeplexos</b>	<b>184</b>	<b>115</b>	<b>149</b>	<b>62</b>	<b>243</b>	<b>67</b>	<b>12</b>	<b>105</b>	<b>37</b>	<b>16</b>	<b>12</b>	<b>94</b>	<b>02</b>	<b>04</b>

Fonte: autoria própria

Na observação da Metafunção composicional, naquilo que diz respeito à distribuição da informação no espaço visual, levou-se em conta o número de vezes em que cada elemento ocorreu, sem necessariamente quantificar em relação ao outro descritor e ao todo.

Dessa maneira, quanto aos valores de informação, encontraram-se 184 ocorrências em que os Memes de internet foram organizados levando-se em consideração o aspecto esquerda e direita, significando claramente o elemento visual Dado e o Novo. Em 115 vezes, constatou-se a informação mais concreta aparecendo na parte inferior do plano composicional do Meme e os significados mais simbólicos ficando na parte superior. Além disso, de maneira mais repetida, evidenciou-se a inserção de elementos na posição central (149 ocorrências) do Meme de internet estabelecendo relação com aqueles em posição periférica.

Quanto ao Enquadre, 305 Memes de internet apresentaram maior regularidade de uso. Desses Memes, 62 apresentaram maior ligação entre os participantes representados ou os elementos visuais, seja pela ausência de molduras, linhas divisórias e pelo diálogo entre as cores. Outros 243 Memes, de modo claro, destacaram uma profunda separação dos

componentes imagéticos, quer pela separação de quadros, cores, quer pelas linhas divisórias. Essas singularidades composicionais podem ser observadas nos Memes abaixo:

**Figura 40: Valor e Enquadre no Meme de internet**



**Fonte:** *Fala Universidade*<sup>66</sup>, *Manual do Homem Moderno*<sup>67</sup>, *G1*<sup>68</sup>, *UOL*<sup>69</sup>

Na figura acima, quanto aos valores informacionais, observa-se a distribuição composicional em Dado e Novo (Meme 1), Ideal e Real (Meme 2) e Central e Marginal (Meme 3). Em relação ao enquadre, percebe-se que, no Meme 4, os elementos visuais aparecem de maneira mais integrada, sem linhas divisórias ou quebras de continuidade; já no Meme de número 5, apesar de ocorrer um único processo verbal, no campo visual, constata-se a segmentação do processo narrativo desenvolvido.

<sup>66</sup> Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/memes-greve-caminhoneiros/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019

<sup>67</sup> Disponível em: <https://manualdohomemmoderno.com.br/esportes/copa-do-mundo/melhores-memes-da-abertura-da-copa-do-mundo-2018>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

<sup>68</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/07/o-que-teve-copa-do-mundo-em-fotos-gifs-e-memes.html>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

<sup>69</sup> Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/copa-do-mundo/2018/album/2018/07/16/50-memes-para-nao-esquecer-da-copa-do-mundo-da-russia.htm?mode=list&foto=1>. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

Por fim, dentro do âmbito desta Metafunção, os recursos mais empregados para garantir maior Saliência a determinados elementos visuais foram *fonte* (105 ocorrências), *colagens* (94 ocorrências) e *cor* (67 ocorrências) Embora tenha sido analisada também na dimensão verbal (quanto aos aspectos ideacionais, interpessoais e textuais), no aspecto composicional, a parte linguística do Meme de internet nos interessa enquanto arte, ou seja, quando a fonte empregada é usada como recurso artístico para chamar atenção ou evidenciar determinado aspecto dentro da dimensão visual dos Memes de internet. Assim sendo, a fonte, pelo modelo e tamanho utilizado, acabou por predominar como um dos principais fatores de saliência no Meme de internet. De igual modo, a cor apareceu repetidas vezes para demarcar a palavra mais importante, o participante representado de maior valor ou outro elemento que deveria obter maior destaque na constituinte visual. As colagens, ou seja, sobreposição de uma figura ou imagem externa à imagem original, também foram encontradas repetidas vezes, seja pelo uso de *emoticons* para expressar sentimentos ou posicionamentos, seja para acrescentar características aos participantes representados no escopo imagético. Esses e outros recursos são explicitados na Figura seguinte:

**Figura 41: Recursos de Saliência no Meme de internet**



**Fonte:** Abacusliquid<sup>70</sup>, Museu de Memes<sup>71</sup>, Fala Universidades<sup>72</sup>, UOL<sup>73</sup>

<sup>70</sup> Disponível em: <https://abacusliquid.com/eleicoes-2018/memes-eleicoes-2018/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019

<sup>71</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/somos-todos-macacos/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019

<sup>72</sup> Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/eleicoes-2018-melhores-memes-turno/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019

<sup>73</sup> Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/copa-do-mundo/2018/album/2018/07/16/50-memes-para-nao-esquecer-da-copa-do-mundo-da-russia.htm?mode=list&foto=1>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019

Nos cinco exemplos apresentados, estão expressos alguns recursos comumente usados nos Memes de internet, a saber, a reconfiguração e colagens de imagens (1, 4), a sobreposição e o esmaecimento de imagens (3), o uso de contraste de preto e branco e cores (2), e, de modo predominante, a valorização da fonte como recursos artístico e de saliência do dizer (5), o que se evidencia nos tamanhos escolhidos, nas cores e no brilho empregados.

#### 6.8 O estatuto do gênero digital Meme de internet: a interface da GSF e da GDV

O trabalho de mapear, quantificar e analisar as regularidades tipificadoras do Meme de internet no português do Brasil é, antes de tudo, uma tarefa de auscultação, em que, para determinar o significado dessa expressão linguística, é necessário investigar, identificar e compreender as características de usos de linguagem no contexto online, entender a produção e circulação dos gêneros digitais e perceber o modo de funcionamento do Meme em determinado contexto de cultura.

Foi a partir dessa esteira de pensamento que, neste capítulo, analisaram-se os Memeplexos relacionados na Tabela 10, conforme descrição, quantificação e codificação seguintes:

**Tabela 09: Memeplexos 2014-2018 e codificação**

Ano	Código	Memeplexos	Número de Memes
2014	14.A	Atrasados do Enem/ ENEM	53
	14.B	Copa 2014	51
	14.C	(Não) vai ter copa, Vai ter copa	09
	14.D	Eleição 2014	55
	14.E	(Não) Somos todos	06
2015	15.A	A Meta	08
	15.B	Carta do Temer	43
	15.C	ET revoltado (#mesolta #mesegura)	40
	15.D	Já acabou, Jéssika?	30
	15.E	Senhora?	46
	16.A	ATA	16

<b>2016</b>	16.B	Bela, recata e do lar	37
	16.C	Diferentona	25
	16.D	Glória Maria na Jamaica	24
	16.E	Nazaré Tedesco/ Nazaré Confusa	09
	16.F	Percebe Ivair	12
	16.G	Podia ser a gente, mas...	45
	16.H	Porque você não amadure	29
	<b>2017</b>	17.A	Logo eu
17.B		Meio do ano e eu	39
17.C		Nunca nem vi	14
17.D		Raiz x Nutella	49
17.E		Você não	18
<b>2018</b>	18.A	Copa do Mundo 2018	66
	18.B	Cristiano Ronaldo e o filho	39
	18.C	Eleição 2018	56
	18.D	É verdade esse bilete	50
	18.E	Greve dos caminhoneiros	34
	18.F	Levanta a cabeça, princesa	48
<b>Total</b>	-	<b>29 memeplexos</b>	<b>996 memes</b>

Fonte: autoria própria

Dessa análise, quanto ao aspecto funcional da dimensão verbal, e com um trabalho fundamentado na Gramática Sistêmico-Funcional, chegou-se às seguintes regularidades preponderantes:

Tabela 10: O estatuto gramatical verbal do gênero digital Meme de internet

Período	Memeplexo	GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL											
		Metafunção Ideacional						Metafunção Interpessoal			Metafunção Textual		
		Processo material	Processo mental	Processo verbal	Processo comportamental	Processo relacional	Processo existencial	Modos oracionais			Tipos de Temas		
								Declarativo	Interrogativo	Imperativo	Tópico	Interpessoal	Textual
2014	14.A	56	11	04	04	20	01	94	01	01	52	10	34
	14.B	31	03	01	02	21	02	49	08	03	39	10	11
	14.C	06	02	03	-	-	12	14	01	08	19	01	03
	14.D	49	06	09	01	14	05	77	02	05	59	11	14
	14.E	-	-	01	-	06	-	05	02	-	05	01	01
2015	15.A	24	-	02	-	04	-	28	01	01	20	05	05
	15.B	37	10	15	-	13	-	68	05	02	44	12	19
	15.C	69	19	04	01	13	-	66	-	40	89	01	16
	15.D	38	-	01	01	03	-	17	26	-	33	-	10
	15.E	75	10	09	03	30	-	55	54	18	64	49	14
2016	16.A	15	-	04	01	05	-	24	01	-	15	-	10
	16.B	07	02	-	-	04	-	08	03	02	13	-	-
	16.C	07	14	-	02	04	-	03	24	-	27	-	-
	16.D	11	11	01	-	04	-	22	02	03	19	01	07
	16.E	06	04	-	01	07	-	18	-	-	11	-	07
	16.F	-	12	-	-	01	-	02	11	-	13	-	-
	17.G	26	05	-	01	51	01	83	01	-	46	-	38
	18.H	19	10	-	-	13	-	33	07	02	27	06	09
2017	17.A	39	25	10	02	10	-	80	06	-	71	-	15
	17.B	20	05	01	-	16	-	40	02	-	41	01	-
	17.C	11	07	11	01	05	-	30	05	-	19	03	13
	17.D	457	40	30	03	114	01	640	03	02	583	03	59
	17.E	06	01	-	-	13	-	19	-	01	19	-	01
2018	18.A	67	07	01	03	15	05	75	16	07	66	11	21
	18.B	79	11	01	06	111	02	147	20	43	136	60	14
	18.C	56	13	09	03	18	02	85	10	06	85	05	11
	18.D	69	05	03	08	72	00	156	-	01	136	03	18
	18.E	35	08	01	00	17	01	52	05	05	53	04	05
	18.F	114	02	06	01	15	00	86	02	50	91	02	45
Total	29	1429	243	127	44	619	32	2076	218	200	1895	199	400

Fonte: autoria própria

Como detalhado nas seções anteriores, os Memes de internet são compostos sintaticamente, de maneira predominante, de memeplexos miméticos, e são também, em sua maioria, verbo-visuais. Além disso, como se pode depreender dos descritores em destaque na Tabela 10, e já quanto à composição verbal, predominam os processos materiais (ação), os

modos oracionais declarativos (Proposições) e os temas tópicos (em que há a topicalização de um dos elementos da figura oracional).

Em interface com a linguagem verbal, a dimensão visual, sob a égide da Gramática do Design Visual, funcionalmente, também possui suas singularidades:

**Tabela 11: O estatuto gramatical visual do gênero digital Meme de internet**

Período		GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL																															
		Metafunção Representacional									Metafunção Interacional									Metafunção Composicional													
		Processos narrativos					Processos conceituais				Componentes interacionais									Elementos composicionais													
		A	R	M	V	C	CL	AN	SB	Olhar			Distância			Ponto de vista			Valor				Enquadre				Saliência						
										DM	O	CLP	PM	PA	FRT	OB	SP	IF	DN	I/R	C/M	ITG	SPD	COR	CT	FT	DF	MD	ST	CL	PRS	SBp	
2014	14.A	39	16	01	01	-	01	-	12	15	55	24	35	11	46	11	10	03	18	-	14	06	15	06	02	05	09	-	-	-	02	-	
	14.B	11	19	01	04	-	04	-	10	09	40	12	24	13	39	03	04	03	12	11	19	13	20	16	02	22	03	03	03	-	-	-	
	14.C	02	02	-	04	-	-	-	-	04	04	00	08	00	08	-	-	-	01	-	05	-	03	02	-	04	-	01	-	-	-	-	
	14.D	12	15	01	10	-	04	-	06	17	31	15	25	08	44	01	03	-	09	03	13	07	17	13	03	15	02	03	02	02	-	-	
	14.E	-	02	-	-	-	02	-	02	03	03	03	-	03	05	-	01	-	-	-	06	02	02	02	01	04	-	-	01	-	-	-	
2015	15.A	01	07	-	03	-	-	-	-	05	06	05	06	-	11	-	-	-	01	-	-	02	-	-	04	-	-	-	01	-	-		
	15.B	13	14	-	07	-	02	02	01	10	29	15	19	05	35	04	-	-	05	18	07	-	07	-	-	06	-	04	-	06	-	-	
	15.C	-	-	-	40	-	-	-	-	-	40	-	26	14	40	-	-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	40	-	-	
	15.D	07	09	-	13	-	-	-	03	02	30	01	05	26	31	01	-	-	-	01	-	-	-	-	-	04	-	-	-	01	-	-	
	15.E	-	-	-	49	-	-	01	02	-	52	08	39	05	52	-	-	-	33	20	06	-	09	02	-	-	12	-	-	04	-	-	
2016	16.A	05	17	-	-	-	-	-	02	17	07	15	08	01	24	-	-	-	08	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02	-	-	
	16.B	01	04	-	-	-	-	-	32	15	22	07	19	11	33	02	02	-	01	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	03	-	-	
	16.C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	16.D	03	23	-	04	-	-	-	06	12	24	16	14	06	28	01	-	07	03	-	03	-	04	-	-	03	-	-	-	02	-	-	
	16.E	-	04	01	03	-	-	-	01	-	09	08	01	-	09	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02	-	-	
	16.F	04	01	-	-	-	-	-	07	01	11	01	02	09	10	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	16.G	24	02	-	-	-	-	-	18	09	35	09	14	21	33	01	10	-	01	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	16.H	-	02	-	31	-	-	-	-	02	31	06	27	-	33	-	-	-	01	-	10	-	01	-	-	02	-	-	-	-	-	-	
2017	17.A	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	17.B	02	05	-	-	-	01	-	05	-	13	05	02	06	09	03	01	-	01	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	17.C	-	06	-	09	-	-	-	-	01	14	05	08	02	15	-	-	-	01	01	-	-	-	-	01	-	-	-	07	-	-		
	17.D	28	41	-	-	-	06	-	18	29	64	22	44	27	84	02	04	03	49	-	-	-	49	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	17.E	-	-	-	-	-	17	01	-	03	15	16	02	-	18	-	-	-	-	-	-	-	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2018	18.A	30	21	-	06	-	04	-	16	21	56	19	38	20	72	02	03	-	15	12	21	12	21	13	04	03	09	05	06	09	-	04	
	18.B	-	-	-	35	-	-	-	-	14	21	12	21	02	34	01	-	-	02	08	01	01	32	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	18.C	15	13	01	12	-	-	-	16	21	36	21	27	09	53	03	01	-	19	32	33	13	24	11	-	25	02	-	-	15	-	-	
	18.D	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	18.E	08	03	-	04	-	05	-	04	04	20	06	08	10	22	02	-	-	03	08	11	08	16	02	-	07	-	-	-	-	-	-	
	18.F	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	-	205	226	05	235	00	46	04	161	214	668	251	422	209	788	37	40	17	184	115	149	62	243	67	12	105	37	16	12	94	02	04	

**LEGENDA**

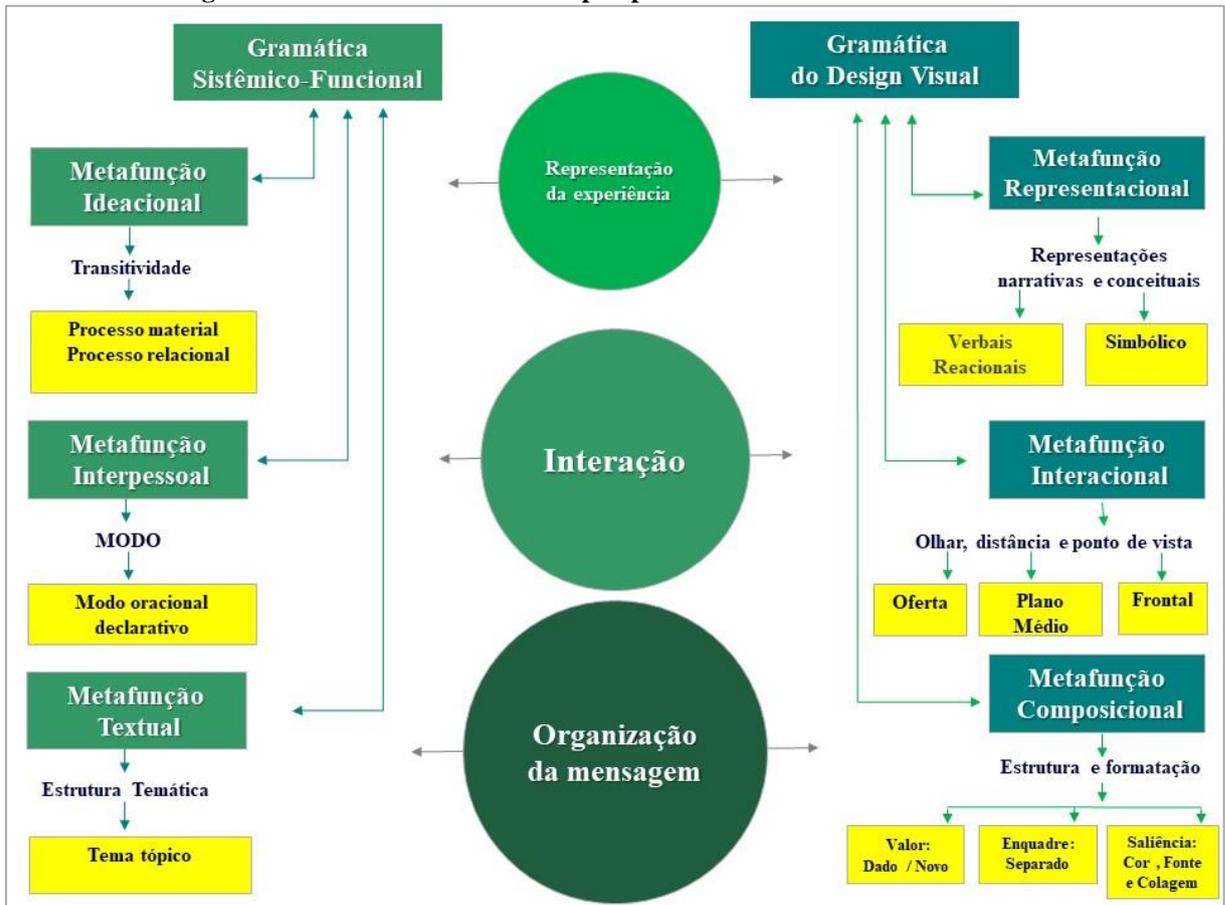
<b>A:</b> ação	<b>C/M:</b> Central e Marginal	<b>FT:</b> fonte	<b>M:</b> mental	<b>PM:</b> plano médio	<b>R:</b> reação
<b>C:</b> conversão	<b>CT:</b> contraste	<b>FRT:</b> frontal	<b>MD:</b> moldura	<b>PRS:</b> perspectiva	<b>SBp:</b> sobreposição
<b>CL:</b> classificacional	<b>DF:</b> desfoque	<b>IF:</b> inferior	<b>O:</b> oferta	<b>SB:</b> simbólico	<b>ST:</b> saturação
<b>CLG:</b> colagem	<b>DM:</b> demanda	<b>I/R:</b> Ideal e Real	<b>OB:</b> oblíquo	<b>SP:</b> superior	<b>V:</b> verbal
<b>CLP:</b> close up	<b>D/N:</b> Dado e Novo	<b>ITG:</b> integrado	<b>PA:</b> plano aberto	<b>SPD:</b> separado	

Fonte: autoria própria

Nos dados descritos na Tabela 11, visualmente, as especificidades do Meme de internet no português do Brasil, para além dos aspectos de composição sintática e semiótica já abordados, revelam a proeminência de processos narrativos, especialmente os verbais, e, em menor número, os processos conceituais simbólicos (caracterizadores); composições visuais do tipo *Oferta* (Olhar), em *Plano médio* (Distância) e o ponto de vista *Frontal*. Em relação aos elementos composicionais, na distribuição da informação, prevaleceu a relação Dado e Novo; o Enquadre apresentou-se, na maioria dos casos, separado. Por fim, a saliência, quando utilizada, valeu-se dos recursos de Cor, Fonte e Colagens predominantemente.

Assim sendo, de uma perspectiva funcionalista, em que se evidencia o estatuto gramatical verbo-visual do gênero digital Meme de internet no português do Brasil, estabelecendo sua relação com o contexto e com os atores sociais, mapearam-se as seguintes regularidades textuais quanto à construção gramatical, logo, das categorias centrais da GSF e GDV nos Memes de internet:

**Figura 42: O Meme de internet em perspectiva: interface da GSF e da GDV**



Fonte: autoria própria

Os fundamentos que nortearam a categorização das Metafunções desenvolvidas por Halliday e sistematizadas na Gramática sistêmico-funcional são basilares para a constituição da Gramática do Design Visual, consoante modelo de Krees e van Leeuwen ([1996]2006), ambas teorias funcionais de descrição das linguagens verbais e visuais, respectivamente.

Na linguagem verbal, no estrato léxico-gramatical, e por meio de escolhas sistêmicas modeladas e constrangidas pelo contexto e pelo uso linguístico, codificam-se os significados experienciais, interacionais e textuais. À similitude, a modalidade visual constrói significação por meio de uma sintaxe imagética. Desse modo, o que, na linguagem verbal, ao se produzir textos, é feito por meio da escolha entre diferentes classes de palavras e da organização da mensagem numa estrutura sintática, na dimensão visual, se realiza por meio do uso diferentes estruturas de composição, bem como de cores, colagens, fontes, brilho, enquadre, entre outros. Isto é, na sintaxe visual, também são construídos e organizados, no nível do discurso imagético, os padrões representacionais da experiência do indivíduo e as dinâmicas interacionais.

Ao se analisar e tipificar o Meme de internet na interface multifuncional da GSF e da GDV, concebeu-se, em hipótese, que a codificação dos significados, nesse gênero digital, se materializa pela combinação dos códigos verbais e visuais, ou seja, a partir da integração de distintos recursos semióticos. E, de fato, como constatado na análise, o Meme de internet prototípico, mesmo mediante a sua alta plasticidade, se configura, quanto à composição semiótica e sintática, como um gênero textual digital tipificado por uma composição predominantemente verbo-visual e mimética (padronização sintática e estrutural de composição).

Isso implica dizer que os significados atribuídos ao texto mêmico são resultantes da leitura do conjunto dos modos semióticos e da compreensão das modalidades verbal e visual nele presentes, entendendo que a presença de recursos visuais não é mera complementação ou adorno ao texto escrito, mas contribui e concorre, em paralelo, para a construção de significados desse gênero digital.

Nessa perspectiva imbricada da construção dos sentidos, em que a representação da experiência, a codificação da interação e a organização da mensagem se realizam no diálogo da modalidade visual e verbal, a eleição da GSF e da GDV para análise e tipificação, em interface, do gênero digital se sustenta e se tornou imprescindível.

Assim, da observação da completude verbo-visual do Meme de internet, no que diz respeito à **representação da experiência**, gramaticalmente, na dimensão verbal, constatou-se a predominância dos processos materiais e relacionais; visualmente, dos processos narrativos verbais e reacionais, bem como dos conceituais simbólicos. Em relação aos **aspectos**

**interacionais**, os modos oracionais declarativos tipificam os Memes de internet verbalmente; no escopo visual, a sintaxe é construída com imagens do tipo Oferta, em plano médio e ponto de vista frontal. Quanto à **organização da mensagem**, no nível discursivo, os temas do tipo tópico, em que se constata a presença de processos, participantes e circunstâncias; na composição do espaço visual, os recursos mais utilizados são a posição Esquerda/Direita (Dado/Novo), com enquadre tipicamente separado, valendo-se da cor, fonte e colagem como faculdades de saliência predominantes.

A validade de uma observação do gênero digital Meme de internet na interface da GSF e da GDV encontra coerência e se sustenta na abordagem multifuncional da linguagem verbal e visual, codificando e organizando a mensagem, ambas, a representação da experiência e os processos interacionais no nível do discurso.

É importante salientar que os gêneros textuais emergentes das redes sociais, texto tipicamente oriundos do ambiente da Internet, são, em especial o Meme de internet, para usar os termos de Gouveia (2009), expressões modeladas no que diz respeito aos aspectos textuais e à composição gramatical, devido às dinâmicas de contexto e pela interação social, em outros termos, são constrangidas pelo modo como nos relacionamos, pelos usos sociais da linguagem e como refletimos e representamos os padrões de nossa existência. Essa compreensão da relação entre texto e contexto sustenta a escolha da GSF e da GDV, em interface, como teorias funcionais de análise do gênero digital Meme de internet, pois é só da observação de suas características semióticas verbo-visuais e da conjuntura de usos da qual emerge que é possível entender o estatuto tipificador dessa expressão textual em sua completude.

## CONCLUSÕES

A partir de uma perspectiva funcionalista da linguagem verbal, da linguagem visual e do gênero textual, descreveu-se, neste trabalho, o estatuto gramatical multifuncional do gênero digital Meme de internet no português do Brasil. Tomando como base a interface dos princípios teórico-metodológicos da Gramática Sistemico-Funcional e da Gramática do Design-Visual, foram mapeados e quantificados os aspectos proeminentes da dimensão verbal e visual do Meme, traçando-se considerações sobre as regularidades funcionais tipificadoras desse gênero digital. Tal descrição se orientou pelos seguintes critérios de análise:

- Quanto à composição sintática e/ou estrutural: em miméticos e metamórficos, conforme distinção da Memética;
- Quanto à composição semiótica: entre verbais ou verbo-visuais;
- Em relação ao constituinte léxico-gramatical, quantificou-se as regularidades predominantes quanto às Metafunções ideacional (processos oracionais), interpessoal (modos oracionais) e textual (tipos de tema);
- No que se refere ao constituinte visual, descreveu-se e quantificou-se os componentes representacionais (processos de ação e conceitual), interacionais (olhar, distância, ponto de vista) e composicionais (posição, enquadre, saliência).

A linguagem na Internet abriga uma série de realizações insólitas, tendendo para a informalidade, menor monitoração e cobrança, sintaxe elíptica e fragmentada, supressão de termos e palavras, todas características geradas “pela fluidez do meio e rapidez do tempo” (MARCUSCHI, 2004, p. 29). Todas essas características, em graus diferenciados, foram encontradas no Meme de internet e representaram um desafio descritivo, que só pôde alcançar êxito por conta da abordagem funcional adotada. Por exemplo, a título de descrição e quantificação, consideraram-se todas as formas de ocorrências de palavras, mesmo quando abreviadas, não acentuadas ou com alterações na grafia em decorrência da pronúncia. Nos modos oracionais, para a taxonomia dos tipos de oração, levou-se em conta o contexto do Meme e a maneira de articulação com os outros termos oracionais. Desse modo, mesmo quando ausente, por exemplo, o ponto de interrogação, mas presente a constituição significativa de Oferta ou Pergunta, contabilizou-se como um modo oracional interrogativo.

Essas considerações que nortearam a abordagem metodológica e a análise de cada ocorrência mêmica podem ser vislumbradas a seguir:

**Figura 43: Exemplo da linguagem de Internet no Meme de internet**



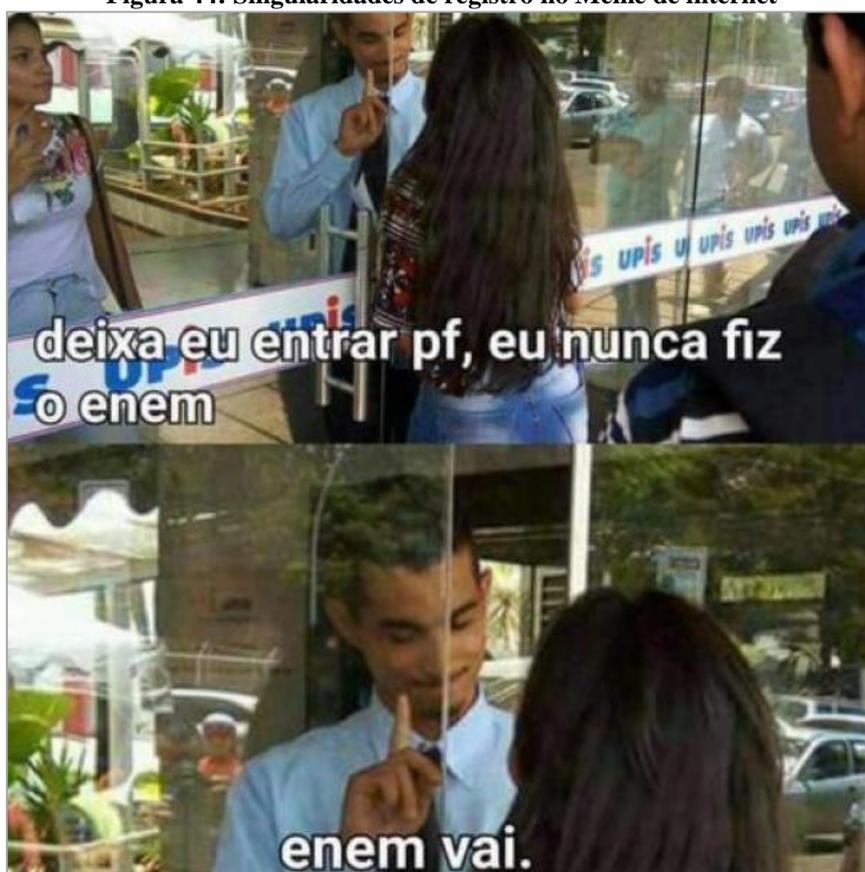
Fonte: Uol<sup>74</sup>

De fato, o Meme de internet é um encapsulador da dinâmica de interação online, ora intencionalmente, se realizando de modo mais filiado às concepções normativas, ora à plasticidade, informalidade e dinamicidade da Internet. No que diz respeito ao Meme acima, linguisticamente estamos diante de um complexo oracional formado por um processo material (chego), um processo mental (lembro) e um processo relacional (tinha), todas as orações igualmente declarativas. Contudo, ao se mapear no âmbito da Metafunção textual, precisamente quanto aos tipos de tema, temos um primeiro problema: estamos diante de uma conjunção temporal abreviada (qnd = quando), característica comum nos usos da linguagem online. Entendendo a que essa abreviação se refere, ficou mais fácil decidir por classificar e quantificar como uma cláusula que tem como tema um conectivo temporal, e logo concluir que estamos diante de um Tema Textual.

Processo semelhante ocorreu no tratamento conferido ao Meme a seguir, que só pode ser entendido e analisado em sua completude, se compreendido no contexto e cotexto de produção e circulação:

<sup>74</sup> Disponível: <https://www.bol.uol.com.br/memes/album/2017/11/06/confira-memes-dos-atrasados-no-primeiro-dia-do-enem-2017.htm?mode=list&foto=12>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.

**Figura 44: Singularidades de registro no Meme de internet**



Fonte: Museu do Meme<sup>75</sup>

O Meme se realiza a partir de um complexo oracional composto por quatro processos materiais (deixar, entrar, fazer e ir), sendo, quanto aos modos oracionais, imperativo, declarativo, declarativo e declarativo, respectivamente. No entanto, o último processo oracional é introduzido pelo vocábulo “enem”, um trocadilho jocoso entre as grafias e a pronúncia do processo seletivo Enem e a sonoridade da locução conjuntiva (e nem). Compreendendo a construção do significado do gênero digital contextualmente, também, nesse caso, classificou-se a estrutura temática como Tema textual, uma vez que a oração é encabeçada por um conectivo aditivo (e).

De fato, como se delineou no corpo desta tese, a ascensão de cada nova tecnologia de informação e comunicação produz transformações nas arquiteturas de relação entre os indivíduos e, por conseguinte, mudanças consideráveis nos usos de linguagem e nas múltiplas expressões textuais que permeiam os processos interacionais. Isso pode ser constatado com muita propriedade se observado o advento da comunicação mediada por computador e o

<sup>75</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/atrasados-do-enem-showdosatrasados/>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.

ascendimento da Internet, especialmente, das redes sociais de compartilhamento na era da WEB 2.0.

Nesse contexto interativo online, o usuário recebe um grande volume de informações, produz inúmeros textos e compartilha ou replica diversas expressões textuais multissemióticas. De modo dinâmico e marcado pela alta velocidade do ambiente da Internet, o participante das práticas comunicativas na Web 2.0 situa-se nos dois polos de circulação do texto, isto é, na produção e na recepção (CRYSTAL, 2004). Isso é possível devido ao elevado grau de plasticidade da linguagem na Internet, que permite às pessoas atuarem nos dois eixos da comunicação. Em outros termos, as pessoas não apenas leem o texto, mas também podem fazer inserções às suas formas e alterações em seu estilo ou conteúdo antes de replicar novamente.

Além do que, e conforme se ressaltou no capítulo primeiro deste trabalho, a linguagem em uso na Internet, especialmente nas redes sociais, pode ser considerada como uma linguagem em seu estado natural de produção (MARCUSCHI, 2004). Nesta festa linguística (CRYSTAL, 2004), encapsula a dinâmica de interação online, gerando toda sorte de manifestações textuais, sejam aquelas mais filiadas às concepções tradicionais ou mesmo com maior plasticidade, num profundo amálgama de semioses.

Nas plataformas de acesso à Web 2.0, tal interação se materializa, de maneira distinta, em múltiplos textos, por meio de imagens, vídeos, montagens e inúmeros gêneros emergentes da cultura virtual. Os gêneros textuais, expressões linguísticas contextualmente situadas, absorvem essas diversas singularidades de uso, o que acaba produzindo transformações em padrões textuais pré-existentes e mesmo o surgimento de uma gama de gêneros textuais modelados pela interação no contexto online, a exemplo do Meme de internet.

Originalmente, o vocábulo meme, criado a partir da redução da palavra grega *Mimeme*, pelo zoólogo Richard Dawkins, em 1976, à similitude das características replicadoras do gene biológico, era concebido como o gene da cultura, uma unidade de transmissão cultural responsável pela propalação de ideias, pensamentos e comportamentos ao longo da história humana (DAWKINS, 2017).

No decurso deste trabalho de pesquisa, evidenciou-se o deslocamento de sentido do termo Meme, que, na Internet, passa a aludir a toda forma de expressão textual que se replica com grande celeridade nas redes sociais. Tal gênero digital alcança profundo acolhimento e uma larga escala de produção e replicação no contexto de cultura brasileiro, podendo ser compreendido, no escopo desta tese, como um gênero digital multimodal que, a partir da memetização de fatos socioculturais e de um acentuado tom humorístico, dialoga com as demandas e as questões da sociedade.

Como se constatou, de fato, o Meme de internet encerra em si mesmo as características contexto online, ou seja, os vários fatores do ambiente da cibercultura acabam por determinar a própria seleção do sistema linguístico materializado nos textos mêmicos.

Dessa maneira, traçando contornos mais nítidos para a vaguidão conceitual que circundava a definição do Meme, nesta esteira de entendimento, levando em consideração todos esses fatores do contexto de situação, os Memes de internet, no contexto de cultura do Brasil, podem ser tipificados, em sua gramática verbal, como gêneros digitais do tipo acional e relacional, em que são expressas ações concretas do participante oracional ou são representadas características intrínsecas do participante. Além disso, em cláusulas declarativas, são topicalizados os elementos do processo de transitividade, dando relevância para quem faz, o que é feito e em que circunstâncias isso acontece.

Em paralelo, e complementarmente, na dimensão da gramática visual, tomam forma os processos de fala e reacionais, em que ao participante representado é delegada voz ou este parece reagindo a determinada realidade. Além disso, na composição visual, os participantes são postos à observação do participante interativo (Demanda), em uma gramática visual que garante a familiaridade, proximidade e equidade do participante interativo com os processos visuais construídos nos Memes de Internet. Também, como forma de construção semântica, para além das questões relacionadas aos tipos de processos visuais e a interação entre participantes, nos Memes, os processos podem ser segmentados quadro a quadro, dividindo informação compartilhada e informação nova, valendo-se de recursos que podem ser utilizados para se evidenciar a ideia que se quer replicar, a saber, uso de diversos padrões de fontes, cores chamativas e mesmo colagens nas imagens (geralmente a serviço do humor e da construção de processos conceituais simbólicos).

É pertinente salientar que as considerações desenvolvidas ao longo desta tese levaram em consideração as produções mêmicas no lustro de 2014-2018, demarcando, nesse espaço de tempo, as regularidades que se acentuaram como tipificadoras do gênero digital Meme de internet. No entanto, ressalta-se que as produções de textos mêmicos e o som dessa expressão multissemiótica reverberam com ainda mais forças nesta passagem de década. Desse modo, contextualizando o Meme de internet no contexto de cultura brasileiro, constata-se uma alta penetração e produção social do gênero, em que nenhum tipo de assunto está imune a ser memetizado, como os políticos, econômicos, judiciais, policiais, educacionais e culturais:

Figura 45: Meme e Contexto de Cultura



Fonte: redes sociais

Além disso, as campanhas publicitárias e as empresas de comunicação parecem ter se rendido ao Meme de internet, propulsando suas vendas e marcas a partir do diálogo com as singularidades do texto mêmico:

Figura 46: Meme, publicidade e comunicação



Fonte: redes sociais

Outro aspecto relevante para futuras pesquisas é o surgimento de uma alegada consciência memética e de um discurso metamêmico no contexto de cultura brasileiro, bem como de uma intertextualidade entre modelos miméticos de produção, como ilustram as ocorrências e os comentários em destaque:

**Figura 47: Meme, intertextualidade e consciência memética**



**Fonte:** redes sociais

Dessa maneira, essa conjuntura nos indica que o tema se configura como um desafio teórico-metodológico a ser desbravado em futuras pesquisas e, por isso mesmo, tem sido abordado pelas mais diferentes correntes linguísticas. Especialmente na área descritiva, os Memes de internet começam a ganhar espaço e a serem analisados a partir de várias perspectivas teóricas, como no caso das pesquisas de base cognivista. Destacam-se, por exemplo, os trabalhos de Vandelanotte e Dancygier (2017), e Zenner e Geeraerts (2018), entre outros, para quem o Meme de internet é um importante campo para expandir o escopo da linguística

cognitiva por meio do estudo de suas propriedades construcionais e multimodais, considerando então a existência de *construções multimodais*. Assim, essas considerações nos revelam que o assunto é complexo, multifacetado e está longe de ser esgotado, haja vista o intenso nível de produção, circulação e replicação do Meme de internet nas línguas de uma maneira geral.

À guisa de conclusão, parafraseando Machado de Assis, resta dizer que o fim evidente desta tese era atar as duas pontas da escrita e restaurar, na conclusão, a palavras primeiras da epígrafe. Nos dois textos de Manoel de Barros citados, vemos um teor metalinguístico ou metapoético. *Retrato do artista quando coisa* é uma ode ao uso de linguagem em total liberdade, uma forma de profissão de fé da concepção poética do escritor pantaneiro. Na prosa poética *Um olhar*, o autor, uma vez mais, professa suas concepções de texto e dos usos que lhe atribui. Dessa maneira, a poesia, personificada como a namorada do poeta, possui um olhar oblíquo, que vê o estado de coisas a partir de outra perspectiva que não seja a ortodoxa, prescritiva e padronizada.

Por isso, ao tomarmos como objeto de estudo um gênero digital emergente do contexto das redes sociais, pesamos de que forma a dinâmica de atuação nesse ambiente, a alta velocidade das comunicações e a menor monitoração discursiva afetaram a constituinte genérica, a estrutura sintática, a escolha das palavras ou mesmo aquilo que não é dito, mas está implícito. Do mesmo modo, ao se trabalhar com descrição das construções gramaticais no ambiente online, bem como com tipificação de gênero digital precisa-se ter a mesma sensibilidade demonstrada pelo poeta. Nesse contexto, o texto não tem “existidura de limites”, não se constitui a partir de uma percepção enrijecida de linguagem ou se submete a um conjunto de princípios linguísticos normativos. É, sobretudo, ao uso e às dinâmicas de interação que se dobra. Em outros termos, suas regularidades se constroem numa menor monitoração, pela transgressão dos limites entre a fala e a escrita, pela construção conjunta e dialética de múltiplas semioses, em que o texto emerge de um contexto e para ele é igualmente convergente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, J.C; LIMA NETO, V. Gêneros digitais em emergência: uma proposta de análise do scrap do Orkut. **Revista do Gelne**, Piauí, v.11, n.2, 2009
- ARAÚJO, E. V. F; VILAÇA, M. L. C. Questões de comunicação na era digital: tecnologia, cibercultura e linguagem. **E-escrita/Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis**, v.3, Número 2, Mai. -Ago. 2012
- ARAGÃO, R. M; SOUZA, I. **Onde a zoeira encontra seu limite**: uma análise do uso de memes no jornalismo do estado. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Caruaru/PE, 2016
- ARAÚJO, J. C. O internetês não é língua portuguesa?. **Vida e educação**, ano 4, n. 13, p. 28-29, mar./abr, 2007.
- ARAÚJO, E.V.F; VILAÇA, M.L.C. Questões de comunicação na era digital: tecnologia, cibercultura e linguagem. **E-escrita**, Nilópolis, v.3, Número 2, Mai. -Ago. 2012
- ARAGÃO, R. M; SOUZA, I. **Onde a zoeira encontra seu limite**: uma análise do uso de memes no jornalismo do Estadão. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.
- AREIAS, A; TEIXEIRA, M. H. R. **Bela, Recatada e Do Lar**: o Meme Digital como instrumento de expressão identitária. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Digital integrante do XI Encontro Nacional de Pesquisadores de História da Mídia – Alcar, 2017.
- BAYM, N. K. **The Performance of Humor in Computer-Mediated Communication**. In: *Journal of Computer-Mediated Communication* Vol.1, Issue 2. Set. 1995.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. 3a. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BLACKMORE, S. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. **The Power of Memes**. *Scientific American*, New York, v. 283, p. 64-73, October, 2000.
- Bezerra, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BISOGNIN, T. R. **Sem Medo do Internetês**. Porto Alegre: Age, 2009.
- BONFIM, L. A. S; NASCIMENTO, M. S. P. A modalidade escrita da Língua Portuguesa no ambiente virtual. **Cairu em Revista**, ano 03, nº 04, p. 2 08-219, Jul/Ago, 2014.

BÖRZSEI, L. **Makes a meme instead: a concise history of internet memes.** *New Media Studies*, n. 7, p. 152-189, 2012/2013.

CABRAL, S. R. S.; FUZER, C. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua Portuguesa.** Campinas/SP: Mercado das Letras, 2014

CALIXTO, D. O. **Memes de internet: entrelaçamentos entre Educomunicação, cibercultura e a ‘zoeira’ de estudantes nas redes sociais.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo: 2017, 233p.

CALVO, B. V; CASSANY, D. Leer en línea en el aula. **Revista Peruana de Investigación Educativa**, n. 6, pp. 63 – 87, 2014

CARVALHO, F.F. **A primeira página de jornais portugueses à luz da análise multimodal.** *ANGLO-SAXÔNICA*. Série II, número 26, p. 222-243, 2008

CASSANY, D; VALERO, M. J; VÁZQUEZ, B. Desenredando la web: la lectura crítica de los aprendices de lenguas extranjeras en entornos digitales. *Ocnos*, 13, 7-23, 2015

CASTELFRANCHI, C. Towards a Cognitive Memetics: Socio-Cognitive Mechanisms for Memes Selection and Spreading. **Journal of Memetics – Evolutionary Models of Information Transmission**, v.5, p. 1-21, 2001. Disponível em: [http://cfpm.org/jom-emit/2001/vol5/castelfranchi\\_c.html](http://cfpm.org/jom-emit/2001/vol5/castelfranchi_c.html) . Acesso em: 01 de julho de 2018

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** 5. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2001

\_\_\_\_\_. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CELIDONIO, Bruno. Adaptação cultural e ressignificação de memes: um estudo teórico. **Temática**. Ano XII, n. 01. Janeiro/2016. NAMID/UFPB. Disponível: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso: 01 de julho de 2018

CHAGAS, V. 2011. Museu do Meme. Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/> . Acesso em: 25 de setembro de 2018

CHIELENS, K; HEYLIGHEN, F. Cultural evolution and memetics. In: B. Meyers (Ed.), **Encyclopedia of complexity and system science**, 2009. Disponível em <<http://pespmc1.vub.ac.be/Papers/Memetics-Springer.pdf>>. Acesso: 01 de junho de 2018

COELHO, C.; MARTINS, R. Memes de internet, visualidades e discurso humorístico. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 11, n. 1, p. 121-139, jan./abr. 2018.

CRYSTAL, D. **Language and the Internet.** UK: Cambridge, 2004

\_\_\_\_\_. **A revolução da linguagem.** Tradução de Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DANCYGIER, B.; VANDELANOTTE, L. **Internet memes as multimodal constructions.** *Cognitive Linguistics*, 2017; 28(3): 565–598

DARWIN, C. **A origem das espécies**. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2004.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. **O gene egoísta**. São Paulo: Itatiaia, 1979.

\_\_\_\_\_. **Just for hits**. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=GFnixX9edg](http://www.youtube.com/watch?v=GFnixX9edg). Acesso em: 11 de julho de 2018.

DENNETT, D. C. **A perigosa ideia de Darwin**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DIAS, F.; GROHMANN, R.; KARIME, P.; TELES, N. **Memes, Uma Meta-análise**: Proposta a Um Estudo Sobre As Reflexões Acadêmicas do Tema. Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: 2015

DUARTE, G. A. **No universo especulativo dos memes da copa**: expressão social, consumo e entretenimento na trajetória da seleção brasileira. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 06 – Comunicação, Consumo e Subjetividade, do 4º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 08, 09 e 10 de outubro de 2014.

FERREIRA, F. B; SHEPHERD, T. M. G. **O “internetês” e os “mal-entendidos” no mundo virtual**: sob a ótica da teoria da valoração. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística**. vol. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística**. vol. II. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.

FONTANELLA, Fernando. **Bem-vindo à Internets: Os subterrâneos da Internet e a cibercultura vernacular**. In: XXXIV Intercom - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 2011a

\_\_\_\_\_. **Explorações da cibercultura vernacular: digitla trash, ironia e a domesticação da Internet**. In: XIII Intercom – Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Maceió, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Nós somos Anonymous: anônimo, trolls e a subcultura dos imageboards**. In: XXXIII Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, 2010.

\_\_\_\_\_. **O que é um meme na Internet? Proposta para uma problemática da memesfera**. In: Anais III Simpósio Nacional ABCiber, São Paulo, 2009.

GALLI, F.C.S. Linguagem da internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L.A. & XAVIER, A.C. (Orgs.) **Hipertextos e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.p.68-90.

GEERAERTS, D.; ZENNER, E. **One does not simply process memes**: Image macros as multimodal constructions. 10.1515/9783110586374-008.

GOETHEL, M. F.; TREVISAN, M. K. **Meme**: intertextualidades e apropriações na Internet. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Digital, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e Gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**, rio de janeiro, v.16, n.24, jan./jun, 2009

GUNDERS, J.; BROWN, D. **The Complete Idiot's Guide to Memes**. New York: Alpha, 2010.

HALLIDAY, M.A.K. **El lenguaje como semiótica social**: La interpretación social del lenguaje y del significado. Trad. de Jorge Ferrero Santana—México : FCE, 1979.

\_\_\_\_\_. **Language as social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978

\_\_\_\_\_. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985

\_\_\_\_\_. **An introduction to functional grammar**. 2a ed. London: Edward Arnold, 1994

\_\_\_\_\_. **An introduction to functional grammar**. 3a ed. Revisada por C. M. I. M. Matthiessen. London: Edward Arnold, 2004

\_\_\_\_\_. **An introduction to functional grammar**. 4a ed. Revisada por C. M. I. M. Matthiessen. London e New York: Routledge, 2014

HEYLIGHEN, F. Memetics. In: RECUERO, R. C. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. Conexões nas Redes Midiáticas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 32, p. 23-31, abr. 2007.

\_\_\_\_\_. "Evolution of Memes on the Network", in: Ars Electronica Festival 96. Memesis: the future of evolution, G. Stocker & C. Schöpf (eds.) (Springer, Vienna/New York), 1996, p. 48-57. <http://pespmc1.vub.ac.be/MEMENET.html>. Acesso: 01 de junho de 2018

\_\_\_\_\_. (1997). Memes on the Net. In: **Principia Cybernetica Web**. Disponível em: <http://pespmc1.vub.ac.be/MEMENET.html>. Acesso: 01 de junho de 2018

Hine, C. (2000). **Virtual ethnography**. London: SAGE Publications.

HIRATA-VALE, F. B. M. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil**: contínuo semântico-pragmático. 2005. 160 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. Dissertação (Mestrado). Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

JOUXTEL, Pascal. **Comment les systèmes pondent**: une introduction à la mémétique. Paris: Le Pommier, 2005

JUNQUEIRA, A. H. Os memes e sua apropriação pelo marketing digital: a experiência da rede brasileira de *fast-food* Giraffas. **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 19-30, jul./dez. 2016

KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOMESU, F. C. Visões da língua(gem) em comentários sobre internetês não é Língua Portuguesa. **Revista Filologia e linguística portuguesa**. São Paulo, SP, n. 8, p. 425-437, 2006

\_\_\_\_\_. Internetês para interneteiros: (velhas) questões sobre escrita. **Estudos Linguísticos**, setembro-dezembro, p. 100 / 107, 2007

KOMESU, F. C; TENANI, L. A relação fala/escrita em dados produzidos em contexto digital. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 211-225, 1º sem. 2009a

\_\_\_\_\_. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 621-643, set./dez. 2009b

Kozinets, R. **Netnography**. London: Sage, 2010

KRESS, G. **Literacy in the New Media Age**. New York: Routledge, 2010

\_\_\_\_\_. **Multimodality**: a social semiotic approach to contemporary communication. New York: Routledge, 2010

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. 2001. **Multimodal discourse**. London: Arnold.

\_\_\_\_\_. **Reading Images**: The Grammar of Visual Design. 2nd. London: Routledge, 2006

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. **Das tábuas da lei à tela do computador**: a leitura em seus discursos. São Paulo: Ática, 2009.

LEÃO, W.C.A. Gênero digital e seus propósitos comunicativos: uma análise em perfis pessoais de sites de relacionamento. **Texto livre: linguagem e tecnologia**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 83-99, jan.-jun. 2017

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora , 1999

LIMA-LOPES, R. E. **Sociosemiótica da produção audiovisual: uma proposta metodológica para análise multimodal da comunicação em vídeo** (p. 282). Doutorado em Linguística Aplicada - Área de concentração: Linguagem e Tecnologias–Campinas. IEL – Instituto de Estudos da Linguagem (Universidade Estadual de Campinas), 2012

\_\_\_\_\_. Apontamentos sobre mídias digitais: qual caminho para o gênero 2.0?.In: LIMA-LOPES, R.E.; BUZATO, M.E.K (Orgs). **Gênero Reloading**. Campinas: Pontes editora, p. 67-93, 2018

LUCENA, Giselle Xavier d'Ávila. **Quem conta um conto aumenta um ponto: os memes e a pesquisa na comunicação.** Revista Tropos, volume 1, número 4, edição de dezembro de 2015

MAGNABOSCO, G. G. Hipertexto e gêneros digitais. Modificações no ler e escrever. **Conjectura**, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009

MARCONATO, S. A revolução do internetês. **Revista Língua Portuguesa**, v. 1, n. 5, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula.** *Linguagem & Ensino*, Vol. 4, Nº 1, 2001.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.A. & XAVIER, A.C. (Orgs.) **Hipertextos e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.68-90

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 9 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** 3. ed. São Paulo, SP : Parábola, 2009

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004

MELO, L.B.M. **Construção do espaço virtual na internet – como as pessoas se localizam em ambiente de chat.** 2004. 230 f. Tese (Doutorado) – Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

NEVES, M. H. M. **Uma visão geral da gramática funcional** São Paulo: Alfa, 38: 109-127, 1994

\_\_\_\_\_. **Gramática do português falado.** Novos estudos. Vol. VII. São Paulo/Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. 752p.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000. 1037p.

\_\_\_\_\_. **Descrição do português.** Definindo rumos de pesquisa. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001b. 184 p.

\_\_\_\_\_. **As estratégias discursivas e suas implicações na relação entre oralidade e escrita – um Estudo do parêntese na crônica.** *Linguística*: Vol. 27, junho 2012: 77-97

NAHON, K. **Political Viral Memetics: Challenging Institutions of Power**, 2015. Disponível em <<http://culturedigitally.org/2015/11/memeology-festival-06-political-viralmemetics-challenging-institutions-of-power/>> Acesso em 10 abr. 2017

NOONEY, L.; PORTWOOD-STACER, L. One Does Not Simply: An Introduction to the Special Issue on Internet Memes. **Journal of visual culture**, v. 13, n. 3, p. 248 - 252, dez. 2014.

NOVELLINO, M. O. **Fotografias em livro didático de inglês como língua estrangeira: Análise de suas funções e significados.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2007

O ANTAGONISTA. **MPE identifica mais de mil irregularidades em candidaturas.** Disponível em: [https://www.oantagonista.com/brasil/mpe-identifica-mais-de-mil-irregularidades-em\\_candidaturas/](https://www.oantagonista.com/brasil/mpe-identifica-mais-de-mil-irregularidades-em_candidaturas/) . Acesso em: 24 de agosto de 2018

OLIVEIRA NETA, J. P. Por uma Tipologia dos Memes da Internet. In: **ENTREMEIOS.** Volume 13, número 2, jul-dez./2017

OLIVEIRA NETA, J. P. **A imagem técnico-memética no Facebook.** 163 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PAIVA, V.L.M.O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A. & XAVIER, A.C. (Orgs.) **Hipertextos e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.p.68-90

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital:** entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PRETI, D. (Org.) **Oralidade em textos escritos.** Projetos Paralelos. - NURC/SP. V.10.São Paulo: Humanitas, 2009, 316p.

PRIMO, A. Digital trash e lixo midiático: a cauda longa da micromídia digital. In: PEREIRA, Vinicius A. **Cultura digital trash:** linguagens, comportamentos, entretenimento e consumo. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

RECUERO, R. C. Teoria das redes sociais e redes sociais na internet: considerações sobre o Orkut, os weblogs e os fotologs. Disponível em: [http://www.rits.org.br/redes\\_teste/rd\\_tmes\\_jun2005.cfm](http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_tmes_jun2005.cfm). Acesso em: 01 de junho de 2018

RECUERO, R. C. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. Conexões nas Redes Midiáticas. **Revista FAMECOS,** Porto Alegre, n. 32, p. 23-31, abr. 2007.

RODRIGUES, B. **Webwriting:** Redação e Informação para a Web. São Paulo: Brasport, 2006.

ROJO, R. **Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, W. Q. A sintaxe verbo-visual do Meme de internet no português do Brasil. In: LIMA-LOPES, R.E.; BUZATO, M.E.K (Orgs). **Gênero Reloading.** Campinas: Pontes editora, p. 67-93, 2018

SANTOS, Z. B. A Linguística sistêmico-funcional: algumas considerações. **SOLETRAS** – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, número 28, jul.-dez, 2014

SHIFMAN, Limor. Memes in a Digital World: Reconciling with a Conceptual Troublemaker. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 18, n. 3, p. 362-377, abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Memes in digital culture. Cambridge: MIT Press, 2014a

\_\_\_\_\_. The Cultural Logic of Photo-Based Meme Genres. *Journal of Visual Culture*, v. 13, n. 3, p. 340-358, dez. 2014b. Disponível em <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1470412914546577>> Acesso em: 01 de junho de 2018

SILVA, A. A. Memes virtuais: gênero do discurso, dialogismo, polifonia e heterogeneidade enunciativa. In: **Revista travessias**. Vol. 10, nº 3, 28ed. 2016.

SILVA, S. L. Explorações da linguagem na aula de comunicação: o chat educacional. In: RIBEIRO, A. E. et al (Orgs.) **Linguagem, Tecnologia e Educação**. Minas Gerais: Peirópolis, 2010.

SOUZA, C. F. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço **VÉRTICES**, Campos dos Goytacazes/ RJ, v.15, n. 1, p. 127-148, jan./abr. 2013

SOUZA JÚNIOR, J. Memes da Internet, referenciação e sua produtividade funcional. In: **XI Fórum de Estudos Linguísticos da Uerj**. 2012, Rio de Janeiro – RJ. XI Fórum de Estudos Linguísticos da Uerj – *Anais*, 2012.

SOUZA JÚNIOR, Jaime. Memes da internet e a produtividade funcional: um argumento Sistêmico-funcional e Crítico-Discursivo para a propagação dos fenômenos. In: **Texto livre: linguagem e tecnologia**, vol. 06, n. 02, 2013

SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. New York: Cambridge University Press, 1990.

TOLEDO, Gustavo Leal. **Controvérsias Meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Filosofia do Centro de Teologia e Ciências Humanas. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.

TYLER, T. **Memetics: Memes and the Science of Cultural Evolution**. 2011

TYLER, T. On memetics. 2010. Disponível em: <http://onmemetics.blogspot.com.br/2011/09/tim-tyler-internalism-vs-externalism-in.html>. Acesso em: 11 de julho de 2018



